﻿Project Gutenberg's Cartas de Inglaterra, by José Maria Eça de Queirós

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

Title: Cartas de Inglaterra

Author: José Maria Eça de Queirós

Release Date: May 29, 2008 [EBook #25641]

Language: Portuguese

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CARTAS DE INGLATERRA \*\*\*

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images

of public domain material from Google Book Search)

Cartas de Inglaterra

Eça de Queirós

Cartas de Inglaterra

Porto

LIVRARIA CHARDRON

de Lello & Irmão--Editores

1905

Obras de EÇA de QUEIROZ

\*O crime do padre amaro.\* Quarta edição inteiramente refundida,

recomposta, e differente na fórma e na acção da edição primitiva.

1 grosso volume.................................................. 1$200

\*Os Maias.\* Segunda edição. 2 grossos volumes.................... 2$000

\*A cidade e as Serras.\*.......................................... 800

\*O Mandarim.\* Quarta edição. 1 volume............................ 500

\*O primo Basilio.\* Quarta edição. 1 grosso volume................ 1$000

\*A Reliquia.\* Terceira edição. 1 grosso volume................... 1$000

\*Contos.\* 1 volume............................................... 600

\*As minas de salomão.\* 1 volume.................................. 600

\*Correspondencia de Fradique Mendes.\* 1 volume................... 600

\*Revista de Portugal.\* 4 grossos volumes......................... 12$000

\*A Illustre Casa de Ramires.\* 1 volume........................... 1$000

\*Prosas Barbaras.\* 1 volume...................................... 600

\_No prélo:\_

\*Echos de Paris\*

\*S. Christovam\* (inedito)

Porto--IMPRENSA MODERNA

I

Afghanistan e Irlanda

Os inglezes estão experimentando, no seu atribulado imperio da India, a

verdade d'esse humoristico logar-commum do seculo XVIII: «A Historia é

uma velhota que se repete sem cessar.»

O Fado ou a Providencia, ou a Entidade qualquer que lá de cima dirigiu

os episodios da campanha do Afghanistan em 1847, está fazendo

simplesmente uma copia servil, revelando assim uma imaginação exhausta.

Em 1847 os inglezes, «por uma razão d'Estado, uma necessidade de

fronteiras scientificas, a segurança do imperio, uma barreira ao dominio

russo da Asia...» e outras coisas vagas que os politicos da India rosnam

sombriamente, retorcendo os bigodes--invadem o Afghanistan, e ahi vão

aniquilando tribus seculares, desmantelando villas, assolando searas e

vinhas: apossam-se, por fim, da santa cidade de Cabul; sacodem do

serralho um velho emir apavorado; collocam lá outro de raça mais

submissa, que já trazem preparado nas bagagens, com escravas e tapetes;

e, logo que os correspondentes dos jornaes têm telegraphado a victoria,

o exercito, acampado á beira dos arroios e nos vergeis de Cabul,

desaperta o correame e fuma o cachimbo da paz... Assim é exactamente em

1880.

No nosso tempo, precisamente como em 1847, chefes energicos, Messias

indigenas, vão percorrendo o territorio, e com grandes nomes de \_Patria\_

e de \_Religião\_, prégam a guerra santa: as tribus reunem-se, as familias

feudaes correm com os seus troços de cavallaria, principes rivaes

juntam-se no odio hereditario contra o estrangeiro, o \_homem vermelho\_,

e em pouco tempo é todo um rebrilhar de fogos de acampamento nos altos

das serranias, dominando os desfiladeiros que são o caminho, a entrada

da India... E quando por alli apparecer, emfim, o grosso do exercito

inglez, á volta de Cabul, atravancado de artilharia, escoando-se

espessamente, por entre as gargantas das serras, no leito secco das

torrentes, com as suas longas caravanas de camelos, aquella massa

barbara rola-lhe em cima e aniquila-o.

Foi assim em 1847, é assim em 1880. Então os restos debandados do

exercito refugiam-se n'alguma das cidades da fronteira, que ora é

Ghasnat ora Candahar: os afghans correm, põem o cerco, cerco lento,

cerco de vagares orientaes: o general sitiado, que n'essas guerras

asiaticas póde sempre communicar, telegrapha para o viso-rei da India,

reclamando com furor \_reforços, chá e assucar\_! (Isto é textual; foi o

general Roberts que soltou ha dias este grito de gulodice britannica; o

inglez, sem chá, bate-se frouxamente.) Então o governo da India,

gastando milhões de libras, como quem gasta agua, manda a toda a pressa

fardos disformes de chá reparador, brancas collinas de assucar, e dez ou

quinze mil homens. De Inglaterra partem esses negros e monstruosos

transportes de guerra, arcas de Noé a vapor, levando acampamentos,

rebanhos de cavallos, parques de artilharia, toda uma invasão

temerosa... Foi assim em 1847, assim é em 1880.

Esta hoste desembarca no Industão, junta-se a outras columnas de tropa

india, e é dirigida dia e noite sobre a fronteira em expressos a

quarenta milhas por hora; d'ahi começa uma marcha assoladora, com

cincoenta mil camelos de bagagens, telegraphos, machinas hydraulicas, e

uma cavalgada eloquente de correspondentes de jornaes. Uma manhã

avista-se Candahar ou Ghasnat;--e n'um momento, é aniquilado, disperso

no pó da planicie, o pobre exercito afghan com as suas cimitarras de

melodrama e as suas veneraveis colubrinas do modelo das que outr'ora

fizeram fogo em Diu. Ghasnat está livre! Candahar está livre!

Hurrah!--Faz-se immediatamente d'isto uma canção patriotica; e a façanha

é por toda a Inglaterra popularisada n'uma estampa, em que se vê o

general libertador e o general sitiado apertando-se a mão com

vehemencia, no primeiro plano, entre cavallos empinados e granadeiros

bellos como Apollos, que expiram em attitude nobre! Foi assim em 1847;

ha-de ser assim em 1880.

No emtanto, em desfiladeiro e monte, milhares de homens que, ou

defendiam a patria ou morriam pela \_fronteira scientifica\_, lá ficam,

pasto de corvos--o que, não é, no Afghanistan, uma respeitavel imagem de

rhetorica: ahi, são os corvos que nas cidades fazem a limpeza das ruas,

comendo as immundicies, e em campos de batalha purificam o ar, devorando

os restos das derrotas.

E de tanto sangue, tanta agonia, tanto luto, que resta por fim? Uma

canção patriotica, uma estampa idiota nas salas de jantar, mais tarde

uma linha de prosa n'uma pagina de chronica...

Consoladora philosophia das guerras!

No emtanto a Inglaterra goza por algum tempo a «grande victoria do

Afghanistan»--com a certeza de ter de recomeçar d'aqui a dez annos ou

quinze annos; porque nem póde conquistar e annexar um vasto reino, que é

grande como a França, nem póde consentir, collados á sua ilharga, uns

poucos de milhões de homens fanaticos, batalhadores e hostis. A

«politica» por tanto, é debilital-os periodicamente, com uma invasão

arruinadora. São as fortes necessidades d'um grande imperio. Antes

possuir apenas um quintalejo, com uma vacca para o leite e dois pés

d'alface para as merendas de Verão...

Outra historia melancholica é a da Irlanda. Quem não conhece as queixas

seculares da Irlanda, da \_Verde Erin\_, terra de bardos e terra de

santos, onde uma plebe conquistada, resto nobre de raça celtica,

esmagada por um feudalismo agrario, vivendo em buracos como os servos

gothicos, vae desesperadamente disputando á urze, á rocha, ao pantano,

magras tiras de terra, onde cultiva, em lagrimas a batata? Todo o mundo

sabe isto--e, desgraçadamente, esta Irlanda de poema e de novella é, em

parte, verdadeira: além dos poucos districtos onde a agricultura é rica

como em qualquer dos uberrimos condados inglezes, além de Cork ou

Belfast, que têm uma industria forte--a Irlanda permanece o \_paiz da

miseria\_, bem representada n'essa estampa romantica em que ella está, em

andrajos, á beira de um charco, com o filhinho nos braços morrendo-lhe

da falta de leite, e o cão ao lado, tão magro como ella, ladrando em vão

por soccorro...

Os males da Irlanda, muito antigos, muito complexos, provêm, sobretudo,

do systema semi-feudal da propriedade.

O povo irlandez é numeroso, exageradamente prolifico (nem a emigração,

nem a morte, nem as epidemias, alliviam esta ilha muito cheia) e vive

n'uma terra pobre, de cultura estreita, apenas no seu terço trabalhada:

os proprietarios, lords inglezes ou escocezes, sempre ausentes das

terras, não admittindo a despeza d'um schelling para as melhorar, estão

em Paris, estão em Londres, comendo pecegos em janeiro, e jogando pelos

clubs o \_whist\_ a libra o tento: os seus procuradores e agentes,

creaturas vorazes, sem ligação com o solo nem com a raça, forçados a

remetter incessantemente dinheiro a SS. SS., interessados em conservar a

procuradoria, cáem sobre o rendeiro, levantam-lhe a renda, forçam-n'o a

vendas desastrosas, enlaçam-n'o na uzura, tributam-n'o feudalmente,

apertam-n'o com desespero como a um limão meio secco, até que elle verta

n'um gemido o ultimo penny. Se o miseravel este anno, fatigando o

torrão, sustentando-se de hervas seccas, economisando o lume quando ha

seis palmos de neve, consegue arrancar de si a somma que S. S., o Lord,

reclama para offerecer uma esmeralda á loura Fanny ou á pallida

Clementine, para o anno lá está enleado na divida, sem meios de comprar

a semente, com uma terra exhausta a seus pés...

Então o procurador, de lei em punho, vem, corre, penhora-o, vende-lhe o

catre, expulsa-o do casebre, atira-lhe mulher, creancinhas e avós

entrevados para as pedras do caminho... E ahi vae mais um bando de

desgraçados engrossar o lamentavel proletariado que povôa a «\_verde ilha

dos bardos\_». São milhares, são milhões! Esta população, com o ventre

vazio, os pés nús sobre a geada, volta-se então para a Inglaterra, a mãe

Inglaterra, que tem a Lei, que tem a Força, que tem a Responsabilidade:

a Inglaterra, commovida na sua fibra christã, volta-se para os seus

economistas, os seus politicos: estes individuos pousam as suas vastas

frontes nas suas vastas mãos, e arrancam das concavidades da sua

sabedoria pharisaica esta resposta, a tenebrosa resposta da meia edade

ás reclamações do soffrimento humano:

--Paciencia! o remedio está no ceu...

A Inglaterra, valendo-se capciosamente do clero catholico da Irlanda, e

da religiosidade da plebe, para a manter na resignação da miseria,

acenando-lhe com as promessas côr de ouro da bemaventurança--é um

salutar espectaculo!

Sejamos, porém, justos: a Inglaterra manda tambem, aos milhões de

esfomeados, farinha e dois ou tres schellings: e o \_Punch\_ faz-lhes a

honra de lhes dedicar pilherias.

De tudo isto que resulta? Que o irlandez, vendo a fome no seu lar, a

Inglaterra occupada com o dr. Tanner, o \_Punch\_ muito divertido, e o ceu

muito longe--faz uma trouxa dos seus andrajos, vae á villa mais proxima,

apresenta-se ao comité dos \_Fenians\_ ou á secção de \_Mollie Maguire\_ e

diz simplesmente:--\_Aqui estou!...\_

Estas duas associações secretas são terriveis e completam-se uma pela

outra. Os \_Fenians\_, que estiveram um momento desorganizados, mas que

têm hoje a prosperidade de uma instituição publica, são uma seita

politica, com o fim claro de conquistar a independencia da Irlanda: o

seu meio é uma futura insurreição, batalhas á luz do dia, um esforço

heroico de raça que sacode o estrangeiro.

É evidente, portanto, que a Inglaterra não tem nada a temer d'esta

associação: uma esquadra no canal de S. Jorge, dez mil homens

desembarcados, e os \_Fenians\_ serão, no estylo da canção, \_como a herva

dos campos depois que passou o ceifador\_, um estendal de cousas sem

vida. Mas não é assim com \_Mollie Maguire\_; esta constitue puramente uma

conspiração: os seus estatutos, os seus fins, a sua organização, os seus

chefes, tudo está envolvido n'um mysterio, que é o terror na Irlanda; só

são claros os seus crimes. Ha um proprietario duro que levantou a renda?

Uma noite, ou elle ou o seu procurador apparecem á beira de um caminho,

com duas balas na cabeça. Quem foi? Foi \_Mollie Maguire\_: foi ninguem,

foi a Miseria, foi a Irlanda. Ha um senhorio, um agente, que fez uma

penhora? Á meia noite, a sua casa começa a arder, e é n'um momento uma

ruina fumegante. Quem foi? \_Mollie Maguire\_. Houve um burguez

especulador que comprou o casebre de um proprietario penhorado? No outro

dia lá está no fundo de uma lagôa, com um pedregulho ao pescoço. Quem

foi, coitado? \_Mollie Maguire\_. Todos os dias, n'estes ultimos mezes,

são assim, dois, tres d'estes crimes--que têm em Inglaterra o nome de

\_agrarios\_. Os tribunaes, a policia, já se não fatigam em devassas e em

autos: para quê? \_Mollie Maguire\_ é intangivel, \_Mollie Maguire\_ é

impessoal.

E se houvesse um magistrado tão desgostoso da vida que quizesse

descobrir d'onde viera a bala, o pedregulho ou o fogo--teria certamente,

horas depois, o que tanto parecia desejar: um punhal atravez do peito.

São verdadeiramente os processos do Nihilismo militante: nem falta a

esta seita aquella vaga exaltação mystica que complica o Nihilismo. Se

\_Mollie\_ (Mollie é o diminutivo de Maria) não é uma divindade, é pelo

menos uma degeneração fetichista da divindade: é a tenebrosa padroeira

das desforras da plebe, aquella em quem os desgraçados abandonados de

Deus, do Deus official, do Deus da Missa, encontram soccorro, amizade,

força--uma sorte de encarnação feminina do diabo do Sabbath, confidente

dos servos e dos feiticeiros da meia-noite.

A estas duas associações deve juntar-se uma terceira, legal essa,

fallando alto nas praças, com jornaes, com taboleta, vivendo sob a

protecção da Constituição, respeitada da policia, e que se chama a \_Liga

da Terra\_. O seu fim é promover, por meio de \_meetings\_ e

representações, uma vasta agitação, um impulsivo movimento da opinião,

que force o parlamento inglez a reformar o systema agrario. Mas é

realmente uma associação legal? São os seus fins tão honestamente

moderados, tão estreitamente constitucionaes como se diz? Todo o mundo

duvida. Na Irlanda, sempre que dois homens se reunem, conspiram: quando

se sentem quatro, apedrejam logo a policia:--que será então quando

reconhecerem que são duzentos mil? Além d'isso, as reclamações d'esta

associação são de um vago singular: nada de pratico, nada de realisavel:

apenas os velhos gritos sentimentaes da aspiração humanitaria. E, ao

mesmo tempo, os homens, que a dirigem, são espiritos positivos e

experimentados. Ha aqui uma contradicção assustadora. Sente-se que os

chefes d'este movimento, sabendo bem que da Inglaterra nada têm a

esperar, estão simplesmente, sob as apparencias da legalidade,

organisando a insurreição. Formular um programma pratico para o

parlamento votar, seria, na opinião d'elles, ocioso e pueril: as

declamações verbosas em que se falle muito de \_legalidade\_, \_ordem\_,

\_parlamentarismo\_ bastam--para illudir a policia... E não é duvidoso

que, n'um certo momento, \_Fenians\_, \_Mollie Maguire\_ e \_Liga da Terra\_

formarão um só movimento--o da revolta desesperada.

Este era o estado da Irlanda ha dois mezes, quando se deu o caso

inesperado do \_bill de compensação\_. Este projecto de lei apresentado

pelo ministro Gladstone (parte por um sentimento liberal de justiça,

parte para agradecer os fortes serviços dos irlandezes nas ultimas

eleições) não trazia certamente um remate aos males da Irlanda; mas,

coarctando os abusos dos senhores, difficultando a arbitrariedade das

«expulsões», modificando a legislação barbara das penhoras, alliviava o

trabalhador irlandez do ferreo calcanhar feudal que o esmaga. O \_bill\_

passou entre os applausos da camara dos communs: mas escuso de

acrescentar que a camara dos lords, essa augusta e gothica assemblêa de

senhores semi-feudaes, o regeitou com horror, como obra execravel do

liberalismo satanico!

Veem d'ahi o resultado: os agitadores da Irlanda, os seus prophetas, os

seus chefes apossaram-se com enthusiasmo d'esta regeição da camara dos

lords--e utilisaram-n'a tão habilmente, como Antonio utilisou a tunica

ensanguentada de Cesar. Foram-n'a mostrando á plebe indignada, por

campos e aldeias, gritando bem alto: «Aqui está o que fizeram os lords,

os vossos amos, os vossos exploradores! A primeira proposta justa, em

bem da Irlanda, que se lhes apresenta, repellem-na! Querem manter-vos na

servidão, na fome, no opprobrio das velhas edades, no estado da raça

vendida! Ás armas!»

E desde então a Irlanda prepara-se ardentemente para a insurreição:

apesar dos cruzeiros que vigiam a costa, todos os dias ha desembarques

de armas; o dinheiro, os voluntarios affluem da America; pelos campos

vêm-se grupos de duzentos, trezentos homens, de espingardas ao hombro,

fazendo exercicios como regimentos em vesperas de campanha; ainda que

seja agora a epoca das colheitas, a população não está nos campos, está

nos \_meetings\_, nos clubs; e os tribunos, os agitadores, prodigalizam-se

sem repouso. Não falta, decerto, a estes homens nem coragem, nem aquella

eloquencia pathetica que faz passar nas multidões o \_arrepio sagrado\_.

Um d'elles, Redathd, exclamava ha dias:

--Dizem-nos a cada momento: sêde justos, pagae ao lord, pagae ao

senhorio! E citam-nos a palavra divina d'aquelle que disse: \_Dae a Cesar

o que é de Cesar!\_ Houve só um homem, Brutus, que deu a Cesar o que a

Cesar era devido, um punhal atravez do coração!

Esta brutalidade tem grandeza. Agora imagine-se isto lançado a uma

multidão opprimida, com os gestos theatraes d'esta raça violenta, de

noite, n'um d'estes sinistros descampados da Irlanda, que são todos

rocha e urze, ao clarão d'archotes, dando aquella intermittencia de

treva e brilho que é como a alma mesma da Irlanda--e veja-se o effeito!

Em Inglaterra, mesmo, os optimistas consideram a insurreição quasi

inevitavel para os frios do outomno. E o honesto John Bull prepara-se:

já o ministro do interior está em Dublin, e é eminente a declaração da

\_lei marcial\_... N'este ponto, radicaes e conservadores são unanimes: se

a Irlanda se levanta, que se esmague a Irlanda! Sómente John Bull

declara que o seu coração ha-de chorar emquanto a sua mão castigar...

Excellente pae!

O jornal o \_Standard\_, o veneravel \_Standard\_, tinha ha dias uma phrase

adoravel. «Se, como é de temer, a Irlanda vier a esquecer-se do que deve

a si e á Inglaterra»--exclamava o solemne \_Standard\_,--«é doloroso

pensar que no proximo inverno, para manter a integridade do imperio, a

santidade da lei e a inviolabilidade da propriedade, nós teremos de ir,

com o coração negro de dôr, mas a espada firme na mão, levar á Irlanda,

á ilha irmã, á ilha bem amada, uma necessaria exterminação.»

\_Exterminação\_ é muito: e quero crêr, que está alli, para rematar com

uma nota grave, uma nota d'orgão, a harmonia do periodo. Mas o

sentimento é curioso e raro: e seria um espectaculo maravilhoso vêr, no

proximo inverno, John Bull percorrendo a Irlanda, cheio de ferocidade e

afogado em ternura, com os olhos a escorrer de lagrimas e a sua bayoneta

a pingar de sangue...--Ainda as fataes necessidades de um grande

imperio! Volto ao meu desejo: um quintalejo, uma vacca, dois pés

d'alface... E um cachimbo--o cachimbo da paz!

II

Ácerca de livros

Outubro chegou, e com este mez, em que as folhas cáem, começam aqui a

apparecer os livros, folhas ás vezes tão ephemeras como as das arvores,

e não tendo como ellas o encanto do verde, do murmurio e da sombra.

Estamos, com effeito, em plena \_Book-Season\_, a estação dos livros.

Estes dous mezes, setembro e outubro (e elles merecem-no porque como

côr, luz, repouso, são os mais simpathicos do anno) têm accumulado em si

as mais interessantes \_seasons\_, as \_estações\_ mais fecundas da vida

ingleza.

A \_London-Season\_, a celebre estação de Londres, quando a Aristocracia,

maior e menor, os \_dez mil de cima\_, como se dizia antigamente, o

\_folhado\_, como se diz agora, recolhe dos parques e palacios do campo

aos seus palacetes e jardinetes de Londres--passa-se em abril, junho e

julho, verdade seja. Mas essa é uma vã e ôca estação de trapos, de luvas

de vinte botões, de lacaios, de champagne, de batota e de \_cotillon\_.

Emquanto que as outras!...

Olhem-me para estas sabias, uteis, viris, solemnes \_seasons\_, que

abundam n'estes dourados mezes de setembro e outubro. Isto sim! Aqui

temos, por exemplo, a \_Congress-Season\_, a estação dos congressos.

Que espectaculo! Toda a verde superficie da Inglaterra está então, de

norte a sul, salpicada de manchas negras. São congressos em deliberação.

Ha-os de metaphysicos e ha-os de cosinheiros.

Aqui, duzentos individuos carrancudos e descontentes elaboram uma nova

ordem social; além, uma multidão de sabios, acocorados, semanas

inteiras, em torno de um objecto escuro, não pódem chegar á conclusão se

é um tijolo vilmente recente ou uma laje da camara nupcial da rainha

Ginevra; e adiante cavalheiros anafados e luzidios assentam a doutrina

definitiva da engorda do leitão--esse amor!

Os congressos mais notaveis este anno fôram--o de medicina em Londres, a

que assistiram \_mil e tresentos\_ congressistas medicos e cirurgiões dos

dois mundos e dos dois sexos, e onde se prometteu á humanidade, para

d'aqui a annos, a suppressão das epidemias pelas vaccinas; o da \_British

Association\_, a grande Sociedade das Sciencias (congresso annual

celebrado este anno em York) em que o presidente, sir John Lubbock, esse

amavel sabio que tem passado a existencia a estudar as civilizações

inferiores dos insectos, laboriosas democracias de formigas, deploraveis

oligarchias de abelhas--occupou-se d'esta vez, dando um balanço á

sciencia durante os ultimos cincoenta annos, a mostrar algumas das

estupendas habilidades d'esse outro ephemero insecto, o Homem: e emfim o

congresso annual da Egreja, celebrado em Newcastle, composto de bispos,

dignitarios ecclesiasticos, theologos, doutores em divindade, este largo

clero anglicano, o mais douto e litterario da Europa. N'este, entre

outros assumptos discutiu-se a \_Influencia da Arte na vida e no pensar

religioso\_: mas, quanto a mim, o resultado mais nitido foi o revelar

incidentalmente que a frequentação dos templos, em Inglaterra, diminue

de um terço todos os dez annos, ao passo que o espirito de religiosidade

cresce nas massas, tornando-se assim o sentimento religioso cada dia

mais desprendido das fórmas caducas e pereciveis das religiões.

N'este momento ha outros congressos--o dos Metallurgistas, o das

Sciencias Sociaes, o dos Telegraphistas, o Archeologico, o dos

Gravadores, o dos... emfim, centenares. Até o dos \_Browninguistas\_. Não

sabem o que são os \_Browninguistas\_? Uma vasta associação, tendo por fim

estudar, commentar, interpretar, venerar, propagar, illustrar, divinisar

as obras do poeta Browning. Isto, mesmo n'este paiz de arrebatados

enthusiasmos intellectuais, me parece um pouco forte. Browning é sem

duvida, com Shelley, Shakspeare e Milton, um dos quatro principes da

poesia ingleza: mas tem o inconveniente de estar vivo. Elle proprio

assiste, materialmente, com o seu paletot e o seu guarda chuva, ao

congresso de que é objecto espiritual e assumpto: e fatalmente, pelo

effeito mesmo da sua presença, a admiração litteraria tende a tornar-se

idolatria pessoal, e os \_shake hands\_ que elle distribue começam

naturalmente a ser mais apreciados no congresso que os poemas que elle

escreveu. Por isso mesmo que o divinisam, o amesquinham: não é então o

grande poeta de Inglaterra, é o idolo particular dos \_Browninguistas\_,

deixa assim de ser um espirito fallando a espiritos--para ser apenas um

manipanso aterrorizando supersticiosos.

Mas, continuando com as \_estações\_, temos ainda a \_Yachting-Season\_, a

estação nautica, das regatas, das viagens em \_yacht\_. Hoje em Inglaterra

ter um \_yacht\_ é, como entre nós montar carruagens, o primeiro dever

social do rico ou do enriquecido, uma das fórmas mais triviaes do

conforto luxuoso. Um \_yacht\_ não é só um frágil e airoso barco de

cincoenta toneladas e vela branca; póde ser tambem um negro e poderoso

vapor de duas mil toneladas e sessenta homens de tripulação. N'este

ultimo caso, em logar de bordejar gentilmente em redor das flôres e das

relvas da ilha de Wight, ou de ir mergulhar n'essas prodigiosas

paisagens marinhas do alto Norte da Escossia, vae dar a volta ao mundo,

carregado de biblias para os pequenos patagonios e de champagne e d'amor

para as lindas missionarias, vestidas de marinheiras. A vida de \_yacht\_

tem os seus costumes especiaes, a sua etiqueta, a sua phraseologia, a

sua moral propria, e sobretudo a sua litteratura. A litteratura de

\_yacht\_ é vasta--William Black, o autor das \_Azas Brancas\_, do \_Nascer

do Sol\_, da \_Princeza de Thude\_, o seu romancista official: um

paisagista maravilhoso, de resto, tendo na sua penna todo o vigor do

pincel d'um Jules Breton.

Temos igualmente n'este mez a \_Shooting-Season\_, a estação da caça ao

tiro, que abre no 1.º de setembro com uma solemnidade tal, e no meio de

um interesse publico tão intenso, tão fremente--que me dá sempre ideia

do que devia ter sido nas vesperas da Grande Revolução a abertura dos

Estados Gerais. Peço perdão d'esta abominavel comparação--mas a carne é

fraca, e eu considero esta estação sublime. É n'ella que se caça o

\_grouse\_, e é durante ella que se come o \_grouse\_. Não sabem o que é o

\_grouse\_? É um passaro do tamanho da perdiz, que vive (Deus o abençôe!)

nos \_moors\_, ou descampados da Escossia... Agora deixem-me repousar um

momento, e ficar aqui, n'um extasi manso, pensando no \_grouse\_, com as

mãos cruzadas sobre o estomago, o olho enternecido, lambendo o labio...

Não imaginem que eu sou um guloso. Mas nunca se deve fallar nas coisas

boas sem veneração. Lord Beaconsfield, esse mestre do bom gosto, deu-nos

o exemplo quando, tendo mencionado n'um dos seus livros o \_ortolan\_,

esse outro delicioso passaro, acrescentou--que o peitinho gordo do

\_ortolan\_ é mais delicioso que o seio da mulher, o seu aroma mais

perturbador que os lilazes, e o sabor da sua febra melhor que o sabor da

verdade. Póde-se dizer o mesmo do \_grouse\_.

Continuando, temos a \_Burglary-Season\_, a estação dos assaltos e roubos

ás casas. Esta começa tambem em setembro, quando a gente rica sai de

Londres e deixa os seus palacetes, ou fechados, ou ao cuidado de um

velho e somnolento guarda-portão. Os salteadores de Londres, corpo

social tão bem organisado como a propria policia, procede então

systematicamente, por quadrilhas disciplinadas, usando os mais perfeitos

meios scientificos no arrombamento e no saque d'essas propriedades

abarrotadas de cousas ricas...

Temos a \_Lecture-Season\_, ou estação das conferencias. O seu nome

explica-a e seria longo detalhar-lhe a organisação. Basta dizer que

n'esta estação não ha talvez um bairro em Londres (quasi podia dizer uma

rua), nem uma aldeia no resto do paiz, em que se não veja, cada noite,

um sujeito, com um copo d'agua, dissertando sobre um assumpto, deante

d'uma audiencia compacta, attenta, interessada e que toma notas. Os

assumptos são \_tudo\_--desde a ideia de Deus até á melhor maneira de

fabricar graxa. E os conferentes são \_todo o mundo\_--desde o professor

Huxley até um qualquer cavalheiro, o senhor Fulano de Tal, que sóbe á

plataforma a contar as suas impressões de viagem ás ilhas Fidji, ou as

aptidões curiosas que observou no seu cão...

Ha ainda outras estações que basta enunciar: a \_Hunting-Season\_, a

estação da caça á raposa (isto é todo um mundo); a \_Cricket-Season\_, a

estação em que se joga o cricket,--e em que se vêm d'estes edificantes

espectaculos: doze cavalheiros, vindos do fundo da Australia, outros

doze partindo dos altos da Escossia, e encontrando-se em Londres a jogar

ao desafio uma tremenda partida que dura tres dias, na presença

arrebatada de um povo em delirio!

Temos tambem a \_Angling-Season\_, a estação da pesca á linha, instituição

nobilissima a que a humanidade deve o salmão e a truta. É o \_sport\_

favorito da alta burguezia culta, da magistratura, dos homens de

sapiencia, d'aquela parte da velha aristocracia sobre que mais pesam as

responsabilidades do Estado. Todo este mundo, de solemne

respeitabilidade e de alto ceremonial--pesca á linha. Talvez por isso,

de todos os \_sports\_ inglezes, a pesca á linha é um dos que têm

produzido uma litteratura mais consideravel--tão consideravel que a sua

bibliografia, a simples enumeração dos seus tratados, occupa um livro de

duzentas paginas! Ahi observo com respeito a noticia de um ponderoso

estudo sobre a \_Pesca á linha entre os Assyrios\_...

Só esta semana a litteratura da pesca á linha nos deu já dois livros,

segundo as listas: \_A carteira de um pescador á linha\_, \_Pela beira dos

rios\_.

Temos ainda a \_Traveling-Season\_, a estação das viagens, quando o famoso

\_touriste\_ inglez faz a sua apparição no continente. N'esta epoca

(setembro e outubro) todo o inglez que se respeita (ou que, não podendo

em sua consciencia respeitar-se, pretende ao menos que o seu visinho o

respeite) prepara umas dez ou doze malas e parte para os paizes do sol,

do vinho e da alegria. Os anjos (se o não sonharam, como diz João de

Deus) devem assistir então, do seu terraço azul, a um espectaculo bem

divertido: toda a Inglaterra fervilhando no porto de Dover--e d'ahi

successivamente partirem longos formigueiros de \_touriste\_, riscando de

linhas escuras o continente, indo alastrar os valles do Rheno,

negrejando pela neve dos Alpes acima, serpenteando pelos vergeis da

Andaluzia, atulhando as cidades da Italia, inundando a França! Tudo isto

são inglezes. Tudo isto traz um \_Guia do Viajante\_ debaixo do braço.

Tudo isto toma notas. Isto ás vezes viaja com a esposa, a cunhada, uma

amiga da cunhada, uma conhecida d'esta amiga, sete filhos, seis creados,

dez cães, e outros cães conhecidos d'estes cães; e isto paga por tudo

isto sem resmungar! Não: não digo bem, resmungando sempre. Esta viagem

de prazer passa-a quasi sempre o inglez a praguejar (mentalmente--porque

nem a Biblia nem a respeitabilidade lhe permitem praguejar alto).

A verdade é que o inglez não se diverte no continente; não comprehende

as linguas; estranha as comidas; tudo o que é estrangeiro, maneiras,

\_toilettes\_, modos de pensar, o choca; desconfia que o querem roubar;

tem a vaga crença de que os lençóes nas camas d'hotel nunca são limpos;

o vêr os theatros abertos ao domingo e a multidão divertindo-se amargura

a sua alma christã e puritana; não ousa abrir um livro estrangeiro

porque suspeita que ha dentro cousas obscenas; se o seu \_Guia\_ lhe

affirma que na cathedral de tal ha seis columnas e se elle encontra só

cinco, fica infeliz toda uma semana e furioso com o paiz que percorre,

como um homem a quem roubaram uma columna; e se perde uma bengala, se

não chega a horas ao comboio, fecha-se no hotel um dia inteiro a compôr

uma carta para o \_Times\_, em que accusa os paises continentaes de se

acharem inteiramente n'um estado selvagem e atolados n'uma putrida

desmoralisação. Emfim o inglez em viagem, é um ser desgraçado. É

evidente que eu não alludo aqui á numerosa gente de luxo, de gosto, de

litteratura, de arte: fallo da vasta massa burgueza e commercial. Mas

mesmo esta encontra uma compensação a todos os seus trabalhos de

touriste quando, ao recolher a Inglaterra, conta aos seus amigos como

esteve aqui e além, e trepou ao Monte Branco, e jantou n'uma

\_table-d'-hote\_ em Roma e, por Jupiter! fez uma sensação dos diabos,

elle e as meninas!...

Que mais estações temos ainda? A \_Speech-season\_, a estação dos

discursos, quando, nas ferias do parlamento, todos os homens publicos se

espalham pelo paiz discursando, perante enormes \_meetings\_, sobre os

negocios publicos. É uma das feições mais curiosas da vida politica em

Inglaterra...

Ha outras muitas \_estações\_ em setembro e outubro, mas não me lembram

agora. E emfim, para não ser injusto, devo mencionar tambem o Outomno.

De todas estas, para mim, naturalmente, a mais interessante é a

\_Book-Season\_, a estação dos livros.

Isto não quer dizer que fóra d'esta estação (outubro a março) se não

publiquem livros em Inglaterra--longe d'isso, Santo Deus! Como não quer

dizer que fóra da \_London-Season\_ se não dance, ou fóra da

\_Travelling-Season\_ se não viaje. Significa simplesmente que as grandes

casas editoras de Londres e d'Edimburgo reservam, para as lançar n'esta

epocha as suas \_grandes novidades\_. Um livro de Darwin, um estudo de

Matthew Arnold, um poema de Tennyson, um romance de Georges Meredith

serão evidentemente guardados para a \_estação\_. De resto, durante todo o

anno não s'interrompe, não cessa essa publicidade phenomenal, essa

vasta, ruidosa, inundante torrente de livros, alastrando-se, fazendo

pouco a pouco sobre a crosta da terra vegetal do globo, uma outra crosta

de papel impresso em inglez.

Não sei se é possivel calcular o numero de volumes publicados

annualmente em Inglaterra. Não me espantaria que se pudessem contar por

dezenas de milhares. Aqui tenho eu deante de mim, no numero de ontem do

\_Spectator\_, a lista dos livros lançados esta semana: NOVENTA E TRES

OBRAS! E isto é apenas a lista do \_Spectator\_. Apenas o que se chama

aqui \_Litteratura Geral\_. Não se contam as reimpressões; nem as edições

dos classicos, em todos os formatos, desde o in-folio, que só um

Hercules póde erguer, até ao volume miniatura, cujo typo reclama

microscopio, e em todos os preços desde a edição que custa 50 libras,

até á que custa 50 réis: não se contam as traducções de livros

estrangeiros, sobretudo as litteraturas da antiguidade: não se conta,

emfim, essa incessante producção das Universidades, essa outra levada de

gregos e latinos, de commentarios, de glossarios, de in-folios, que

lançam de si, aos caixões, as imprensas de Clarendon.

Ha n'esta litteratura geral uma especie de que o inglez não se farta--a

litteratura de viagens. Já não fallo nos romances: isso não constitue

hoje uma producção litteraria, é uma fabricação industrial.

Na vida domestica ingleza, a novela tornou-se um objecto de primeira

necessidade como a flanella ou as fazendas de algodão; e, portanto, toda

uma população de romancistas se emprega em manufacturar este artigo, por

grosso, e tão depressa quanto a penna póde escrever, arremessando para o

mercado as paginas mal seccas no ancioso conflicto da concorrencia.

Mas a gula, a gulodice de livros de viagem é tambem consideravel, e de

resto bem explicavel n'uma raça expansiva e peregrinante, com esquadras

em todos os mares, colonias em todos os continentes, feitorias em todas

as praias, missionarios entre todos os barbaros, e no fundo d'alma o

sonho eterno, o sonho amado de refazer o Imperio Romano. Isto produziu

um outro typo de industrial das lettras--o prosador viajante.

Antigamente contava-se a viagem quando casualmente se tinha viajado: o

homem que visitava paizes longinquos, se achava em aventuras

pittorescas, á volta, repousando ao canto do seu lume, tomava a penna e

ia revivendo esses dias n'uma agradavel rememoração de impressões e

paisagens. Hoje não. Hoje emprehende-se a viagem unicamente para se

escrever o livro. Abre-se o mappa, escolhe-se um ponto do Universo bem

selvagem, bem exotico, e parte-se para lá com uma resma de papel e um

diccionario. E toda a questão está (como a concorrencia é grande) em

saber qual é o recanto da terra sobre que ainda se não publicou livro!

Ou, quando o paiz é já toleravelmente conhecido, se não terá ainda

alguma aldeola, algum afastado riacho sobre que se possam produzir

trezentas paginas de prosa...

Quem hoje encontrar em algum intrincado ponto do Globo um sujeito de

capacete de cortiça, lapis na mão, binoculo a tiracollo, não pense que é

um explorador, um missionario, um sabio colligindo floras raras--é um

prosador inglez preparando o seu volume.

Nada elucida como um exemplo. Aqui está a lista dos livros de viagens

publicados em Londres n'estas \_duas ultimas semanas\_.

É claro que eu não os li, nem sequer os enxerguei. Copio os titulos,

sómente, da lista de dous jornaes de critica: o \_Atheneum\_ e a

\_Academy\_. Note-se que estes livros são quasi sempre bem estudados: dão

o traço e a linha que pinta, a paysagem com a sua côr e luz, a cidade

com o seu movimento e feições; são graphicos e são criticos; têm a

geographia e têm a observação; e mais ou menos fazem reviver com o

detalhe caracteristico, o povo visitado, na sua vida domestica, a sua

religião, a sua agricultura, o seu \_sport\_, os seus vicios, a sua arte

se a tem. Calcule-se, pois, a importancia d'esta litteratura, que se

torna assim um inquerito sagaz, paciente, correcto, feito ao Universo

inteiro.

Aqui está, com os titulos traduzidos, o que se publicou n'estes quinze

dias: \_A minha jornada a Medina\_--\_Entre os filhos de Han\_--\_Nas aguas

salgadas\_--\_Longe, nos Pampas\_--\_Sanctuarios de Piemonte\_--\_O novo

Japão\_--\_Uma visita á Abyssinia\_--\_Vida no oeste da India\_--\_Pelo

Mahakam acima, e pelo Barita abaixo\_--\_A cavallo pela Asia

Menor\_--\_Scenas de Ceylão\_--\_Atravez de cidades e prados\_--\_No meu

Bungaló\_--\_As terras dos Matabeles\_--\_Fugindo para o sul\_--\_Terras do

sol da meia-noite\_--\_Peregrinações na Patagonia\_--\_O Soudan

egypcio\_--\_Terra dos Maggiyres\_--\_Atravez da Siberia\_--\_Notas do mundo

do Oeste\_--\_Caminhos da Palestina\_--\_Norsk, Lapp e Finn\_ (onde será isto

Santo Deus?!)--\_Guerras, peregrinações e ondas\_ (que titulo, Deus

piedoso!)--\_A linda Athenas\_--\_A peninsula do Mar Branco\_--\_Homens e

casos da India\_--\_A bordo do «Rapoza»\_--\_Sport na Crimêa e

Caucaso\_--\_Nove annos de caçadas na Africa\_--\_Diario de uma preguiçosa

na Sicilia\_--\_A leste do Jordão\_...

Ainda ha outros, ainda ha muitos--e em quinze dias!

Seria curioso dar parallelamente a lista de poemas, livros de poesias,

odes, balladas, tragedias, annunciados ou já publicados na primeira

quinzena da estação; mas não tenho paciencia em revolver todo esse

lyrismo. Ha uma «grande sensação»: o livro de Dante Rosseti, um dos

mestres modernos: o resto é apenas um bando amoroso e triste de rouxinóes.

Não menos espessas, nem menos compactas são as listas dos livros de

Theologia, Controversia, Exegese, etc.,--exhalando de si uma melancholia

de cemiterio. Em metaphysica ha o costumado sortimento--macisso e vago,

como diria Herbert Spencer. Em historia, biographia, critica, as listas

bibliographicas vêm riquissimas... Emfim, ao que parece, é uma

formidavel e grandiosa \_estação de livros\_. Aos romances, nem alludo:

montões, montanhas--e monturos!

Uma pastora meio-selvagem das Ardennes, que nunca vira outro espectaculo

mais grato ao seu coração do que as cabras que guardava, foi um dia

trazida das suas serranias a Pariz, quando no boulevard passava, com a

tricolor ao vento, um regimento em marcha. A pobre donzella fez-se

branca como a cêra, e só poude murmurar n'uma beatitude suprema:

--Jesus! tanto homem!

Eu sei que estou aqui fazendo o papel ridiculo d'esta pastora, e

balbuciando, com a bocca aberta, como se chegasse tambem das Ardennes:

--Jesus! tanto livro!

Mas não é este grito, como o da pastora, natural?

O beduino do deserto d'Oeste, que, passando a Serrania Lybica, avista

pela primeira vez, immenso, lento, enchendo um valle, o rio Nilo,

exclama espantado:

--Allah! tanta agua!

A agua é a sua preoccupação: todas as tristezas das areias que habita

vêm da falta da agua: mais que ninguem sente as maravilhas que a agua

produz; e no seu grito ha uma timida reprehensão a Allah! «Tanta agua

aqui, e tão pouca lá d'onde eu venho!...»

Assim eu venho... Mas o resto da comparação complete-a, antes, o leitor

astuto.

III

O INVERNO EM LONDRES

Eis ahi o inverno. Já todos os dias o encontro, e, agora mesmo, lhe ouço

fóra, na rua, sob a nevoa tristonha d'esse fim d'outubro, a voz dolente

e vaga: não é o velho semi-deus de attributos mythologicos, com a barba

em flocos de neve sobre o manto branco de neve, soprando nos dedos, e o

classico feixe de lenha a tiracollo: é um rapagão enfarruscado, de

casquete e chicote em punho, que vae conduzindo uma carroça negra com um

forte \_percheron\_ aos varaes, pelo macadam já endurecido da geada, e

soltando de porta em porta, o seu pregão melancholico: \_Coals! coals!\_

(carvão! carvão!)

Estão, pois, findos os dias purpureados do lindo outomno inglez! Nada

iguala o encanto suavizador e meigo dos meados d'outubro nestes condados

do Sul. Um passeio, ao meio da tarde, nas pittorescas margens do Severn,

ou ainda ao longo do Avon, riba que a memoria de Shakspeare torna quasi

sagrada, ou pelas collinas amaveis de Surrey, é o mais belo, o mais util

repouso que póde ter o espirito sobresaltado, cançado dos livros, ou do

duro movimento da vida.

Tem-se aqui alguma coisa d'aquella paz etherea, que os poetas pagãos

sonhavam nas perspectivas ineffaveis dos Elysios: sómente a natureza

particular do Norte, as linhas da architectura saxonia, o arranjo das

culturas, dão a feição romantica e elegiaca que falta á paysagem latina.

Caminha-se n'uma luz ligeira, de um dourado triste, de um enternecimento

quasi magoado: o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado

e adormecido sob as grandes ramagens das arvores seculares e

aristocraticas, solemnes, isoladas, immoveis n'um recolhimento

religioso, leva a alma insensivelmente para alguma cousa de muito alto e

de muito puro: ha um silencio de uma extraordinaria limpidez, como o que

deve haver por sobre as nuvens, um silencio que não existe na paysagem

dos climas quentes, onde o labor incessante das seivas muito forte

parece fazer um vago rumorido, um silencio que pousa no espirito com a

influencia de uma caricia. E a cada momento são fundos encantadores de

paysagem, de um vaporisado azul, com alguma torre d'Abbadia coberta de

heras, que surge d'entre robles, ou uma rica avenida de parques, onde se

entreveem vestidos claros correndo sobre as relvas, ou a historica

architectura de um castello, de bandeira feudal na torre, que de repente

apparece n'uma elevação, com os seus terraços de marmore escuro, os

grandes prados onde pastam ou repousam os animaes de luxo, os faiscantes

meandros do rio entre a verdura e sons tristes de trompa, vindos da

profundidade dos arvoredos...

D'aqui a dias, porém, por collina e valle, só haverá a triste nevoa

humida que dura mezes, ou a neve redemoinhando ao vento...

Esta monotonia, que começa escurecendo os campos desde novembro, vae

causar este anno uma innovação excellente nos costumes sociaes da

Inglaterra. Vae haver, de dezembro a maio, uma \_estação d'inverno\_ em

Londres.

Como sabem, Londres só é habitado desde os começos de maio até aos

primeiros dias quentes de agosto. O resto do anno, Londres é a cahida

Palmyra ou a tenebrosa planicie do deserto da Petrêa. Ficam lá, é

verdade, entre tres a quatro milhões de humanidade: mas é uma humanidade

subalterna, feita de barro villão, sem valor social em Inglaterra: é a

humanidade que não tem castellos, nem parques de tres legoas, nem o seu

nome no \_Livro d'Ouro\_, nem \_yachts\_ de luxo para bordejar nas costas da

Escossia; é a humanidade que não tem nas arterias o famoso \_sangue

normando\_, esse sangue invejado, mais precioso que o de Christo, cantado

por todos os poetas da côrte, e que foi importado pelos brutamontes

cobertos de ferro, e pelludos como féras, que acompanhavam a estas ilhas

Guilherme da Normandia; é emfim a humanidade que Carlos Stuart, o

Bem-amado, chamava a \_canalha\_, e que o grande sacerdote da \_Bella

Helena\_, o pobre Offenbac, designava, com tanto criterio, pelo nome de

\_vil multidão\_:--é o trabalhador, o artifice, o artista, o professor, o

philosopho, o operario, o romancista, tudo o que pensa, cria e produz.

É esta fresca ralé que fica em Londres: de modo que apenas a humanidade

superior, os \_dez mil de cima\_, como aqui tão pittorescamente se diz,

partem para os seus castellos, as suas \_villas\_ á beira mar, ou os seus

\_yachts\_.--Londres, apenas habitado pela turba abjecta, torna-se sobre a

face da terra, como a lamentavel Cacilhas. Nenhum \_gentleman\_ que se

respeite e queira manter o seu bom nome social ousaria confessar que

esteve em Londres em janeiro: correria o risco de ser tomado por um

tendeiro, ou, peior, por um philosopho, um poeta, um d'esses seres

rastejantes, vis como o lixo, sem castello e sem matilha de cães, que

nenhuma \_Lady\_ quereria ter no seu «rol de visitas».

Se um \_gentleman\_, tendo negócios instantes em Londres, é forçado a vir

a este deserto de plebeus, guarda um \_incognito\_ severo; não chegará

talvez a pôr barbas postiças; mas só se arrisca pelas ruas no fundo

escuro de um cupé com os \_stores\_ descidos, e o paletot rebuçando-lhe a

face. Todavia uma aventura tão poderosa poucos a ousam!

Pois bem, tudo isto se vae reformar! E este anno será moda passeiar em

Piccadilly, ou florear de rosa ao peito em Pall-Mall, em pleno janeiro,

na espessura dos nevoeiros. Esta revolução consideravel foi, como todas

as fecundas revoluções, tramada, prégada, popularisada pelas mulheres.

Havia longos annos que estes anjos soffriam com impaciencia a

melancholia da vida do campo, durante o longo inverno saxonio. Ainda,

nos primeiros tempos, depois de deixar as glorias de Londres e os

esplendores da \_season\_, a existencia era toleravel. Havia as regatas

elegantes de Cowes; ia-se estar uma semana na ilha de Wight; depois

vinham as festas da abertura da caça; seguia-se a epocha dos \_yachts\_,

as viagens ás costas da Noruega, ás Hebbidas, ás praias elegantes da

Normandia; depois, quando a côrte está na Escossia, vinha a caça do

veado, os bailes de \_gellies\_ das montanhas... Emfim, vivia-se.

Mas, com a chegada de dezembro, da neve, uma formidavel lei social, a

\_fashion\_, obrigava os \_dez mil de cima\_ a recolherem-se aos seus

castellos, á solidão do campo. E ahi começava para as damas o tedio

memoravel!

Quando se não tem um \_chateau\_ e parque como os de Inglaterra, póde

parecer um sonho de paraizo o viver n'essas faustosas residencias, entre

maravilhas d'arte, accumuladas por gerações, com mobilias de duzentos

contos, um serviço de sessenta criados, vinte cavallos na cocheira e um

parque de trez legoas, um parque de romance, para passeiar sobre a neve

dura quando o ceu brilha claro. Mas a desgraçada dama, desde o seu

primeiro dente acostumada a tantos explendores, já lhes não encontra

encanto; uma simples corrida, n'um velho fiacre de Londres, de loja em

loja, é-lhe cem vezes mais doce.

Depois, a vida do castello é de um vasio pardo e tristonho. Os homens,

esses, de manhã, teem a caça, os galopes furiosos, devorando prados,

saltando sebes atraz de uma raposa espavorida, ao grito barbaro de

\_hally-hó!\_ Depois á noite, tomado o banho e vestida a casaca, tem o

grog forte no \_fumoir\_. Mas as desgraçadas damas? Todas bebem grog--mas

raras são as que caçam. O dia é-lhes lugubre. Uma burgueza, em

Inglaterra, tem sempre uma occupação, mesmo nas existencias ricas:

borda, pinta em porcellana, faz camisas para os pequenos Patagonios,

ensina a ler os filhos dos caseiros, escreve as suas memorias ou

corresponde-se com um Theologo sobre pontos difficeis de doutrina. Mas

um dama das \_dez mil\_ não faz nada; os seus grandes talentos, a

\_toilette\_, a graça de receber, a intriga politica, o brilho da

conversação, o \_chic\_ esthetico, cousas em que prima, não lhe servem no

isolamento relativo do castello, sob as torrentes da chuva. O seu palco

natural é o salão de Londres. Alli no campo, nas longas galerias onde

pendem as bandeiras que os seus antepassados tomaram em Azincourt ou

Poitiers, ou, se os avósinhos nunca invadiram a França, as bandeiras

compradas no antiquario da esquina, \_Mylady\_ boceja; ou estendida n'um

sofá, na sua \_robe-de-chambre\_ de brocado branco de Genova, com uma

novella cahida no regaço, olha os flocos de neve empoando os grandes

carvalhos do parque...

Depois vem a noite. É o peior. Os homens que fizeram talvez cinco legoas

de galope atraz das rapozas, ou que se estiveram adestrando em jogos

athleticos, têm somno. De gardenia na casaca e perola negra na camisa,

estendidos para o fundo do sofá, derreados, meio adormentados pelo

\_Nocturno\_ de Chopin que um anjo louro preludia ao fundo da sala, são

tão inuteis para a \_flirtation\_, o espirito, a intriga, o amor, como se

fossem empalhados.

Debalde as pobres damas fizeram uma \_toilette\_ de duzentas libras:

debalde resplandecem, ás mil luzes de cêra, os seus hombros de deusas.

De nada valle. O \_gentleman\_ anceia por deixar a sala, ir reconfortar-se

com o seu \_brandy and soda\_, estirar aquelles membros que a raposa

cançou, em lençóes bem perfumados e bem \_bassinés\_, e ressonar forte.

Esta situação era intoleravel.

E os homens mesmo soffriam. Galopar n'um cavallo de preço sobre a terra

dura da neve, ao ladrar da matilha, por uma manhã de brisa fria--tem

encanto. Mas póde-se isso comparar á delicia de ir tagarelar para o

\_club\_, ter todas as noites trez ou quatro bailes, fazer phrases sobre a

questão do Oriente, e ceiar com Miss Fanny, n'um quente \_boudoir\_ de

veludo, emquanto fóra a plebe patinha na lama de Londres?! Não, não se

póde comparar.

E por isso veio o momento psychologico, como diz esse illustre homem de

prosa, o snr. De Bismarck, em que \_ladies\_ e \_lords\_ concordaram que o

inverno no campo era bom para os lobos; e que para pares de Inglaterra,

Londres era preferivel. E ahi está como se vae ter esta cousa inesperada

na vida ingleza--\_o inverno em Londres\_.

E, todavia, Deus sabe que elle não é agradavel, esse inverno de Londres!

De manhã, ao acordar, tem-se deante da janella uma sombra opaca,

espessa, parda, arripiadora e sinistra: é necessario fazer a barba, com

o gaz flammejando; almoça-se com todas as velas do candelabro accesas, e

a carruagem que nos conduz é precedida de um archote. Ao meio dia esta

decoração de inverno muda; a sombra perde o tom pardo e, por gradações

odiosas, ganha um amarello de óca e começa a exalar um vapor fetido.

Respira-se mal, a roupa toma um pegajoso humido sobre a pelle, os

edificios que nos cercam apparecem com as linhas vagas e chimericas das

cidades malditas do Apocalypse, e o estrondo de Londres, este rude,

tremendo estrepito, que deve lá em cima incommodar a corte do ceu,

adquire uma tonalidade surda e roncante como um fragor n'um subterraneo.

Depois, á noite, outra mudança: toda esta sombra, este nevoeiro grosso,

molle gorduroso, desfaz-se em chuva... Em chuva, digo eu? Em lama, em

lama mal liquida, que escorre, pinga, vem babada de um ceu negro.

O gaz parece côr de sangue; como todo o mundo, para combater esta nevoa

gelante e mortal, bebe forte e bebe seguido, ha nas ruas um vago vapor

de alcool, que passa nos halitos: isto excita, irrita, impelle a turba

ao vicio. O ruido intoleravel das ruas, a pressa da multidão violenta, o

rude flammejar das vitrinas dão uma acceleração brutal ao sangue, uma

vibração quasi dolorosa aos nervos; pensa-se com intensidade, caminha-se

com impeto, deseja-se com furor; a besta humana inflamma-se: quer-se

alguma coisa de forte e de animal, a lucta, o excesso, a gula, o

abrasado do \_cognac\_, a paixão. Londres n'uma noite de inverno, exhala

violencia e crime. E póde-se affirmar que em cada uma das tipoias, que,

aos milhares e aos milhares, passam como flechas, n'um relampejar rubro

de lanternas, vae um cidadão ou uma cidadã commettendo ou preparando-se

para commetter, com excepção da preguiça, um dos sete peccados mortaes.

De uma coisa se póde ter a certeza: é que não ha de faltar, aos que vão

fazer o seu inverno a Londres, \_assumpto de cavaco\_. Além dos livros que

se annunciam, dos escandalos que não hão-de faltar, das modas que sempre

se inventam, a politica, só por si, é todo um ramalhete; revolta certa

na Irlanda; processo por alta traição dos chefes da \_Liga da Terra\_,

deputados da Irlanda; nova guerra no Afghanistan, onde Cabul se

insurreccionou; toda a Africa do Sul em rebellião; complicações

sinistras do lado do Oriente; desintelligencias estridentes entre os

radicaes no poder... Emfim, um encanto.

Era em circumstancias identicas que o famoso Granville, o homem das

\_Memorias\_, olhando n'um começo de primavera para todos os lados do

horizonte politico e social, e não vendo (em 1830) senão presagios

negros de revolta, guerra, crises e perigos para a patria, dizia,

banhado em jubilo, quasi em extasi:

--Meu Deus, que deliciosas noites se vão passar no Club!

IV

O NATAL

O Natal, a grande festa domestica da Inglaterra, foi este anno

triste--d'essa tristeza particular que offerece, por um dia de calma

ardente, a praça deserta de uma villa pobre, ou d'essa melancholia que

infundem umas poucas de cadeiras vazias em torno de um fogão apagado,

n'uma sala a que se não voltará mais...

O que nos estragou o Natal, não fôram decerto as preoccupações

politicas, apesar da sua negrura de borrasca. Nem a rebellião do

Transvaal em que os Boeres debutaram por exterminar o 94 de linha, um

dos mais experimentados e gloriosos regimentos da Inglaterra e que

ameaça ensanguentar toda a Africa do Sul n'uma guerra de raças; nem a

situação da Irlanda, que já não é governada pela Inglaterra, mas pelo

comité revolucionario da \_Liga Agraria\_--seriam inquietações

sufficientes para tirar o sabor tradicional ao \_plum-pudding\_ do Natal.

As desgraças publicas nunca impedem que os cidadãos jantem com appetite:

e miserias da patria, emquanto não são tangiveis e se não apresentam sob

a fórma flammejante de obuzes rebentando n'uma cidade sitiada, não

tirarão jámais o somno ao patriota.

Não; o que estragou o Natal foi simplesmente a falta de neve. Um Natal

como este que passamos, com um sol de uma pallidez de convalescente,

deslizando timidamente sobre uma immensa peça de seda azul desbotada, um

Natal sem neve, um Natal sem casacos de pelles, parece tão insipido e

tão desconsolado como seria em Portugal a noite de S. João, noite de

fogueiras e descantes, se houvesse no chão tres palmos de neve e cahisse

por cima o granizo até de madrugada! Um desapontamento nacional!

Para comprehender bem o encanto da neve d'este famoso Natal inglez,

basta examinar alguma das pinturas, gravuras ou oleografias que o têm

popularizado.

O assumpto não varia na paysagem repetida: é sempre a mesma entrada d'um

parque, de apparencia feudal, por vesperas do Natal, antes da

meia-noite; o ceu pesado de neve suspensa parece uma gaze suja: e a

perder de vista tudo está coberto da neve cahida, uma neve branca, fôfa,

alta, que faz nos campos um grande silencio. Junto á grade do parque,

uma mulher e duas creanças, atabafadas nos seus farrapos, com lampeões

na mão, vão cantando as lôas; e ao fundo, entre as ramagens despidas,

ergue-se o massiço castello, com as janellas flammejando, abrasadas da

grande luz de dentro e da alegria que as habita.

E toda a poesia do Natal está justamente n'essas janellas resplandecendo

na noite nevada.

Felizes aquelles para quem essas portas difficeis se abrem. Logo ao

entrar na ante-camara os tectos, as humbreiras, os espaldares das

cadeiras, os tropheus de caça, apparecem adornados das verduras do

Natal, das ramagens sagradas do carvalho celtico; e pelas paredes, em

lettras douradas ondeiam os disticos tradicionaes--\_Merry Christmas!

Merry Christmas! alegre Natal! alegre Natal!\_ E o mesmo grito se repete

nos \_shakehands\_ que se dão ao hospede.

Sob a chaminé estala e dança a grande fogueira do Natal: a sua luz rica

faz parecer de ouro os cabellos louros, e de prata as barbas brancas.

Tudo está enfeitado como n'uma paschoa sagrada: dos retratos dos avós

pendem ramos de flôres de inverno, as flôres da neve, e todas as pratas

da casa scintillam sobre os aparadores, n'uma solemnidade patriarchal.

Dos grandes lustres balança-se o ramo symbolico do \_mistletoe\_, o ramo

do amor domestico: e ai das senhoras que um momento pararem sob a sua

ramagem! Quem assim as surprehender tem direito a beija-las n'um grande

abraço! Tambem, que voltas sabias, que estrategia complicada, para

evitar o ramo fatidico! Mas, pobres anjos! ou se enganam ou se assustam,

e a cada momento é sob o \_mistletoe\_ um grito, um beijo, dois braços que

prendem uma cinta fugitiva...

E o piano não se cala n'estas noites! É alguma velha canção ingleza, em

que se falla de torneios e cavalleiros, ou uma dança da Escossia, que se

baila com o gentil ceremonial do passado.

E por corredores e salas, as creanças, os bébés, com os cabellos ao

vento, vestidos de branco e côr de rosa, correm, cantam, riem, vão a

cada momento espreitar os ponteiros do relogio monumental, porque á

meia-noite chega Santo Claus, o veneravel Santo Claus, que tem trez mil

annos de edade e um coração de pomba, e que já a essa hora vem

caminhando pela neve da estrada, rindo com os seus velhos botões,

apoiado ao seu cajado, e com os alforges cheios de bonecos. Amavel Santo

Claus! por um tempo tão frio, n'aquella edade, deixar a cabana de

algodão que elle habita no paiz da Legenda, e vir por sobre ondas do mar

e ramagens de florestas trazer a estes bébés o seu Natal!

Tambem, como elles o adoram, o bom Claus! E apenas elle chegar, como

correrão todos, em triumpho, a puxal-o para o pé do lume, a esfregar-lhe

as decrepitas mãos regeladas, a offerecer-lhe uma taça de prata cheia de

hidromel quente--que elle bebe d'um trago, o glutão! Depois abrem-se-lhe

os alforges. Quantas maravilhas!...

Mas d'estes personagens que apparecem pelas consoadas, o meu predilecto

é \_Father Christmas--o papá Natal\_.

Esse, porém, só póde ser admirado em toda a sua gloria, quando se abre a

sala da ceia: então lá está sobre o seu pedestal, ao centro da meza--que

lhe põe em torno, com os crystaes e os pratos, um amavel brilho

d'aureola caseira. Bem vindo, papá Natal! Boas noites, papá Natal!

O respeitavel ancião, com o seu capuz até aos olhos, todo salpicado de

neve, as mãos escondidas nas largas mangas de frade, o olho maganão e

jovial, esgarça a bocca n'um riso de felicidade sem fim, e as suas

enormes barbas de algodão pendem-lhe até aos pés. Todas as creanças o

querem abraçar, e elle não se recusa, porque é indulgente.

E quanto mais a ceia se anima, mais o seu patriarchal riso se escancara;

as bochechas reluzem-lhe de escarlates, as barbas parecem crescer-lhe, e

alli está, bonacheirão e veneravel, com a importancia de um deus tutelar

e amado, como a encarnação sacramental da alegria domestica.

E no emtanto fóra, na neve, as pobres creanças cantam as lôas: e com que

vigor as cantam! É que ellas sabem que não serão esquecidas: e que

d'aqui a pouco a grade se abrirá, e virá um criado, vergando ao peso de

toda a sorte de cousas bôas, peças de carne, empadas, vinho, queijos--e

mesmo bonecas para os pequenos; porque Santo Claus é um democrata, e, se

enche os seus alforges para os ricos, gosta sobretudo de os vêr

esvaziados no regaço dos pobres.

Tudo isto é encantador. Mas tire-se-lhe a neve, e fica estragado. O

Natal com uma lua côr de manteiga a bater n'uma terra tepida de

Primavera torna-se apenas uma data no calendario. O lume não tem poesia

intima; não ha lôas; Santo Claus não vem; o papá Natal parece um boneco

insipido; não se colhe o \_mistletoe\_. Não ha mesmo a alegria de abrir a

janella e pôr no rebordo, dentro d'uma malga, a ceia de migalhas do

Natal para os pardaes e para os outros passarinhos que tanta fome

soffrem pelas neves. Emfim, não ha Natal! Foi o que succedeu este anno...

Resta a consolação de que os pobres tiveram menos frio. E isto é o

essencial; pensando bem, se nas cabanas houve mais algum conforto e se

se não tiritou toda a noite entre quatro farrapos, é perfeitamente

indifferente que nos castellos as damas bocejassem.

Nem eu sei realmente como a ceia faustosa possa saber bem, como o lume

do salão chegue a aquecer--quando se considere que lá fóra ha quem

regele, e quem rilhe, a um canto triste, uma codea de dois dias. É

justamente n'estas horas de festa intima, quando pára por um momento o

furioso galope do nosso egoismo--que a alma se abre a sentimentos

melhores de fraternidade e de sympathia universal, e que a consciencia

da miseria em que se debatem tantos milhares de creaturas, volta com uma

amargura maior. Basta então vêr uma pobre creança, pasmada deante da

\_vitrine\_ de uma loja, e com os olhos em lagrimas para uma boneca de

pataco, que ella nunca poderá apertar nos seus miseraveis braços--para

que se chegue á facil conclusão que isto é um mundo abominavel. D'este

sentimento nascem algumas caridades de Natal; mas, findas as consoadas,

o egoismo parte á desfilada, ninguem torna a pensar mais nos pobres, a

não ser alguns revolucionarios endurecidos, dignos do carcere--e a

miseria continúa a gemer ao seu canto!

Os philosophos affirmam que isto ha-de ser sempre assim: o mais nobre de

entre elles, Jesus, cujo nascimento estamos exactamente celebrando,

ameaçou-n'os, n'uma palavra immortal, \_que teriamos sempre pobres entre

nós\_. Tem-se procurado com revoluções successivas fazer falhar esta

sinistra profecia--mas as revoluções passam e os pobres ficam.

N'este momento, por exemplo, na Irlanda, os trabalhadores, ou antes os

servos do ducado de Leicester estão morrendo de fome, e o duque de

Leicester está retirando annualmente, do trabalho duro que elles fazem,

\_quatrocentos contos de reis de renda\_! É verdade que a Irlanda está em

revolta; é verdade que, se o duque de Leicester se arriscava a visitar o

seu ducado da Irlanda, receberia, sem tardar, quatro lindas balas no

craneo.

E o resultado? D'aqui a vinte annos os trabalhadores de Leicester

estarão de novo a soffrer a fome e o frio--e o filho do duque de

Leicester, duque elle mesmo então, voltará a arrecadar os seus

quatrocentos contos por anno.

Não é possivel mudar. O esforço humano consegue, quando muito, converter

um proletariado faminto n'uma burguezia farta; mas surge logo das

entranhas da sociedade um proletariado peior. Jesus tinha razão: haverá

sempre pobres entre nós. D'onde se prova que esta humanidade é o maior

erro que jámais Deus cometeu.

Aqui estamos sobre este globo ha doze mil annos a girar fastidiosamente

em torno do Sol e sem adiantar um metro na famosa \_estrada do progresso

e da perfectibilidade\_: porque só algum ingenuo de provincia é que ainda

considera \_progresso\_ a invenção ociosa d'esses bonecos pueris que se

chamam machinas, engenhos, locomotivas, etc., e essas prosas laboriosas

e difusas que se denominam \_systemas sociaes\_.

Nos dois ou trez primeiros mil annos de existencia trepámos a uma certa

altura de civilização; mas depois temos vindo rolando para baixo n'uma

cambalhota secular.

O typo secular e domestico de uma aldeia Arya do Himalaia, tal como uma

vetusta tradição o tem trazido até nos, é infinitamente mais perfeito

que o nosso organismo domestico e social. Já não fallo de gregos e

romanos: ninguem hoje tem bastante genio para compôr um côro d'Éschylo

ou uma pagina de Virgilio; como escultura e architectura, somos

grotescos; nenhum millionario é capaz de jantar como Lucullus;

agitavam-se em Athenas ou Roma mais ideias superiores n'um só dia do que

nós inventamos n'um seculo; os nossos exercitos fazem rir, comparados ás

legiões de Germanicus; não ha nada equiparavel á administração romana; o

\_boulevard\_ é uma viella suja ao lado da Via Áppia; nem uma Aspasia

temos; nunca ninguem tornou a fallar como Demosthenes--e o servo, o

escravo, essa miseria da Antiguidade, não era mais desgraçado que o

proletario moderno.

De facto, póde-se dizer que o homem nem sequer é superior ao seu

veneravel pae--o macaco: excepto em duas coisas temerosas--o soffrimento

moral e o soffrimento social.

Deus tem só uma medida a tomar com esta humanidade inutil: afogal-a n'um

diluvio. Mas afogal-a toda, sem repetir a fatal indulgencia que o levou

a poupar Noé; se não fôsse o egoismo senil d'esse patriarcha borracho,

que queria continuar a viver, para continuar a beber, nós hoje

gosariamos a felicidade ineffavel de \_não sermos\_...

V

Litteratura de Natal

Uma das cousas encantadoras que nos traz o Natal, são esses lindos

livros para creanças, que constituem a \_litteratura de Natal\_.

Não falo desses extraordinarios volumes dourados publicados pelos

editores francezes, em encadernações decorativas como fachadas de

cathedraes, que custam uma fortuna; contém um texto que nunca ninguem lê

e são offerecidos ás creanças, mas realmente servem para obsequiar os

papás. Os pobres pequenos nada gosam com esses monumentos typographicos;

apenas se lhes permite vêr de longe as gravuras a aço, sob a

fiscalização da mamã, que tem medo que se deteriore a encadernação; e o

resplandecente volume orna d'ahi por deante a jardineira da sala, ao

lado do candieiro vistoso.

Em Inglaterra existe uma verdadeira litteratura para creanças, que tem

os seus classicos e os seus inovadores, um movimento e um mercado,

editores e genios--em nada inferior á nossa litteratura de homens

sisudos. Aqui, apenas o bébé começa a soletrar, possue logo os seus

livros especiaes: são obras adoraveis, que não contém mais de dez ou

doze paginas, intercaladas de estampas, impressas em typo enorme, e de

um raro gosto de edição. Ordinariamente o assumpto é uma historia, em

seis ou sete phrases, e decerto menos complicada e dramatica que \_O

Conde de Monte-Christo\_ ou \_Nana\_; mas emfim tem os seus personagens, o

seu enredo, a sua moral e a sua catastrophe.

Tal é, para dar um exemplo, a lamentavel tragedia dos \_Tres velhos

sabios de Chester\_: eram muitos velhos e muito sabios; e para discutirem

cousas da sua sabedoria, metteram-se dentro de uma barrica, mas um

pastor que vinha a correr atráz de uma ovelha, deu um encontrão ao

tonel, e ficaram de pernas ao ar os tres velhos sabios de Chester!

Como estas ha milhares: a \_Cavallgada de João Gilpin\_ é uma obra de genio.

Depois, quando o bébé chega aos seus oito ou nove annos,

proporciona-se-lhe outra litteratura. Os sabios, a barrica, os

trambulhões, já o não interessariam; vêm então as historias de viagens,

de caçadas, de naufragios, de destinos fortes, a salutar chronica do

triumpho, do esforço humano sobre a resistencia da natureza.

Tudo isto é contado n'uma linguagem simples, pura, clara--e provando

sempre que na vida o exito pertence áqueles que têm energia, disciplina,

sangue-frio e bondade. Raras vezes se leva o espirito da creança para o

paiz do maravilhoso:--não ha n'estas litteraturas nem fantasmas, nem

milagres, nem cavernas com dragões de escamas de ouro: isso reserva-se

para a gente grande. E quando se falla de anjos ou de fadas é de modo

que a creança, naturalmente, venha a rir-se d'esse lindo sobrenatural, e

a consideral-o do genero \_boneco\_, como os seus proprios carneirinhos de

algodão.

O que se faz ás vezes é animar de uma vida ficticia os companheiros

inanimados da infancia: as bonecas, os polichinellos, os soldados de

chumbo. Conta-se-lhes, por exemplo, a tormentosa existencia d'uma boneca

honesta e infeliz: ou os soffrimentos por que passou em campanha, n'uma

guerra longinqua, uma caixa de soldados de chumbo. Esta litteratura é

profunda. As privações de soldados vivos não impressionariam talvez a

creança--mas todo o seu coração se confrange quando lê que padecimentos

e miserias atravessaram aquelles seus amigos, os guerreiros de chumbo,

cujas bayonetas torcidas ella todos os dias endireita com os dedos: e

assim póde ficar depositado n'um espirito de creança um justo horror da

guerra.

As lições moraes que se dão d'este modo são innumeraveis, e tanto mais

fecundas quanto sahem da acção e da existencia dos sêres que ella melhor

conhece--os seus bonecos.

Depois vêm ainda outros livros para os leitores de doze a quinze annos:

popularisações de sciencias; descripções dramaticas do universo; estudos

captivantes do mundo das plantas, do mar, das aves; viagens e

descobertas; a historia; e, emfim, em livros de imaginação, a vida

social apresentada de modo que nem uma realidade muito crúa ponha no

espirito tenro securas de misanthropia, nem uma falsa idealisação

produza uma sentimentalidade morbida.

É no Natal, principalmente, que esta litteratura floresce. As lojas dos

livreiros são então um paraizo. Não ha nada mais pittoresco, mais

original, mais decorativo, que as encadernações inglezas; e as estampas,

as côres leves e aguadas, offerecem quasi sempre verdadeiras obras

d'arte, de graça e d'\_humour\_.

Não sei se no Brazil existe isto. Em Portugal, nem em tal jámais se

ouviu fallar. Apparece uma ou outra d'essas edições de luxo, de Pariz,

de que fallei, e que constituem ornatos de sala. A França possue tambem

uma litteratura infantil tão rica e util como a de Inglaterra: mas essa

Portugal não a importa: livros para completar a mobilia, sim; para

educar o espirito, não.

A Belgica, a Hollanda, a Allemanha, prodigalisam estes livros para

creanças; na Dinamarca, na Suecia, elles são uma gloria da litteratura e

uma das riquezas do mercado.

Em Portugal, nada.

Eu ás vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres

creanças. Creio que se lhes dá Filinto Elysio, Garção, ou outro qualquer

desses mazorros sensaborões, quando os infelizes mostram inclinação pela

leitura.

Isto é tanto mais atroz quanto a creança portuguesa é excessivamente

viva, intelligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portuguezes,

só começamos a ser idiotas--quando chegamos á edade da razão. Em

pequenos, temos todos uma pontinha de genio: e estou certo que se

existisse uma litteratura infantil como a da Suecia ou da Hollanda, para

citar só paises tão pequenos como o nosso, erguer-se-hia

consideravelmente entre nós o nivel intellectual.

Em logar d'isso, apenas a luz do entendimento se abre aos nossos filhos,

sepultamol-a sob grossas camadas de latim! Depois do latim accumulamos a

rhetorica! Depois da rhetorica atulhamol-a de logica (de logica, Deus

piedoso!). E assim vamos erguendo até aos céus o monumento da camelice!

Pois bem; eu tenho a certeza que uma tal litteratura infantil penetraria

facilmente nos nossos costumes domesticos e teria uma venda proveitosa.

Muitas senhoras, intelligentes e pobres, se poderiam empregar em

escrever essas faceis historias: não é necessario o genio de Zola ou de

Thackeray para inventar o caso dos \_tres velhos sabios de Chester\_. Ha

entre nós artistas, de lapis facil e engraçado, que commentariam bem

essas aventuras n'um desenho de simples contorno, sem sombras e sem

relevo, lavado a côres transparentes... E quantos milhares de creanças

se fariam felizes, com esses bonitos livros--que, para serem populares e

se poderem despedaçar sem prejuizo, devem custar menos de um tostão!

Eu bem sei que esta ideia de compôr livros para creanças faria rir

Lisboa inteira. Tambem, não é a Lisboa que eu a offereço. Lisboa não se

occupa d'estes detalhes.

Lisboa quer cousa superior; quer a bella estrophe lyrica, o rico drama

em que se morre de paixão ao luar, o \_fadinho\_ ao piano, o saboroso

namoro de escada, a endeixa plangente, a bôa facadinha á meia noite, o

discurso em que se cita o Golgotha, a andaluza de cuia--emfim, tudo o

que o romantismo portuguez inventou de mais nobre. Educar os seus filhos

intelligentemente, está decerto abaixo da sua dignidade.

Mas, emfim, se estas linhas animassem ahi no Brazil, ou entre a colonia

portugueza, um escriptor, um desenhista e um editor, a prepararem alguns

bons livros, bem engraçados, bem alegres, para os bébés--eu teria feito

ao imperio um serviço colossal, que não sei como me poderia ser

recompensado.

Uma bôa fazenda, de rendimento certo, n'uma provincia rica, com casa já

mobilada e alguns cavallos na cavallariça, não seria talvez de mais. Se

a gratidão do governo imperial quizesse juntar a isto, para alfinetes,

um ou dois milhões em ouro, eu não os recusaria. E se me não quizessem

dar nada, bastar-me-hia então que um só bébé se risse e fôsse alguns

minutos feliz. Pensando bem--é esta a recompensa que prefiro.

VI

Israelismo

As duas grandes «sensações» do mez são incontestavelmente a publicação

do novo romance de Lord Beaconsfield, \_Endymion\_, e a agitação na

Allemanha contra os Judeus. Litterariamente, pois, e socialmente o mez

pertence aos israelitas. Este extraordinario movimento anti-judaico,

esta inacreditavel ressurreição das coleras piedosas do seculo XVI é

vigiada com tanto mais interesse em Inglaterra quanto aqui, como na

Allemanha, os judeus abundam, influindo na opinião pelos jornaes que

possuem (entre outros o \_Daily Telegraph\_, um dos mais importantes do

reino), dominando o commercio pelas suas casas bancarias e em certos

momentos mesmo governando o Estado pelo grande homem da sua raça, o seu

propheta maior, o proprio Lord Beaconsfield. Aqui, decerto, estamos

longe de vêr desencadear um odio nacional, uma perseguição social contra

os judeus; mas ha sufficientes symptomas de que o desenvolvimento firme

d'este Estado israelita dentro do Estado christão começa a impacientar o

inglez. Não vejo, por exemplo, que o que se está passando na Allemanha,

apesar de exhalar um odioso cheiro d'auto-de-fé, provoque uma grande

indignação da imprensa liberal de Londres: e já mesmo um jornal da

auctoridade do \_Spectator\_ se vê forçado a attenuar, perante os graves

protestos da colonia israelita, artigos em que descrevera os judeus como

uma corporação isolada e egoista, á semelhança das communidades

catholicas, trabalhando só no mesmo interesse, encerrando-se na força da

sua tradição e conservando sympathias e tendencias manifestamente hostis

ás do estado que os tolera. Tudo isto é já desagradavel.

Mas que diremos do movimento na Allemanha? Que em 1880, na sabia e

tolerante Allemanha, depois de Hegel, de Kant e de Schopenhauer, com os

professores Strauss e Hartmann, vivos e trabalhando, se recomece uma

campanha contra o judeu, o matador de Jesus, como se o imperador

Maximiliano estivesse ainda, do seu acampamento de Padua, decretando a

destruição da lei Rabbinica e ainda prégasse em Colonia o furioso

\_Grão-de-Pimenta\_, geral dos dominicanos--é facto para ficar de bocca

aberta todo um longo dia de Verão. Porque emfim, sob fórmas civilizadas

e constitucionaes (petições, \_meetings\_, artigos de revista, pamphletos,

interpellações) é realmente a uma perseguição de judeus que vamos

assistir, das boas, das antigas, das Manuelinas, quando se deitavam á

mesma fogueira os livros do Rabbino e o proprio Rabbino, exterminando

assim economicamente, com o mesmo feixe de lenha, a doutrina e o doutor.

E é curioso e edificante espectaculo vêr o veneravel professor Virchow,

erguendo-se no parlamento allemão, a defender os judeus, a sabedoria dos

livros hebraicos, as synagogas, asylo do pensamento durante os tempos

barbaros--exactamente como o illustre legista Roenchlin os defendia nas

perseguições que fecharam o seculo XV!

Mas o mais extraordinario ainda é a attitude do Governo allemão:

interpellado, forçado a dar a opinião official, a opinião d'estado sobre

este rancôr obsoleto e repentino da Allemanha contra o judeu, o governo

declara apenas, com labio escasso e secco, «\_que não tenciona por ora

alterar a legislação relativamente aos israelitas\_»! Não faltaria com

effeito mais que vêr os ministros do imperio, philosophos e professores,

decretando, á D. Manuel, a expulsão dos judeus, ou restringindo-lhes a

liberdade civil até os isolar em viellas escuras, fechadas por correntes

de ferro, como nas judiarias do \_Ghuetto\_. Mas uma tal declaração não é

menos ameaçadora. O estado dá a entender apenas que a perseguição não

ha-de partir da sua iniciativa: não tem, porém, uma palavra para

condemnar este estranho movimento anti-semitico, que em muitos pontos é

presentemente organisado pelas suas proprias auctoridades.

Deixa a colonia judaica em presença da irritação da grossa população

germanica--e lava simplesmente as suas mãos ministeriaes na bacia de

Poncio Pilatos.

Não affirma sequer que ha-de fazer respeitar as leis que protegem o

judeu, cidadão do imperio; tem apenas a vaga tenção, vaga como a nuvem

da manhã, de as não alterar \_por ora\_!

O resultado d'isto é que n'uma nação em que a sociedade conservadora

fórma como um largo batalhão, pensando o que lhe manda a «ordem do dia»

e marchando em disciplina, á voz do coronel,--cada bom allemão, cada

patriota, vae immediatamente concluir d'esta linguagem ambigua do

governo que, se a côrte, o estado-maior, os feld-marechaes, o senhor de

Bismarck, todo esse mundo venerado e obedecido não vêem o odio ao judeu

com enthusiasmo, não deixam, todavia, de o approvar em seus corações

christãos... E o novo movimento vae certamente receber, d'aqui, um

impulso inesperado.

Que digo eu? Já recebeu. Apenas se soube a resposta do ministerio, um

bando de mancebos, em Leipzig, que se poderiam tomar por frades

dominicanos mas que eram apenas philosophos estudantes, andaram

expulsando os judeus das cervejarias, arrancando-lhes assim o direito

individual mais caro e mais sagrado ao allemão: o direito á cerveja!

Mas d'onde provem este odio ao judeu? A Allemanha não quer, de certo,

começar de novo a vingar o sangue precioso de Jesus. Ha já tanto tempo

que essas cousas dolorosas se passaram!... A humanidade christã está

velha e, portanto, indulgente: em desoito seculos esquece a affronta

mais funda. E infelizmente hoje já ninguem, ao lêr os episodios da

Paixão, arranca furiosamente da espada, como Clovis, gritando, com a

face em pranto:

--Ah, infames! Não estar eu lá com os meus Francos!

Além d'isso, este movimento é organizado pela burguezia, e as classes

conservadoras da Allemanha são muito juridicas, para não approvarem, no

segredo do seu pensamento, o supplicio de Jesus. Dada uma sociedade

antiga e prospera, com a sua religião official, a sua moral official, a

sua litteratura official, o seu sacerdocio, o seu regimen de

propriedade, a sua aristocracia e o seu commercio--que se ha-de fazer a

um inspirado, a um revolucionario, que apparece seguido d'uma plébe

tumultuosa, prégando a destruição d'essas instituições consagradas á

fundação de uma nova ordem social sobre a ruina d'elas e, segundo a

expressão legal, \_excitando o odio dos cidadãos contra o Governo\_?

Evidentemente puni-lo.

Pede-o a lei, a ordem, a razão de Estado, a salvação publica e os

interesses conservadores. É justamente o que a Allemanha, com muita

razão, faz aos seus socialistas, a Karl Marx e a Bebel. Ora, estes maus

homens não querem fazer na Allemanha contemporanea uma revolução, de

certo, mais radical que a que Jesus emprehendeu no mundo semitico. É

verdade que o Nazareno era um Deus: para nós, certamente, humanidade

privilegiada, que o soubemos amar e comprehender:--mas em Jerusalem,

para o doutor do templo, para o escriba da lei, para o mercador do

bairro de David, para o proprietario das cearas que ondulavam até

Bethlem, para o centurião severo encarregado da ordem--Jesus era apenas

um insurrecto.

E se Bismarck estivesse de toga, no pretorio, sobre a cadeira curul de

Caiphás, teria assignado a sentença fatal tão serenamente como o dito

Caiphás, certo que n'esse momento salvava a sua patria da anarchia. Os

conservadores de Jerusalem foram logicos e legaes, como são hoje os de

Berlim, de S. Petersburgo ou de Vienna: no mundo antigo, como agora,

havia os mesmos interesses santos a guardar. Que diabo! é indispensavel

que a sociedade se conserve nas suas largas bases tradicionaes: e

outr'ora, como hoje, a salvação da ordem é a justificação dos supplicios.

É possivel que este goso, que nós, conservadores, temos hoje, de

triturar os Messias socialistas, encarcerar os Proudhon, mandar para a

Siberia os Bakounine, e crivar de multas os Felix Pyat--venha a custar

caro a nosso netos. Com o andar dos tempos, todo o grande reformador

social se transforma pouco a pouco em Deus: Zoroastro, Confucio,

Mahomet, Jesus, são exemplos recentes! As fórmas superiores do

pensamento têm uma tendencia fatal a tornar-se na futura lei revelada: e

toda a philosophia termina, nos seus velhos dias, por ser religião.

Augusto Comte já tem altares em Londres; já se lhe reza. E assim como

hoje exigimos capellas aos Santos Padres, aos que foram os auctores

divinos, os nobres criadores do catholicismo, talvez um dia, quando o

socialismo fôr religião do Estado, se vejam em nichos de templo, com uma

lamparina na frente, as imagens dos Santos Padres da revolução: Proudhon

de oculos, Bakounine parecendo um urso sob as suas pelles russas, Karl

Marx apoiado ao cajado symbolico do pastor d'almas.

Como a civilização caminha para o oeste, isto passar-se-ha ai para o

seculo XXVIII, na Nova Zelandia ou na Australia, quando nós, por nosso

turno, fôrmos as velhas raças do Oriente, as nossas linguas idiomas

mortos, e Pariz e Londres montões de columnas truncadas como hoje

Palmyra e Babylonia, que o zelandez e o australiano virão visitar, em

balão, com bilhete de ida e volta... Logicamente, então, como são

detestados hoje na Allemanha os herdeiros dos que mataram Jesus--só

haverá repulsão e odio pelos descendentes de nós outros, que estamos

encarcerando Bakounine ou multando Pyat. E como toda a religião tem um

periodo de furor e exterminio, esses nossos pobres netos serão

perseguidos, passarão ao estado de raça maldita e morrerão nos

supplicios... \_C'est raide!\_

Mas voltemos á Allemanha.

Ainda que o Pedro Ermita d'esta nova crusada constitucional seja um

sacerdote, o Revd. Streker, capellão e prégador da côrte, é evidente que

ella não tira a sua força da paixão religiosa. As cinco chagas de Jesus

nada têm que vêr com estas petições que por toda a parte se assignam,

pedindo ao governo que não permitta aos judeus adquirirem propriedades,

que não sejam admittidos aos cargos publicos, e outras extravagancias

gothicas! O motivo do furor anti-semitico é simplesmente a crescente

prosperidade da colonia judaica, colonia relativamente pequena, apenas

composta de 400.000 judeus; mas que pela sua actividade, a sua

pertinacia, a sua disciplina, está fazendo uma concorrencia triumphante

á burguezia allemã.

A alta finança e o pequeno commercio estão-lhe igualmente nas mãos: é o

judeu que empresta aos Estados e aos principes, e é a elle que o pequeno

proprietario hypoteca as terras. Nas profissões liberais absorve tudo: é

elle o advogado com mais causas e o medico com mais clientella: se na

mesma rua ha dois tendeiros, um allemão e outro judeu--o filho da

Germania ao fim do anno está fallido, o filho d'Israel tem carruagem!

Isto tornou-se mais frizante depois da guerra: e o bom allemão não póde

tolerar este espectaculo do judeu engordando, enriquecendo, reluzindo,

emquanto elle, carregado de louros, tem de emigrar para a America á

busca de pão.

Mas se a riqueza do judeu o irrita, a ostentação que o judeu faz da sua

riqueza enlouquece-o de furor. E, n'este ponto, devo dizer que o allemão

tem razão. A antiga legenda do israelita, magro, esguio, adunco,

caminhando cosido com a parede, e coando por entre as palpebras um olhar

turvo e desconfiado--pertence ao passado. O judeu hoje é um gordo. Traz

a cabeça alta, tem a pança ostentosa e enche a rua. É necessario vêl-os

em Londres, em Berlim, ou em Vienna: nas menores cousas, entrando em um

café ou occupando uma cadeira no theatro, têm um ar arrogante e ricaço,

que escandalisa. A sua pompa espectaculosa de Salomões \_parvenús\_

offende o nosso gosto contemporaneo, que é sobrio. Fallam sempre alto,

como em paiz vencido, e em um restaurante de Londres ou de Berlim nada

ha mais intoleravel que a gralhada semitica. Cobrem-se de joias, todos

os arreios das carruagens são de oiro, e amam o luxo grosseiro e

vistoso. Tudo isto irrita.

Mas o peior ainda, na Allemanha, é o habil plano com que fortificam a

sua prosperidade e garantem a sua influencia--plano tão habil que tem um

sabor de conspiração: na Allemanha, o judeu, lentamente, surdamente,

tem-se apoderado das duas grandes forças sociaes--a Bolsa e Imprensa.

Quasi todas as grandes casas bancarias da Allemanha, quasi todos os

grandes jornaes, estão na posse do semita. Assim, torna-se inatacavel.

De modo que não só expulsa o allemão das profissões liberais, o humilha

com a sua opulencia rutilante, e o traz dependente pelo capital; mas,

injuria suprema, pela voz dos seus jornaes, ordena-lhe o que ha-de

fazer, o que ha-de pensar, como se ha-de governar e com que se ha-de bater!

Tudo isto ainda seria supportavel se o judeu se fundisse com a raça

indigena. Mas não. O mundo judeu conserva-se isolado, compacto,

inacessivel e impenetravel. As muralhas formidaveis do templo de

Salomão, que fôram arrasadas, continuam a pôr em torno d'elle um

obstaculo de cidadelas. Dentro de Berlim ha uma verdadeira Jerusalem

inexpugnavel: ahi se refugiam com o seu Deus, o seu livro, os seus

costumes, o seu Sabbath, a sua lingua, o seu orgulho, a sua seccura,

gosando o ouro e desprezando o christão. Invadem a sociedade allemã,

querem lá brilhar e dominar, mas não permittem que o allemão meta sequer

o bico do sapato dentro da sociedade judaica. Só casam entre si; entre

si, ajudam-se regiamente, dando-se uns aos outros milhões--mas não

favoreceriam com um troco um allemão esfomeado; e põem um orgulho, um

coquetismo insolente em se differençar do resto da nação em tudo, desde

a maneira de pensar até á maneira de vestir. Naturalmente, um

exclusivismo tão accentuado é interpretado como hostilidade--e pago com

odio.

Tudo isto, no emtanto, é a \_lucta pela existencia\_. O judeu é o mais

forte, o judeu triumpha. O dever do allemão seria exercer o musculo,

aguçar o intellecto, esforçar-se, puxar-se para a frente para ser, por

seu turno, o mais forte. Não o faz: em logar d'isso, volta-se

miseravelmente, covardemente, para o governo e peticiona, em grandes

rolos de papel, que seja expulso o judeu dos direitos civis, porque o

judeu é rico, e porque o judeu é forte.

O Governo, esse esfrega as mãos, radiante. Os jornaes inglezes não

comprehendem a attitude do sr. de Bismarck, approvando tacitamente o

movimento anti-judaico. É facil de perceber; é um rasgo de genio do

chanceller. Ou pelo menos uma prova de que lê com proveito a Historia da

Allemanha.

Na meia idade, todas as vezes que o excesso dos males publicos, a peste

ou a fome, desesperava as populações; todas as vezes que o homem

escravisado, esmagado e explorado, mostrava signaes de revolta, a egreja

e o principe apressavam-se a dizer-lhe: «Bem vemos, tu soffres! Mas a

culpa é tua. É que o judeu matou Nosso Senhor e tu ainda não castigaste

sufficientemente o judeu.» A populaça então atirava-se aos judeus:

degolava, assava, esquartejava, fazia-se uma grande orgia de supplicios;

depois, saciada, a turba reentrava na tréva da sua miseria a esperar a

recompensa do Senhor.

Isto nunca falhava. Sempre que a egreja, que a feudalidade, se sentia

ameaçada por uma plébe desesperada de canga dolorosa--desviava o golpe

de si e dirigia-o contra o judeu.

Quando a besta popular mostrava sêde de sangue--servia-se á canalha

sangue israelita.

É justamente o que faz, em proporções civilizadas, o sr. de Bismarck. A

Allemanha soffre e murmura: a prolongada crise commercial, as más

colheitas, o excesso de impostos, o pesado serviço militar, a decadencia

industrial, tudo isto traz a classe media irritada. O povo, que soffre

mais, tem ao menos a esperança socialista; mas os conservadores começam

a vêr que os seus males vêm dos seus idolos.

Para o calmar e occupar, o que mais serviria ao chanceller seria uma

guerra, mas nem sempre se póde inventar uma guerra, e começa a ser grave

encontrar em campo a França preparada, mais forte que nunca, com os seus

dois milhões de bons soldados, a sua fabulosa riqueza, riqueza

inconcebivel, que, como dizia ha dias a \_Saturday Review\_, é um

phenomeno inquietador e difficil d'explicar.

Portanto, á falta d'uma guerra, o principe de Bismarck distrahe a

attenção do allemão esfomeado--apontando-lhe para o judeu enriquecido.

Não allude naturalmente á morte de Nosso Senhor Jesus Christo. Mas falla

nos milhões do judeu e no poder da Synagoga. E assim se explica a

estranha e desastrosa declaração do governo.

Da outra «sensação», o romance de Lord Beaconsfield, \_Endymion\_, não me

resta, n'esta carta, espaço para rir. Figuram n'elle, sob nomes

transparentes, Beaconsfield, elle proprio, Napoleão III, o principe de

Bismarck, o cardeal Manning, os Rothchilds, a imperatriz Eugenia,

duquezas, lords, marechaes... emfim um ramalhete de flôres, pelo qual o

editor Longman pagou \_cincoenta e quatro contos de reis\_ fortes.

Jovens de lettras, meus amigos, ponde vossos olhos n'este exemplo de

ouro! Sê prudente, mancebo; nunca, ao entrar na carreira litteraria,

publiques poema ou novella sem a antecipada precaução de ter sido

durante alguns annos--primeiro ministro de Inglaterra!

VII

A Irlanda e a Liga Agraria

É necessario fallar da Irlanda, fallar da \_Liga Agraria\_, fallar de

Parnell...

Ha seis mezes que este homem, esta associação, essa ilha inquieta, são o

cuidado supremo, a preoccupação pungente da Inglaterra e de tudo o que

em Inglaterra pensa, desde os homens de Estado até aos caricaturistas. E

dentro em breve o sentimento europeu, o sentimento universal, vae-se

exaltar pela \_questão da Irlanda\_, como outr'ora pela \_questão da Polonia\_.

A questão da Polonia! oh saudosos dias passados! Foi esse um dos meus

primeiros enthusiasmos! N'esse tempo, ser polaco era synonimo de ser

heroe: e a fórma mais usual da paixão, n'uma alma de vinte annos, não

consistia no desejo de se subir ao balcão de Julieta, mas de partir e ir

tomar as armas pela Polonia. Em Coimbra, sempre que nos reuniamos mais

de quatro amigos, faziamos logo esse projecto, gritando:--\_Viva a

Polonia!\_ Os jornaes transbordavam de poemas á Polonia e de injurias ao

Urso do Norte! Empenhavam-se batinas e compendios para soccorrer a

Polonia, em subscripções enthusiasticas. Em beneficio da Polonia eu

representei muito melodrama em que ora, virgem trahida e vestida de

branco, soluçava com as minhas tranças soltas--ora, traidor, soltando

gargalhadas cynicas, cravava um ferro no peito de Condé!

Por fim não eramos mais insensatos do que o povo de Paris em 1848,

marchando em procissão a reclamar do governo provisorio a libertação da

Polonia. «Mas é uma guerra com a Russia, é um conflicto europeu!» diziam

os prudentes. E os enthusiastas respondiam: «Não tem duvida; a França é

o Messias, é a salvadora dos opprimidos: a França é o Christo das

nações; sendo necessario, deve morrer por ellas.»

Mas desde 1848 muita agua tem passado sob as pontes, como dizem em

Paris: e mesmo muito sangue.

Por estes tempos de \_opportunismo\_ e de \_naturalismo\_, a pobre Irlanda

não inspirará jámais o culto piedoso que votamos outr'ora á Polonia.

De resto a Polonia e a Irlanda constituem dois casos differentes. É

certo, porém, que vistos de longe, atravéz da nevoa lacrimosa da

sentimentalidade, offerecem similitudes. A Irlanda póde talvez

considerar-se uma Polonia constitucional: ha aqui como na Polonia uma

raça opprimida, cujo solo foi dividido entre os grandes vassalos, as

familias historicas da nação conquistadora, e que desde então tem

permanecido em servidão agraria. Sómente na Irlanda o arbitrario e os

abusos, que esta situação origina, são recobertos pelo regimen

parlamentar de um bello verniz de legalidade: e a Irlanda soffre as

miserias de um paiz vencido e explorado--mas dentro das fórmas

constitucionaes.

O irlandez parece-se com o polaco em certos pontos: são ambos

arrebatados, imprudentes, espirituosos, generosos e poetas. Como o

Polaco, o irlandez catholico odeia o conquistador, sobretudo por elle

ser heretico de nacionalidade, misturando com o odio politico o

conflicto de religião. Como na Polonia, ha na Irlanda a legenda

patriotica da independencia, das revoltas suffocadas, dos agitadores

heroicos, legenda que falla á imaginação popular tanto como a mesma

religião, inspirando eguaes fanatismos, de tal sorte que o irlandez é

tão devoto dos seus santos como dos seus patriotas; como o polaco

despreza o russo, assim o irlandez olha o anglo-saxonio como um barbaro

e um estupido e tem por elle toda a antipatia desdenhosa que uma raça de

improvisadores póde ter por uma raça de criticos e de analistas. Na

ordem social, como na ordem domestica, ha entre a Polonia e a Irlanda

outras curiosas afinidades. A ultima táctica da Irlanda, mesmo, é

imitada da Polonia: a Irlanda vae apelar para a Europa e é Victor Hugo

quem fallará em nome dela, n'um manifesto com o titulo de Opressor e

Oprimido.

Mas a Inglaterra realmente não se parece com a Russia: nem mesmo atravéz

da nevoa da sensibilidade, atravez da paixão pela causa da Irlanda, o

mais esclarecido dos liberalismos póde ser confundido com o mais boçal

dos despotismos. E todavia a Inglaterra, para não perturbar os

interesses tyrannicos d'um milhar de ricos proprietarios, deixa na

miseria quatro milhões de homens. Tem todo o territorio irlandez

occupado militarmente. Apenas um patriota começa a ter influencia na

Irlanda, prende o patriota. Quando a eloquencia dos deputados irlandezes

se torna inquietadora, abafa-a, quebrando sem escrupulos uma tradição

parlamentar de seculos. Vae governar a Irlanda pela \_Lei marcial\_, como

qualquer czar. E, para suspender os planos da \_Liga Agraria\_, viola os

segredos das cartas.

Esta questão da Irlanda apresenta-se tão complexa, tão confusa como o

proprio chaos antes da grande façanha de Jehovah. Na Irlanda começa por

haver tres nações distinctas com interesses contradictorios: os

irlandezes catholicos, os irlandezes protestantes ou \_orangistas\_, os

inglezes e proprietarios escocezes. A questão da propriedade é sem

duvida a essencial: mas existem outras, a questão religiosa, a questão

policial, a questão judicial, a questão municipal, etc., etc. E sobre

cada uma d'estas questões é difficil achar dois irlandezes de accordo.

Cada aldeia se torna assim um campo de batalha: e, como são eloquentes e

sarcasticos, o grande fluxo labial, a paixão do epigramma amplificam e

azedam as dissensões.

Mesmo dentro da egreja catholica, que deveria conservar a tradicção da

Unidade--tumultua a discordia: o clero parochial está em lucta com os

dignitarios episcopaes: e é raro que o clero de um condado não divirja,

de sentimentos e de predica, com o clero do condado visinho. No mundo

dos patriotas revolucionarios não existe uma harmonia melhor: a \_Liga

Agraria\_ não aceita os \_Fenians\_, e os \_Fenians\_ abominam as tendencias

parlamentares dos \_Home-rulers\_: e dentro mesmo do partido dos

\_Home-rulers\_ ha democratas e conservadores. É um numeroso conflicto por

toda a pobre Irlanda.

Os irlandezes dizem, porém, que se lhes fosse dada a autonomia, horas

depois de declarada a Republica Irlandeza, todas estas questões se

resolveriam de per si e o paiz seria como um mar que amansa e fica em

equilibrio.

Até agora, porém, essa falta de unidade é adduzida justamente como

evidencia dos perigos que teria essa autonomia.

Os inglezes pensam sinceramente que no momento em que a Irlanda sahisse

de sob a tutela do bom senso e do saber inglez, no instante que essa

raça impressionavel, excitada, fanatica e pouco culta fosse abandonada a

si mesma, começaria uma guerra civil, uma guerra religiosa, differentes

guerras agrarias, que bem depressa fariam da Verde Erin um montão de

ruinas n'uma poça de sangue.

Se os irlandezes se não entendem bem sobre os \_males da Irlanda\_, os

inglezes comprehendem-se menos ácerca dos \_remedios para a Irlanda\_. E a

confusão em que se está provém principalmente da abundancia da

discussão. Não ha villota, ou mesmo aldeia d'Inglaterra, que não tenha

um jornal do tamanho da \_Gazeta de Noticias\_, com oito paginas e typo

cerrado. E d'alto a baixo esta vastidão de papel, desde que começou a

agitação da Liga Agraria, é occupada por estudos e artigos sobre a

Irlanda. Multiplique-se isto pelas tres ou quatro mil gazetas que a

pobre Inglaterra nutre sobre a sua epiderme: juntem-se-lhe os artigos

dos Semanarios, dos Quinzenarios, das Revistas e dos Magazines, os

pamphletos, as brochuras, os ensaios inumeraveis como as estrellas do

céo, os livros e tratados de toda a sorte, os discursos do parlamento,

as arengas dos \_meetings\_, as conferencias, os sermões, as controversias

publicas, as lições, emfim, toda essa colossal litteratura que nestes

ultimos mezes tem tomado por assumpto a Irlanda.

E digam-me se, com todo este mundo de informação, de discussão, de

theorias, de projectos, de systemas, de opiniões, de imaginações,--não é

natural que o cerebro da Inglaterra esteja, n'esta questão da Irlanda,

perfeitamente desorganisado. O meu está. Mas n'este cahos mental tenho

illustres companheiros: o grande Carlyle costumava dizer que a

sinceridade e a elevação de alguns patriotas irlandezes era a \_unica

coisa nitida e clara\_ que elle conseguia distinguir no escuro tumulto da

confusão irlandeza...

Ha tambem outra coisa que se percebe bem: é que a população trabalhadora

da Irlanda morre de fome, e que a classe proprietaria, os \_land-lords\_

indignam-se e reclamam o auxilio da policia ingleza quando os

trabalhadores manifestam esta pretensão absurda e revolucionaria--comer!

Aqui está, por exemplo, Sua Graça o Duque de Leicester, para não citar

outros de nomes menos sonoros: os seus rendimentos na Irlanda sobem a

\_quatrocentos contos de reis\_--e o infeliz tem ainda uns duzentos contos

mais das suas propriedades na Inglaterra! Este fidalgo, escuso talvez

dizel-o, não soffre frio e não passa fome: por outro lado, a população

de rendeiros que trabalham as suas terras, e que com o seu suor e o seu

esforço lhe arrancam do sólo este rendimento,--a unica cousa que

realmente tem é fome e frio. Mas este anno tiveram mais fome e mais frio

que de costume: e lá foram em farrapos, e com os pés nús sobre a neve,

supplicar a Sua Graça, o Duque de Leicester, que lhes fizesse uma

diminuição de dez por cento nas rendas--exageradas, absurdas e

devoradoras. Sua Graça respondeu (pela bocca dos seus administradores,

naturalmente: por sua propria bocca um Duque inglez nunca falla senão

com outro Duque) respondeu que as suas circumstancias não lhe permittem

essa liberalidade--e que a repetição d'uma tal supplica não podia ser

tolerada.

E os rendeiros de Sua Graça lá voltaram de cabeça baixa, para o frio e

para a fome.

Direi de passagem que se o pedido, em logar de ser feito pelos seus

rendeiros da Irlanda, partisse dos seus rendeiros da Inglaterra, Sua

Graça apressar-se-hia a satisfazel-o rasgadamente. É porque a Irlanda é

um paiz conquistado, e, quando o proletario se queixa, a policia fila-o

pela gola: mas, em Inglaterra, quando o operario inglez ergue a sua voz

de leão, a policia fica immovel, os Duques empallidecem, e o edificio

monarchico e feudal treme nas suas bases.

Mas, a proposito de Sua Graça o Duque de Leicester (gozemos o mais tempo

possivel esta illustre companhia: \_quand on prend du Duc on n'en saurait

trop prendre\_) deixem-me dizer-lhes em resumo quaes são as relações

agrarias entre um proprietario, um \_land-lord\_, e os seus rendeiros.

O sólo, é claro, pertence ao lord. Por que titulo não sei; talvez uma de

suas avós, n'uma noite que estava mais decotada, attrahisse o

inconstante olhar do amavel Carlos II, nos saráus galantes da

Restauração: d'esse olhar provém, acaso, esta bella propriedade. O

alegre Stuart era tão generoso! tinha-se vivido tão pobremente, tão

tristemente sob a dictadura puritana do Cromwell!... Depois, se Carlos

II tinha pouco dinheiro, (o desgraçado recebia uma mesada do rei de

França!) não lhe faltavam terras na Irlanda. Trez leguas de pastos, ou

de terreno aravel, por um beijo e os seus acessorios, não é caro para um

Stuart. E para uma fraca dama ou para seu esposo é um famoso negocio.

Note-se, por Deus, note-se que eu estou fazendo estas supposições sobre

um typo de Lord abstracto. Nem toda a minha sympathia pelos

trabalhadores irlandezes me levaria a suspeitar das purissimas senhoras

da Casa de Leicester...

Como proprietario do sólo, pois, o Lorde arrenda-o ás familias que de

geração em geração vivem nas suas terras: o irlandez prende-se ao sólo

como uma arvore pelas raizes, e muitas vezes prefere morrer a abandonar

um torrão arido que o não nutre. A emigração irlandeza para a America

sáe principalmente da população operaria das cidades. Ora, nos

contractos de renda, o homem de trabalho está absolutamente á mercê do

senhor da propriedade.

O valor das rendas é puramente arbitrario. Não ha typo de renda, baseado

sobre a avaliação das terras; existe o que se chama a avaliação de

Griffith, feita ha mais de trinta annos por o agronomo d'esse nome; mas

esta avaliação, equitativa e favoravel ao trabalhador, não é jamais

aceitada pelos proprietarios. N'isto está a origem de todas as miserias

da Irlanda; as rendas, absurdamente elevadas, absorvem todo o producto

da terra, e o rendeiro escassamente póde viver, muito menos economizar.

Além do sólo, o proprietario deve fornecer a habitação e os instrumentos

de trabalho: se na fazenda não existe casa, ou se ella necessita

reparações, o \_land-lord\_ dará naturalmente alguma madeira, uma

mão-cheia de prégos, um molho de colmo, para que o trabalhador erga a

cabana miseravel, muito inferior, como conforto, aos curraes dos nossos

gados; e a esta generosidade regia o \_land-lord\_ juntará talvez um velho

arado e um ferro de enxada. Mas estes dons são adiantamentos que elle

sobrecarrega com preços duplos ou triplos do seu valor, e de que se faz

embolsar por prestações trimestraes.

Não é possivel ser mais grandioso ou mais nobre.

Aqui está, pois, o rendeiro de posse de um tecto, de um terreno e de

ferramenta. Parece que só lhe resta começar a cultivar.

Assim seria, se não fosse na Irlanda. Mas a natureza, mãe fecunda e

amante, comporta-se aqui ainda peior que os lords: se a natureza tivesse

assento na camara dos pares de Inglaterra, não seria mais aspera, mais

hostil ao pobre e mais avara de si mesma. A natureza, quando não se

apresenta ao trabalhador irlandez sob o aspecto de sólo pedregoso,

mostra-se sob o aspecto de pantano.

Offerece-lhe de um lado um penedo, do outro um charco.

E diz-lhe com a sua ternura de mãe:

--Escolhe. De qual preferes tirar tu os meios de subsistencia?

O pobre irlandez o que preferiria era ir-se embora: mas como por toda a

parte encontraria um proprietario egual, os mesmos pedregulhos e

identicos lamaçaes--fica. E é então que se apresenta de novo a

generosidade do Lord. Sua Graça está pronta (porque Sua Graça é

compassiva) a escoar o pantano, a desempedrar o sólo, a fazer

melhoramentos na terra. Sua Graça vae mesmo mais longe: Sua Graça (Deus

o recompense!) offerece a semente. E mais ainda: Sua Graça (que as

bençãos do ceu o vistam!) dá os adubos.

E aqui está um rendeiro feliz, que tem a casa, os instrumentos, a

semente, os adubos... Sómente Sua Graça marca os preços que lhe convém

aos melhoramentos feitos, á semente e aos adubos: e no fim do anno a

renda que era originariamente de dez está em vinte e cinco! Como os

terrenos são pobres, os invernos abominaveis, o pobre rendeiro não póde

pagar: dirige-se então ao agiota--ou ao Lord mesmo. E desde esse momento

está n'uma rede de dividas, lettras, colheitas empenhadas, juros

accumulados, protestos, o demonio--de que jámais se poderá desenredar. O

resultado é previsto: o Lord (pelo seu agente) penhora-o, apossa-se do

grão que está nos celleiros, do gado que está nos curraes, do pequeno

bragal que está na arca, das arrecadas da mulher, das enxergas--e

expulsa-o da casa e da propriedade--da casa que elle talvez construiu,

da propriedade que elle com o seu trabalho melhorou! Tal qual como na

meia edade.

Estas expulsões, que se chamam \_evictions\_, são o terror irlandez. Que

ha-de fazer um miseravel com mulher, creanças, ás vezes uma avó

entrévada, que se vê d'uma hora para a outra no meio de uma estrada, por

um terrivel inverno, sem um farrapo para se cobrir, sem uma codea de

pão, sem casa, sem destino e sem esperança? E note-se que isto passa-se

em regiões como as da Irlanda, pouco habitadas, com um casal de legua em

legua.

Esta falta de vizinhos torna estas expulsões mais terriveis. Quantas

milhas a caminhar sob a chuva ou sob a neve, com as creanças chorando de

fome, os doentes levados n'uma padiola, até que se encontre algum

rendeiro mais feliz que ainda tem um canto de cabana onde azyle a

familia errante! Mas por pouco tempo--porque todos são pobres, todos

estão endividados, todos ameaçados da expulsão...

E durante esse tempo Sua Graça banqueteia-se, bebe \_Chateaux Margaux\_ de

6$000 reis a garrafa, caça, etc.--e aluga a fazenda, d'onde expulsou o

miseravel n.º 1, ao rendeiro n.º 2. Sómente o n.º 2, como a encontra

melhorada pelo antecedente, paga-a mais cara: e depois de explorado,

sugado, expremido, durante dois ou trez annos, é expulso--para dar logar

ao n.º 3. Este infeliz passa pelo mesmo processo de trituração, \_et sic

per omnia\_...

E as expulsões são inevitaveis, porque, com a altura absurda das rendas,

é impossivel que o rendeiro as possa pagar--e viver.

Isto, como comprehendem, é apenas um vago contorno da realidade,

apontada nas suas feições essenciais.

Descendo-se a detalhes--vê-se então uma horrorosa tréva de injustiça e

miseria.

Mas como pódem taes cousas passar-se no seculo XIX, e ao lado do povo

inglez?

Como permitte uma nação tão justa a existencia de tanto

oprobio?--dir-me-hão.

Justamente essa pergunta a fazia Victor Hugo ha dias a Parnell, o chefe

da \_Liga Agraria\_, na sua celebre entrevista. E eu responderei com as

palavras de Parnell.

Taes cousas passam-se no seculo XIX. E o povo inglez não as sabia: pelo

menos eram-lhe contadas de tal modo que, em logar de piedade, só sentia

colera.

E isto é exacto. Os males da Irlanda eram conhecidos pela voz dos seus

agitadores. Mas estes homens, desde O'Connell cometteram sempre o erro

de misturar as queixas d'um proletariado opprimido ás aspirações

d'independencia nacional: de sorte que a Inglaterra não attendia á

reclamação dos trabalhadores pela irritação que lhe causavam as

exigencias dos patriotas. O povo inglez não póde ouvir fallar em que a

Irlanda se separe, e se constitua em republica: mas está prompto a

ordenar que se lhe dê um justo regimen de propriedade.

O erro dos Fenians foi confundir a questão nacional com a questão

agraria: o rendeiro miseravel apparecia então aos inglezes com o aspecto

de um rebelde á União; e envolvendo-os ambos no mesmo odio, porque lhes

suppunha identicas ambições, suffocou sem discernimento, a voz que só

pedia pão e a voz que reclamava autonomia.

E todavia o povo inglez sentiu sempre instinctivamente que a Irlanda

soffria. Muitas vezes pediu para ella uma reforma das leis agrarias.

Era, porém, um pedir vago, sem cohesão: mais a expressão de

sensibilidades feridas do que a intimação da vontade nacional.

De sorte que os parlamentos, sahidos das classes que têm interesse em

manter a Irlanda na miseria, contentavam-se em fazer reformas de

detalhes, reformas insignificantes e imperceptiveis, para dar uma

satisfação á compaixão ingleza: e o regimen antigo ficava inatacado como

d'antes. Mas isto bastava para que alguns humanitarios dissessem com um

suspiro de allivio: «Emfim lá se fez alguma coisa pela Irlanda!» De

facto não se tinha feito nada.

Era, pois, necessario que a questão da propriedade fôsse separada da

questão da independencia: que se fizesse um movimento legal dentro da

constituição, com o fim exclusivo de terminar os abusos dos

\_land-lords\_, calando toda a ideia de arrancar a Irlanda ao Reino Unido.

Então haveria a certeza de que o povo inglez, vendo a questão agraria e

os seus horrores, isoladamente, no seu relevo proprio, desembaraçada das

declamações rebeldes e das agitações separatistas--determinasse dar a

tantos males, e tão antigos, um remedio radical. Foi isto que tentou a

\_Liga Agraria\_.

Esta carta é longa: e apresentando esta formidavel entidade--a \_Liga

Agraria\_, eu devo fazer como o illustre Ponson du Terrail, quando

introduzia um novo personagem, o heroe providencial, n'um fim de

folhetim: deixar a historia das suas façanhas, das suas virtudes e da

sua belleza, com o interesse suspenso, até ao folhetim seguinte. Não se

esqueçam que ficamos no momento em que, n'este palco da Historia

Irlandesa subitamente apparece ao fundo, misteriosa e grave, a \_Liga

Agraria\_.

VIII

Lord Beaconsfield

I

Recomeçando hoje estas CARTAS DE INGLATERRA--que eu não podia escrever

de Lisboa, onde estive alguns mezes gozando os ocios de Tityro, \_sub

tegmine fagi\_, á sombra d'essa faia constitucional que se chama o

Gremio--devo memorar, ainda que tarde, a morte de Benjamin Disraeli,

Lord Beaconsfield, ocorrida no dia 19 de maio, pela madrugada, em

Londres, na sua casa de Curzon Street. A doença de Lord Beaconsfield,

uma complicação de gotta, asthma e bronchite, arrastou-se cruel e longa;

o mal porém foi debelado e Lord Beaconsfield succumbiu realmente á

fraqueza, á fadiga dos setenta e sete annos e uma existencia tão

episodica, tão cheia, tão emotiva, que ella ficará como o seu melhor

romance, bem superior em estylo e interesse a \_Tancredo\_ ou a \_Endymion\_.

Desde o primeiro dia, Lord Beaconsfield perdeu logo a esperança de se

restabelecer; mas passou a encarar a morte como encarára sempre as suas

derrotas politicas: com uma coragem desdenhosa e fria e um ar de facil

superioridade. Durante a doença, aos accessos agudos da dôr, respondia

elle com esses sarcasmos mordentes e rebrilhantes, que tinham sido

sempre a sua desforra querida perante um adversario mais forte.

No dia 18, á noite, cahiu pouco a pouco n'uma somnolencia comatosa, e

assim permaneceu até ao romper da manhã; momentos antes de morrer,

agitou-se, ergueu-se, ainda dilatou o peito, lançou os braços ao

ar--como costumava fazer nos grandes debates da camara; depois recahiu

sobre o travesseiro, estendeu as mãos a Lord Rowton e Lord Barrigton,

seus secretarios, e murmurou debilmente: \_Estou vencido!\_--E ficou como

adormecido para sempre. E, considerando que, n'esse momento, toda a

Inglaterra, o mundo inteiro, esperavam anciosamente noticias d'aquelle

quarto de Curzon Street, onde expirava o homem que sessenta annos antes

era um pobre escrevente de cartorio--póde-se dizer que n'esta carreira

tão feliz a morte mesma foi feliz.

O seu proprio funeral teria agradado á sua imaginação--a certos lados

delicados da sua imaginação de artista. O testamento que deixou não

permitiu que se celebrassem funeraes publicos na Abbadia de

Westminster--disposição estranhavel n'um homem que mais que tudo amou a

pompa e os grandiosos ceremoniaes; mas não teve tambem o lugubre

scenario da morte, os crepes, as plumas negras, as tochas, os fumos, as

caveiras bordadas--tudo isso que deveria ser tão antiphatico ao seu

luminoso espirito. Foi sepultado no seu querido Castello d'Hughenden, no

meio das arvores do seu parque, por uma fresca manhã de maio, na capella

toda ornada de flôres como para uma alegria nupcial; o caminho que lá

levava ia por entre jasmineiros e rosaes; em vez do dobre dos sinos de

Westminster teve o gorgeiar das suas aves; e o caixão, seguido pelos

principes de Inglaterra, por todos os embaixadores, pela aristocracia

que ella governára--desapparecia sob corôas, ramos e molhos de

\_primroses\_, que a rainha Victoria mandára, com estas palavras escriptas

pela sua mão: «As flôres que elle amava.»

Depois, ao outro dia, em todas as cathedraes da Inglaterra, em cada

capella rustica, o clero fez do pulpito o elogio de Lord Beaconsfield;

nas universidades, nos institutos, nas academias, os professores

commemoraram aquella carreira soberba; pelas platafórmas dos \_meetings\_,

nas assembléas commerciais, em qualquer parte onde se juntam homens,

alguma voz se ergueu a honrar os seus serviços e o seu genio; Lord

Granville, na camara dos lords, na camara dos communs Gladstone,

fizeram, em sessão solemne, o seu panegyrico publico; e durante dias,

toda a imprensa ingleza, a imprensa de todo o mundo civilisado (excepto

a de Portugal, infelizmente) vieram cheias do seu nome, da commemoração

dos seus livros, da sua pittoresca historia.

E assim Lord Beaconsfield desappareceu--como fôra o desejo de toda a sua

vida--n'um rumor de apotheose.

E todavia nada parece mais injustificado que uma tal apotheose. Lord

Beaconsfield, por fim, foi um homem de estado que fez romances. Ora os

seus romances, como obras d'arte, já começam a apparecer, a esta geração

de sciencia e d'analyse, tão falsos, tão ficticios como as novellas

lyrico-religiosas do visconde d'Arlincourt; e como homem d'estado o nome

de Lord Beaconsfield não fica decerto ligado a nenhum grande progresso

na sociedade ingleza. Crear o titulo de Imperatriz das Indias para a

rainha de Inglaterra, roubar Chypre, restaurar certas prerogativas da

corôa, tramar o \_fiasco\_ do Afghanistan, não constituem de certos

titulos para a sua glorificação como reformador social: por outro lado,

escrever \_Tancredo\_ ou \_Endymion\_, não basta para marcar n'uma

litteratura, que teve contemporaneamente Dickens, Tackeray e Georges Eliot.

Como succede, depois d'isto, que a Inglaterra, paiz tão pratico, tão bem

equilibrado, se deixe levar em um tal arranque de admiração pelo homem

que foi a personificação, a encarnação de tudo quanto é contrario ao

temperamento, ás maneiras, ao gosto inglez? É que Lord Beaconsfield,

mais que nenhum outro contemporaneo, impressionou a imaginação

ingleza--e na fria Inglaterra, como sob céos mais calidos, são grandes

as influencias da imaginação.

Podia-se ás vezes sorrir das suas phantasticas obras d'arte, protestar

contra as suas theatraes combinações politicas, mas atravéz de protestos

e sorrisos a sua propria personalidade nunca deixou de maravilhar e de

fascinar. Qualquer inglez, medianamente educado, a quem se pergunte a

sua opinião sobre Lord Beaconsfield dirá: \_Foi um homem extraordinario!\_

Extraordinario--é como elle se nos representa, agora que se vê o

conjunto da sua existencia, que não parece ter sido um producto natural

dos factos ou das occasiões, mas uma creação subjectiva da sua propria

vontade, e como um enredo de romance talhado pela sua penna. Senão

veja-se. Tendo nascido judeu--tornou-se o chefe de uma aristocracia

saxonia e normanda, a mais orgulhosa da terra; começando em um obscuro

circulo litterario e vegetando algum tempo em um cartorio de

Londres--veiu a ser o mais famoso primeiro ministro de um grande

imperio; não possuindo senão dividas--bem cedo se tornou o inspirador

das grandes fortunas territoriais; homem de imaginação, de poesia, de

phantasia, foi o idolo das classes médias de Inglaterra, as mais

praticas e utilitarias que jamais dirigiram uma nação commercial; sem

religião e sem moral, governou um protestantismo que não concebe ordem

social possivel fóra da sua estreita religião e da sua estreita moral;

confessando o seu desprezo pela omnipotencia da sciencia moderna--foi o

grande homem de uma sociedade que quer dar a todo o progresso uma base

puramente scientifica: emfim, sendo o \_menos inglez possivel\_, tendo um

modo de ser e de sentir quasi estrangeiros, dirigiu annos e annos a

Inglaterra, o paiz mais hostil ao espirito estrangeiro, e que conhecia

bem que não era comprehendida pelo homem que a governava. Tudo isto

parece paradoxal--e a existencia de Lord Beaconsfield foi com effeito um

perpetuo paradoxo em acção. Para realizar tudo isto era necessario que o

seu genio, por um lado, por outro a sua habilidade, fossem grandes. E

realmente em dons pessoais nada lhe faltou: prodigiosa finura de

espirito, uma vontade de aço, uma coragem serena de heroe, uma infinita

veia sarcastica, um fogo ruidoso de eloquencia, o absoluto conhecimento

dos homens, a luminosa penetração no fundo dos caracteres e dos

temperamentos, um poder subtil de persuasão, um irresistivel encanto

pessoal,--e tudo isto envolvido (como n'uma athmosfera luminosa) por

alguma coisa de brilhante, de rico, de largo, de imprevisto, que era ou

fazia o effeito de ser o \_seu genio\_.

Eu por mim começo por admirar a sua propria apparencia. Diz-se que fôra

formoso como um Apollo--e que isto concorrera muito para os seus

primeiros triumphos: agora, já tão velho, era apenas pittoresco.

A sua grande testa sobre a qual cahiam aquelles dous extraordinarios

caracóes parallelos, o seu olhar recolhido e como concentrado em

pensamentos muito fundos, o nariz de pura raça israelita, a bocca

descahida na sua eterna curva sarcastica, o beiço inferior muito recurvo

e muito pendente, e a sua estranha pera de Mephistopheles--constituiam

uma d'estas physionomias que se sente que vão ficar na galeria da

historia e que servirão a futuros historiadores para explicar um destino

e um genio. Em novo, e quando as modas romanticas o permittiam,

vestia-se de setim e velludo, recobria-se d'um luxo de medalhões e

joias, as suas proprias calças tinham bordados d'ouro. Agora era mais

sobrio de \_toilette\_: usava apenas esses casacos compridos como tunicas,

a que os homens de origem judaica são particularmente affeiçoados, e o

seu unico adorno eram os bellos ramos que lhe enchiam o peito. Um

jornalista francez, n'um dia de crise politica em que Lord Beaconsfield

devia fazer um discurso decisivo, encontrou-o momentos antes, n'um dos

salões da camara, occupado a encher d'agua o tubosinho de crystal que

por traz da botoeira da casaca conservava frescas as suas rosas. Todo o

homem está n'este traço.

De raça oriental, teve sempre o amor do fausto, das pedrarias, dos ricos

tecidos, da pompa; os seus romances transbordam de descripções de

palacios, de festas perante as quaes as mais ricas galas de Salomão são

como desbotados scenarios de theatro de feira; o seu estylo resente-se

d'este gosto: é um sumptuoso estofo, com recamos de ouro, cravejado de

joias, scintillante e espesso, cahindo em belas pregas ao comprido da

idéa. O dinheiro, o ouro, preoccuparam-n'o sempre, menos pela sua

influencia social, que pelo mero esplendor da sua amontoação. Os seus

heroes possuem fortunas tão prodigiosas que seriam impossiveis nas

condições economicas do mundo moderno; Lothario, o famoso Lothario,

querendo dar um presente de annos a uma senhora catholica, offerece-lhe

uma cathedral toda de marmore branco, que elle mandou construir e que

dedicou á santa do nome d'ella; o seu custo excederia decerto dois mil

contos fortes. Confessemos que é \_chic\_. Pois bem; presentes d'estes

dava-os Lothario todos os dias. O banqueiro Sidonia, uma das mais

curiosas creações de Lord Beaconsfield, dando ao seu amigo Tancredo uma

carta de credito para os banqueiros da Syria, redige-a d'este modo:

«Pague á vista ao portador tanto ouro quanto seria necessario para

reconstruir os quatro leões de ouro massiço que ornavam a porta direita

do templo de Salomão.» Tambem muito \_chic\_.

Estou certo que um dos grandes prazeres de Lord Beaconsfield era poder

manejar os milhões de Inglaterra. Todos os seus ministerios custaram

caudalosos rios de dinheiro; gastava o ouro como a agua,--e dava-se ao

luxo de realisar por si, e á custa do seu paiz, as larguezas epicas do

seu banqueiro Sidonia. Mesmo quando estava no poder, estava ainda no

romance.

As linhas da sua biographia são conhecidas. Seu pae era um d'estes

litteratos mediocres e trabalhadores que vão desenterrando e

colleccionando atravéz de \_in-folios\_ e bibliothecas casos curiosos e

archaicos de historia e de litteratura.

Benjamin Disraeli nasceu por isso entre os livros--litteralmente entre

os livros, porque a casa em que viviam os Disraeli offerecia o espaço de

uma boceta, e no quarto da creança, entre a accumulação vetusta dos

calhamaços, havia apenas espaço para uma cadeira e para um berço. O

velho Disraeli era judeu: mas felizmente para os destinos futuros de seu

filho rompeu com a synagoga, e todos os Disraeli se fizeram christãos.

Benjamin tinha então dezessete annos, e o seu padrinho na pia baptismal

foi um certo Samuel Rogers, notavel por ser ao mesmo tempo um dos mais

ricos banqueiros da \_City\_ e um dos poetas mais elegiacos do seu

tempo--e notavel ainda por não ficar na historia, nem como banqueiro,

nem como poeta, mas como um requintado \_gourmet\_, o grande Lucullus de

Londres, que deu os mais celebres, os mais finos jantares da Europa.

Assim marcado com o rotulo christão, Benjamin Disraeli largou a caminhar

pela vida fóra, mas foi encalhar bem depressa n'um cartorio de

tabellião--onde se diz que, durante dous annos, este moço orgulhoso, que

já então se considerava um semi-deus, redigiu procurações e testamentos.

Com a mesma penna, porém, ia escrevendo \_Vivian Grey\_: e da tempestuosa

sensação que este romance produziu data a sua grande carreira. A obra, á

parte algumas fugitivas scintillações de um genio ainda desequilibrado,

é no seu conjunto, ao mesmo tempo pesada e vaga; mas satisfazia os

gostos escandalosos e intrigantes da sociedade d'então, pondo em scena

todas as individualidades marcantes de Londres, politicos, \_dandies\_,

rainhas da moda, poetas, especuladores.

O melhor resultado de \_Vivian Grey\_, foi tornar Disraeli Junior (como

elle então se assignava) o favorito de Lady Blenington e do conde

d'Orsay, as duas dominantes figuras de Londres d'essa época, e que

tinham \_de sociedade\_ o mais selecto, mais intelligente, mais apetecido

salão de Inglaterra.

Estes dous formavam um typo destinado a reinar. Lady Blenington era uma

mulher de graciosa e olympica belleza, de uma extrema audacia de

caracter e de alta energia intellectual. O conde d'Orsay, esse era o

homem que durante vinte annos governou a moda, o gosto, as maneiras, com

a mesma indisputada auctoridade com que hoje o principe de Bismarck

arbitra na Europa.

Usar um modelo de gravata ou admirar um poeta que não tivessem sido

aprovados pelo conde d'Orsay, seria correr o mesmo risco de uma nação

que hoje, sem auctorização secreta do principe de Bismarck, organisasse

uma expedição militar. Lady Blenington, entre outras coisas

embaraçadoras, tinha uma filha: e o bello d'Orsay, não sei porque, nem

elle o soube jámais, casou com essa menina. Os noivos vieram viver com

Lady Blenington; e, bem depressa, entre seu brilhante marido e sua

resplandecente mãe, a pobre condessa d'Orsay foi como uma pallida

lampada bruxoleando entre dous astros. Fez então uma cousa sensata e

espirituosa: apagou-se de todo, desappareceu. E o conde d'Orsay e Lady

Blenington, livres d'aquella senhora que entristecia, regelava as salas

com o seu ar honesto e frio, começaram então a scintillar

tranquillamente, como constellações conjunctas no firmamento social de

Londres. E Londres curvou-se deante d'esta nova e original situação

domestica, como se curvava deante de uma nova sobrecasaca do conde

d'Orsay, ou deante de uma decisão litteraria de Lady Blenington.

Benjamin Disraeli tornou-se bem depressa um dos heroes d'este

salão--onde desde logo se mostrára com esse ar de tranquilla

superioridade, de correcto desdem, que foi um dos segredos da sua força.

Ordinariamente conservava-se calado, apoiado ao marmore da chaminé,

n'uma pose d'Apollo melancholico, abandonando-se á caricia ambiente dos

olhares das damas que viam n'elle a encarnação radiante do poetico

Vivian Grey. As pessoas mais intimas, começando por Lady Blenington, já

lhe chamavam sempre \_Vivian, querido Vivian\_. O conde d'Orsay fizera-lhe

o retrato a sepia--honra que elle dava raramente, e a mais appetecida

n'esse curioso mundo.

Todos estes triumphos de Disraeli Junior não deixavam de surprehender

Disraeli Senior. Um dia, dizendo-lhe alguem que seu filho estava

compondo um romance, em que entravam duques, e toda a sorte de grandes,

o velho e laborioso litterato exclamou:--Duques, senhores! Mas meu filho

nunca viu um sequer!

Viu muitos depois, viu-os todos--e governou-os com uma vara de ferro.

Mas n'esse tempo o bello Disraeli Junior era ainda radical, ou tomára ao

menos essa attitude. Meditava mesmo a sua \_Epopêa da Revolução\_, a sua

unica obra em verso, uma vaga rhapsodia que eu nunca li, mas de que os

criticos mais benevolos fallam como d'um volume de duzentas paginas, sem

uma só linha toleravel. E, cousa curiosa, este homem tão fino, tão

sceptico, tão experiente, nunca perdeu a candura quasi comica de se

considerar um grande poeta como Virgilio ou como Dante, e a esperança

phantastica de que as gerações futuras poriam a \_Epopêa da Revolução\_ ao

par da \_Eneida\_, ou da \_Divina Comedia\_.

Apesar de poeta abominavel e de perfeito dandy--ou talvez por isso

mesmo--Benjamin Disraeli era reconhecido n'esse tempo como um dos chefes

do movimento da \_Joven Inglaterra\_.

A \_Joven Inglaterra\_ consistia n'um grupo de rapazes, ardentes e

aristocratas, que se tinham embebido da Revolução atravéz da

litteratura; fallavam muito da Humanidade e queriam sobretudo um \_burgo

pôdre\_ que os nomeasse deputados; cultivavam pelos salões o amor

platonico, quereriam vêr o povo feliz comtanto que estivessem elles no

poder para promover essas felicidades, e (traço decisivo das suas

maneiras e da sua \_pose\_) quando se escreviam uns aos outros tratavam-se

por \_my darling--meu amor\_!

Tinham ainda outros distintivos: usavam o cabello á \_nazarena\_,

mostravam a coragem (enorme n'esse tempo) de admirar o odiado Byron, e

procuravam elevar e aperfeiçoar a arte da cozinha em Inglaterra!

No emtanto, Benjamin Disraeli já estava bem decidido a sacudir o seu

radicalismo--quando fosse necessario aos interesses da sua careira. E

essa carreira via-a elle então, apesar de desconhecido e pobre, tão

claramente triumphante no futuro como se a tivesse deante dos seus olhos

escripta, parte por parte, n'um programma.

Em pleno reinado dos \_tories\_, é caracteristica já a sua resposta a Lord

Melbourne, primeiro-ministro então, que lhe perguntava o que elle

tencionava fazer.

--Ser eu o primeiro-ministro d'aqui a pouco--respondeu o dandy com as

suas grandes maneiras á Vivian Grey.

Lord Melbourne viu n'esta resposta uma odiosa e insolente jactancia. E

assim parecia, quando, tempo depois, Disraeli, já deputado por Wycombe,

fez o seu primeiro discurso--e o viu suffocado pelas gargalhadas e pelos

apupos. Como não podia dominar o tumulto, calou-se, dizendo apenas estas

palavras mais:

--Hoje não me quisestes ouvir. Um dia virá em que eu me farei escutar!

E um dia veio em que não só a camara dos communs, mas a Inglaterra, todo

o continente, a terra civilizada escutavam com anciedade as palavras que

iam cahir dos seus labios, e que traziam comsigo a paz ou a guerra na

Europa.

II

A reputação de salão que gozava Lord Beaconsfield, levou algum tempo a

transformar-se em popularidade; mas a sua popularidade, apenas obtida,

penetrou rapidamente a enorme massa trabalhadora, e tornou-se em poucos

annos essa vasta e ressoante nomeada, que fez o seu nome familiar, quasi

domestico, em toda a parte onde se falla inglez, na mais rude aldeia de

pescadores de Cornwall, no \_bush\_ d'Australia, entre os mesmos

montanhezes barbaros das \_Highlands\_, e que, quando elle se dirigia ao

congresso de Berlim, attrahia ás estações do caminho de ferro as

populações da Allemanha a contemplarem o \_grande inglez\_. E este

reconhecimento de gloria constitue um dos phenomenos mais curiosos da

carreira de Lord Beaconsfield; porque, em geral, não se avalia bem a

difficuldade portentosa de obter uma fama, mesmo mediocre.

Não ha nada tão illusorio como a extensão de uma celebridade; parece ás

vezes que uma reputação chega até aos confins de um reino--quando na

realidade ella escassamente passa das ultimas casas de um bairro.

No momento de sua prodigiosa voga, o velho Alexandre Dumas ficou

assombrado de que o magistrado de uma villa visinha de Paris, homem

illustrado, de resto, não soubesse com que letras se escrevia esse

glorioso nome de Dumas!

E se nós pudessemos reduzir a numeros as proporções das glorias

contemporaneas, ficariamos aterrados perante a grotesca mesquinhez dos

resultados. Nós outros jornalistas, criticos, artistas, homens de estudo

e de curiosidade litteraria, julgamos quasi impossivel que haja alguem

na Europa que não tenha lido Victor Hugo, ou que, pelo menos, não

conheça esse nome de syllabas faceis, que ha meio seculo fere, a grande

estrondo, o ouvido humano; pois bem, póde-se dizer que fóra de França

apenas cinco mil pessoas talvez terão lido Victor Hugo--e que não

passará decerto de dez mil o numero de creaturas que lhe saibam o nome,

incluindo mesmo a vasta massa democratica de que elle é o epico

official. E já isto constitue um famoso progresso--desde o tempo em que

Voltaire ambicionava ter \_cem leitores\_!

A conhecida alegoria da fama, cantando o nome d'um varão com as suas cem

bocas, applicadas ás suas cem tubas, e voando de um a outro confim do

universo--é uma das imagens mais descaradamente falsas que nos legou a

Antiguidade. Esse estrondear das cem tubas morre como um suspiro dentro

da área humilde d'um corrilho ou d'uma \_coterie\_: e nada viaja com uma

lentidão egual á da Fama. Um fardo de fazendas gasta quatro dias a vir

de Londres a Lisboa--e os nomes de Tennyson, Browning, Swinburne, os

tres grandes poetas da Inglaterra, e que ha quarenta annos são a sua

mais pura gloria, ainda cá não chegaram. É verdade que todo o mundo

necessita flanellas--e nem todo o mundo supporta poesia.

Mas uma celebridade não encontra só difficuldades em transpôr a

fronteira--acha-as sobretudo e quasi insuperaveis em fixar a atenção da

grande turba dos seus concidadãos. Principalmente n'um paiz como a

Inglaterra, em que a aspera lucta pela existencia, a soffrega

preoccupação do pão diario, o feroz conflicto da concorrencia, não

permitem esses pachorrentos vagares, os vagares portuguezes ou

hespanhóes, em que se está de barriga ao sol, prompto a olhar, a admirar

o menor foguete que estala nos ares.

Em Inglaterra, o duque de Wellington era de certo popular--porque ganhou

a batalha de Waterloo, e portanto, segundo a crença contemporanea,

salvára a Inglaterra da invasão. Gladstone é conhecido em cem cidades e

mil aldeias, porque alliviou a nação dos seus grandes impostos. Mas

estes fórmam as excepções; as outras celebridades inglesas, ou sejam

politicos como Lord Salisbury, ou philosophos como Spencer, ou poetas

como Browning, ou artistas como Herkomer--permanecem profundamente

ignorados da grande massa do publico. São reputações de salão, de

academia, de club, de redacção de jornal.

Ora, Lord Beaconsfield realmente nunca fez coisa alguma para se tornar

popular e sempre lembrado; nunca ligou o seu nome a uma grande

instituição, a um grande beneficio publico, a uma campanha victoriosa.

Tudo, ao contrario, n'esta original personalidade parecia destinal-o á

impopularidade: a sua origem, os seus gestos e habitos anti-inglezes, a

sua poderosa veia sarcastica, a sua oratoria requintada e subtil, o

gongorismo metaphysico das suas concepções litterarias, e certos lados

muito accentuados do seu fundo semitico. E a isto accrescia que, para a

grande maioria da nação, elle representava um \_parvenu\_ de auctoridade

oligarchica, surdamente hostil á ideia de democracia e de soberania

popular.

A sua assombrosa popularidade parece-me provir de duas causas: a

primeira é a sua idéa (que inspirou toda a sua politica), de que a

Inglaterra deveria ser a potencia dominante do mundo, uma especie de

Imperio Romano, alargando constantemente as suas colonias, apossando-se

dos continentes barbaros e \_britannizando-os\_, reinando em todos os

mercados, decidindo com o peso da sua espada a paz ou a guerra do mundo,

impondo as suas instituições, a sua lingua, as suas maneiras, a sua

arte, tendo por sonho um orbe terraqueo que fôsse todo elle um imperio

Britannico, rolando em rythmo atravez dos espaços.

Este ideal, que tomou o nome de \_imperialismo\_ nos dias de gloria de

Lord Beaconsfield, é uma idéa querida a todo o inglez; os mesmos jornaes

liberais que com tanto furor denunciavam os perigos d'esta politica

romana, no fundo gozavam uma immensa satisfação de orgulho em

proclamarem a sua inconveniencia. Havia tanta prosapia britannica em

conceber um tal Imperio, como em o condemnar, e em dizer, com um ar de

nobre renunciamento: «Não nos convém a responsabilidade de governar o

mundo!»

Lord Beaconsfield, sendo a encarnação official d'esta idéa imperial,

tornou-se naturalmente tão popular como ella. Foi considerado então como

o instrumento da grandeza exterior da Inglaterra, como o homem que a

fazia dominante e temida, que mantinha alta e reluzindo terrivelmente

aos olhos do mundo a espada de John Bull. Gladstone, Bright, a grande

escola liberal, conhecida pela \_escola de Manchester\_, era agora

accusada de ter, com a sua politica de abstenção só occupada de

melhoramentos materiaes, de finanças, de civilização interna--deixado

definhar, morrer o prestigio inglez na Europa.

E ai vinha agora aquele extraordinario judeu, apoiado na riqueza, na

prosperidade interior que lhe tinham legado os liberaes, collocar de

novo a Inglaterra á frente das nações, fazendo ressoar ao longe e ao

largo a sua voz de leão...

Todo o paiz andou durante annos inchado com esta grandiosa filaucia, que

Lord Beaconsfield ia sempre entretendo com os seus discursos bellicosos,

as ameaças theatraes, as concentrações de frotas, um constante movimento

de regimentos, invasões aqui e além, a occupação de Chypre, a quasi

absorpção da propriedade do isthmo de Suez, sempre algum lance brilhante

em que a Inglaterra apparecia entre os fogos de Bengala da sua

eloquencia, como a senhora do mundo. E John Bull adorava isto, apesar de

vêr que a espada da Inglaterra, depois de flammejar um momento nos ares,

era invariavelmente recolhida á bainha; apesar de comprehender que o

dinheiro se gastava como a agua das fontes; apesar de sentir que os

impostos cresciam; apesar de perceber que a Inglaterra estava tomando

sobre os hombros responsabilidades desproporcionadas com a sua força.

Depois, um dia, o grande senso pratico da Inglaterra viu claramente a

necessidade de brilhar menos aos olhos do mundo--e de se occupar da

machina interior, que começava a desarranjar-se: pôz fóra o grandioso

Beaconsfield, e chamou o pratico Gladstone--o homem que reconstitue as

finanças, que allivia os impostos, que faz as grandes reformas

interiores... Mas, apesar de tudo, Beaconsfield ficou como o typo do

estadista que mais que nenhum outro amou e desejou a grandeza imperial

da patria.

A esta causa de popularidade deve juntar-se outra--a \_reclame\_. Nunca um

estadista teve uma \_reclame\_ igual, tão continua, em tão vastas

proporções, tão habil. Os maiores jornaes de Inglaterra, da Allemanha,

da Austria, mesmo da França, estão (ninguem o ignora) nas mãos dos

israelitas. Ora o mundo judaico nunca cessou de considerar Lord

Beaconsfield como um judeu--apesar das gotas d'agua christã que lhe

tinham molhado a cabeça. Este incidente insignificante nunca impediu

Lord Beaconsfield de celebrar nas suas obras, de impôr pela sua

personalidade a superioridade da raça judaica,--e por outro lado nunca

obstou a que o judaismo europeu lhe prestasse absolutamente o tremendo

apoio do seu ouro, da sua intriga e da sua publicidade. Em novo, é o

dinheiro judeu que lhe paga as suas dividas; depois é a influencia

judaica que lhe dá a sua primeira cadeira no parlamento; é a ascendencia

judaica que consagra o exito do seu primeiro ministerio; é emfim a

imprensa nas mãos dos judeus, é o telegrafo nas mãos dos judeus, que

constantemente o celebraram, o glorificaram como estadista, como orador,

como escriptor, como heroe, como genio!

Como romancista, Lord Beaconsfield nunca escreveu propriamente um

romance tal como nós modernamente o comprehendemos. Alguns dos seus

romances são pamphletos em que os personagens constituem argumentos

vivos, triumphando ou succumbindo, não segundo a logica dos

temperamentos e as influencias do meio, mas segundo as necessidades da

controversia ou da these. Outros fórmam verdadeiras allegorias como as

tem a pintura decorativa nas muralhas dos monumentos publicos. N'um dos

mais celebres, \_Lothair\_, ha um mancebo ideal, encarnação do espirito

inglez, que ama successivamente tres mulheres: uma italiana casada com

um americano, bella creatura de perfil classico e fórmas de Deusa, que

representa a Democracia; uma ardente rapariga de cabellos negros e

revoltos, sempre em extasi, que é a personificação da Egreja Catholica;

e emfim uma doce e loura donzella, séria, grave e terna, que symboliza o

Protestantismo. Depois d'hesitar entre estas tres paixões--decide-se,

como um bom inglez, por casar com o Protestantismo, quero dizer, com a

loura, conservando um culto vago e secreto pela Democracia, quero dizer,

pela soberba americana de perfil marmoreo. Moral: a felicidade d'um povo

está na posse d'uma forte moral christã, alliada a um uso moderado da

liberdade. Isto dava um excelente e apparatoso \_fresco\_ na sala d'um

parlamento. E Lord Beaconsfield accentua os detalhes allegoricos com uma

tal ingenuidade, que faz por vezes sorrir; assim, por exemplo, a

americana, isto é, a Democracia, apparece sempre em \_soirées\_ e festas

vestida á grega, com uma estrella de brilhantes na fronte, como a cabeça

da \_republica\_ nas moedas francezas de cinco francos!

O meio, em que os seus romances se passam, tem quasi sempre um ar

feerico: tudo são, como disse ha pouco, palacios d'um fabuloso e sombrio

luxo, festas como as não tiveram os Medicis, fortunas de banqueiros, de

duques, perante as quaes os Cresus, os Monte-Christos, os Rothchilds,

todos os ricaços da lenda ou da realidade apparecem como despreziveis

pelintras.

A linguagem d'estes personagens corresponde ao esplendor das suas

moradas e ao nebuloso dos seus destinos. \_Misses\_ de dezoito annos,

habitando prosaicamente Belgrave Square, fallam aos seus namorados com a

pompa allegorica do \_Cantico dos Canticos\_; e quando (o que é frequente)

dois brilhantes espiritos como Sidonia ou Mrs. Coningsby conversam,

veem-se, cruzando rapidamente d'um a outro labio, as imagens rutilantes,

os luminosos conceitos, como se as duas creaturas se estivessem

recitando um ao outro numeros do \_Intermezzo\_ ou sonetos de Petrarcha.

Esta linguagem, de resto, convem ás idéas, aos sentimentos, ás aventuras

que elle atribue aos seus typos principaes; tudo o que é humano e real

fica absolutamente de fóra d'essas transcendentes creações: fallando

como poetas, comportam-se naturalmente como chimeras.

O seu mais famoso heroe, Tancredo, vae a Jerusalém e á Syria com este

fim: \_penetrar o mysterio asiatico\_. Não percebem? É facil. Sendo

Jerusalém e as planicies da Syria o unico ponto do Universo em que Deus,

em tempos, conversou com o homem, em que appareceram os prophetas e os

Messias, em que das sarças, do murmurio dos rios e do echo dos desertos

surgiram as Leis Novas, dando á humanidade destinos novos--o moço

Tancredo parte, para que lá, n'esses logares, Deus lhe falle, um raio de

luz o divinize, uma religião lhe seja revelada, e tendo partido de

Londres como simples lord, possa regressar a Regent Street, como Messias

e regenerador de sociedades!

E (perguntar-me-hão) o que succede a Tancredo na Syria? O que succede a

todos os personagens de Lord Beaconsfield, que nas primeiras paginas

partem para sobrehumanos destinos, como os antigos cavalleiros da Tavola

Redonda: succede-lhe que casa com uma linda e honesta menina, e que tem

muitos filhos no meio de muita felicidade...

E o \_mysterio asiatico\_? Parece que o não achou. Mas descobriu coisas

curiosas e de rara fabula: por exemplo, um povo pagão, onde reina uma

bella sacerdotisa de Apollo, que celebra ainda hoje nobres cultos

hellenicos, e que se namora de Tancredo. Mas Tancredo, cavalleiro

christão, depois de a defender da invasão d'um outro povo, que adora

idolos infames, foge, foge á desfilada, deixando a classica rainha a

gemer de amor aos pés da estatua d'Astarte. Depois elle mesmo está para

ser rei do Libano. Emfim, uma grandiosa e rutilante salsada. E tudo isto

se passa ahi por 1855, no tempo da Exposição de Paris.

Mas que prodigioso talento, que arte, que amplidão d'imaginação para pôr

de pé, em todo o seu brilho, este desordenado monumento d'Idealismo!

Com effeito, que artista fino e por vezes poderoso!

Apesar d'este abuso do gongorismo na ficção, do vago e ao mesmo tempo do

amaneirado das suas concepções, d'estes enredos e d'estes personagens

que por vezes parecem uma mystificação--os seus romances nunca deixam

d'interessar, direi mesmo, nunca deixam de captivar. Atravessa-os sempre

um enthusiasmo sincero--em que se sente o amor poetico com que elle

segue os seus generosos heroes, as suas bellas mulheres, n'esses

destinos fóra da realidade. Depois a sua fina sensibilidade, o seu

idealismo um pouco convencional, mas de grande \_elan\_, os requintes d'um

gosto supremo--levam-no a dotar os seus personagens, e a acção em que

elles se movem, de uma tal belleza espiritual, de uma tão alta nobreza

de costumes, que os olhos enlevam-se, a imaginação namora-se d'esse

mundo ficticio, d'essa humanidade de poema, onde nada existe de vulgar

ou de baixo, e onde brilham fórmas maravilhosas e transcendentes do

pensar, do sentir e do viver.

Isto dá-lhe uma qualidade encantadora: é \_luminoso\_. Personagens,

paizagens, interiores, o proprio movimento da aventura--tudo está

banhado n'uma luz serena e graciosa. Pintando as cousas fóra da verdade

social, não tendo de lhe apresentar as sombras tristes, exclue dos seus

vastos quadros tudo o que na vida é duro, brutal, feio, máu,

estupido--as fórmas varias da baixeza humana.

Escrevia para uma sociedade rica, nobre, litteraria, requintada--e

mostra-lhe um mundo d'ouro e crystal, girando n'uma bella harmonia,

batido de uma luz côr de rosa...

Tenho insistido n'este lado \_não real\_ dos livros de Lord Beaconsfield.

Todavia, um homem d'estes, antigo \_dandy\_, critico, estadista, habituado

a governar, observador por necessidade, não podia deixar de ter

accumulado uma grande experiencia dos caracteres e da sociedade; e essa

experiencia deveria necessariamente transparecer nas suas pinturas da

vida. E lá está com effeito. Por entre as suas grandes creações

symbolicas, de indisciplinada imaginação (\_Tancredo\_, \_Lothair\_,

\_Sibyl\_) move-se todo um mundo real, de uma vida exacta e forte, figuras

de carne, postas de pé com um singular vigor de desenho e côr. São os

seus personagens secundarios, os seus politicos, os seus intrigantes, os

seus homens de lettras, as suas mulheres da moda, os seus lords

elegantes. Todos estes typos fôram copiados do natural. Londres

conhecia-os, dava-lhes logo os nomes; e o escandalo d'estes retratos foi

mesmo uma das grandes causas do successo de Lord Beaconsfield. Mas,

mesmo para quem não frequenta a sociedade de Londres, e não conhece os

originaes, estes typos interessam--porque \_vivem\_.

Ordinariamente são apenas esboços, mas magistraes; e apparecendo assim

em destaque, ao lado de creações de pura imaginação, descomedidamente

poeticas e de contornos fluctuantes, esses typos reaes adquirem um

relevo maior, como perfis da verdadeira humanidade, mostrando-se por

entre o nebuloso de uma mythologia.

São elles os que interessam, e da vasta galeria de Lord Beaconsfield só

elles ficarão lembrados.

Seria impossivel, n'este estudo ao correr da penna, feito só de

impressões, marcar todos os traços de uma individualidade tão complexa

como a de Lord Beaconsfield.

Poucos homens têm produzido um tão curioso conflicto de apreciações:

diz-se d'elle que foi um grande homem de estado, e diz-se tambem que foi

apenas um charlatão; a critica tem-n'o apresentado como um romancista de

genio--e como um máu alinhavador de novellas! Homem de partido, soffreu

em politica e em litteratura, ora a idolatria, ora o rancor da

parcialidade partidaria. Uma coisa porém tinha a seu favor: é que todos

os mediocres o detestavam.

É difficil, de resto, separar n'elle o politico do romancista: sempre

fez politica nas obras d'arte, que se tornavam assim resoantes

manifestos das suas idéas de estadista--e fez romance no governo, que

parecia muitas vezes um \_scenario de drama\_, sobre o qual elle estava de

penna na mão, combinando os lances d'effeito. Seja como fôr, a

Inglaterra perdeu nele um dos seus genios mais pittorescos e mais

originaes.

Individualmente foi um \_feliz\_. Tendo, em novo, lançado o plano da sua

vida futura, como quem prepara um enredo de romance, realisou-o

plenamente em todos os pontos, n'um continuo triumpho. Foi formoso, foi

amado, foi rico, teve a melhor esposa de Inglaterra (como elle dizia),

deixou uma vasta obra litteraria, foi o confidente escolhido da sua

rainha, governou a sua patria, pesou nos destinos do mundo, e findou

n'uma apotheose. Foi então absolutamente, ininterrompidamente, ditoso?

Não. Este homem triumphante viveu acompanhado d'um secreto, d'um

pequenino, d'um ridiculo desgosto: nunca pôde fallar bem francez!

IX

Os inglezes no Egypto

I

O que resta d'Alexandria.--A estreia d'Arabi Paxá.--Algemas ao café.

Até ha cinco ou seis semanas Alexandria podia ser descripta no estylo

convidativo dos \_Guias de viajantes\_ como uma rica cidade de 250.000

habitantes, entre europeus e arabes, animada, especuladora, prospera,

tornando-se rapidamente uma Marselha do Oriente. Nenhum \_Guia\_, porém,

por mais servilmente lisonjeiro, poderia chamar-lhe interessante.

Apesar dos seus dois mil annos de edade, de ter sido, depois de Athenas

e Roma, o maior centro de luxo, de lettras e de commercio que floresceu

no Mediterraneo, a velha cidade dos Ptolomeus não possuia hoje nenhum

monumento do seu passado, a não contarmos, ao lado d'um velho cemiterio

mussulmano, uma coluna erigida outr'ora por um prefeito romano em honra

de Diocleciano, conhecida pelo sobrenome singular de \_Pilar de Pompeu\_,

e mais longe, estendido n'um areal, um obelisco pharaonico do templo de

Luxor, que gosava a grotesca alcunha de \_Agulha de Cleopatra\_. E esta

mesma reliquia está agora em Londres, no aterro do Tamisa, pousada n'uma

peanha de bronze, allumiada pela luz electrica, aturdida pelo estrondo

dos comboyos...

Os bairros europeus d'Alexandria quasi recentes (ha cincoenta annos,

antes de Mehemet-Ali dar o impulso á sua reedificação, a grande

metropole que espantava o califa Omar estava reduzida a uma aldeia

vivendo da pesca e do commercio d'esponjas) compunham-se principalmente

d'uma vasta praça, a famosa \_praça dos Consules\_, orgulho de todo o

Levante, e de ruas largas, com nomes francezes, estuque francez nas

fachadas, taboletas francezas nas lojas, cafés francezes, lupanares

francezes--como um \_faubourg\_ de Bordéus ou de Marselha transportado

para o Egypto e empenachado aqui e além de palmeiras.

A parte arabe da cidade não tinha nenhum pittoresco oriental: eram

arruamentos quasi direitos, com casebres lavados a cal e terminando em

terraço, pousados n'um solo, meio de terra e meio de areia, que a menor

brisa do mar espalhava em nuvens pelo ar.

Cidade feia á vista, desagradavel ao olfacto, reles, insalubre,

Alexandria visitava-se á pressa, ao trote de uma tipoia, e depressa se

apagava da memoria, apenas o comboio do Cairo deixava a estação, e se

ausentavam, entre as primeiras culturas do Delta, ao longo dos canaes,

as filas de ibis brancos, os mais velhos habitantes do Egypto, outr'ora

deuses, ainda hoje aves sagradas...

Todavia, tal qual era, Alexandria, com a sua bahia atulhada de paquetes,

de navios mercantes e de navios de guerra; com os seus cáes cheios de

fardos e de gritaria, os seus grandes hoteis, as suas bandeiras

fluctuando sobre os consulados, os seus enormes armazens, os seus

centenares de tipoias descobertas, os seus mil cafés-concertos e os seus

mil lupanares; com as suas ruas, onde os soldados egypcios, de fardeta

de linho branco, davam o braço á marujada de Marselha e de Liverpool,

onde as filas de camelos, conduzidos por um beduino de lança ao hombro,

embaraçavam a passagem dos \_tramways\_ americanos, onde os \_sheiks\_, de

turbante verde, trotando no seu burro branco, se cruzavam com as

caleches francezas dos negociantes, governadas por cocheiros de

libré--Alexandria realizava o mais completo typo que o mundo possuia de

uma cidade levantina, e não fazia má figura, sob o seu céo azul ferrete,

como a capital commercial do Egypto e uma Liverpool do Mediterraneo.

Isto era assim, ha cinco ou seis semanas. Hoje, á hora em que escrevo,

Alexandria é apenas um immenso montão de ruinas.

Do bairro europeu, da famosa \_praça dos Consules\_, dos hoteis, dos

bancos, do escriptorios, das companhias, dos cafés-lupanares, resta

apenas um confuso entulho sobre o solo, e aqui e além uma parede

enegrecida que se vae alluindo.

Pela quarta vez na historia, Alexandria deixou de existir.

Tratando-se do Egypto, terra das antigas maldições, póde-se pensar, em

presença de tal catastrophe, que passou por alli a colera de

Jehovah--uma d'essas coleras de que ainda estremecem as paginas da

Biblia, quando o Deus unico, vendo uma cidade cobrir-se da negra crosta

do peccado, corria de entre as nuvens a cicatrizal-a pelo fogo, como uma

chaga viva da Terra. Mas d'esta vez não foi Jehovah. Foi simplesmente o

almirante inglez Sir Beauchamp Seymour, em nome da Inglaterra, e usando

com vagar e methodo, por ordens do governo liberal do Sr. Gladstone, os

seus canhões de oitenta toneladas.

Seria talvez deshonesto, de certo seria desproporcionado, o juntar aos

nomes dos homens fortes que n'estes ultimos dous mil annos se têm

arremessado sobre Alexandria e a têm deixado em ruinas,--aos nomes de

Caracalla, o pagão, de Cyrillo, o santo, de Diocleciano, o perseguidor,

e de Ben-Amon, o sanguinario--o nome de Sr. William Gladstone, o

humanitario, o paladino das nacionalidades tyrannizadas, o apostolo da

democracia christã. Mas se por um lado, evidentemente, a politica do

snr. Gladstone não é um producto de pura ferocidade pessoal, como a de

Caracalla, que fez arrasar Alexandria, porque um poeta d'essa cidade

finmente dada ás letras o molestára n'um epigramma--por outro lado esta

brusca aggressão de uma frota de doze couraçados, cidadellas de ferro

fluctuando sobre as aguas, contra as decrepitas fortificações de

Mehemet-Ali, este bombardeamento d'uma cidade egypcia, estando a

Inglaterra em paz com o Egypto, parece-se singularmente com a politica

primitiva do califa Omar ou dos imperadores persas, que consistia

n'isto:--ser forte, cahir sobre o fraco, destruir vida e empolgar

fazendas. D'onde se vê que isso a que se chama aqui a \_politica imperial

d'Inglaterra\_, ou \_os interesses da Inglaterra no Oriente\_, póde levar

um ministro christão a repetir os crimes d'um pirata mussulmano, e o

snr. Gladstone, que é quasi um santo, a comportar-se pouco mais ou menos

como Ben-Amon, que era inteiramente um monstro. Antes não ser ministro

d'Inglaterra! E foi o que pensou o veneravel John Brigth, que, para não

partilhar a cumplicidade d'esta brutal destruição d'uma cidade

inoffensiva, deu a sua demissão do Gabinete, separou-se dos seus amigos

de cincoenta annos, e foi modestamente occupar o seu velho banco de

oposição...

Tudo o que se prende immediatamente com a aniquilação de Alexandria, é

de facil historia, sobretudo, traçando-se só as linhas principaes, as

unicas que pódem interessar quem está moral, e materialmente, a tres mil

legoas do Egypto e das suas desgraças.

No principio de junho passado, o almirante inglez Sir Beauchamp Seymour

achava-se nas aguas de Alexandria, commandando uma formidavel frota, e

tendo ancorada ao seu lado uma esquadra franceza com o pavilhão do

almirante Conrad. A França e a Inglaterra estavam alli com morrões

accesos, vigiando Alexandria, de camaradagem, como tinham estado nos

ultimos dous annos no Cairo, de penna atraz da orelha, fiscalisando, de

camaradagem, as finanças egypcias: porque sabem, de certo, que, tendo o

Egypto (endividado até ao alto das pyramides para com as burguezias

financeiras de Pariz e Londres) omittido o pagamento de alguns

\_coupons\_,--a França e a Inglaterra, protegendo maternalmente os

interesses dos seus agiotas, installaram no Cairo dous cavalheiros, os

srs. Coloin e Blegniéres, ambos com funcções de secretarios de fazenda

no ministerio egypcio, ambos encarregados de colher a receita, geril-a e

applicar-lhe a parte mais pingue á amortisação e juros da famosa divida

egypcia!

De sorte que as duas bandeiras, de Inglaterra e da França, eram na

realidade dous enormes papeis de credito, içados no tope dos couraçados.

No almirante Seymour e no almirante Conrad reappareceram os dous

burguezes, Coloin e Blegnières. E na bahia de Alexandria, perante o

Egypto, um dos grandes fallidos do Oriente, as frotas unidas das duas

altas civilisações do Occidente representavam simplesmente a usura armada.

Isto era assim na realidade. Officialmente, porém, os couraçados estavam

alli fazendo uma demonstração naval, de facto realisando uma intervenção

estrangeira--porque se tinham dado casos no Egypto e o Khediva

declarara-se \_coacto\_. Todos os que conhecem a historia contemporanea de

Portugal e de outros curiosos paizes constitucionaes sabem o que

significa esta deliciosa phrase: \_El-rei está coacto!\_ Isto quer dizer

que Sua Magestade se acha em palacio, cercado de uma populaça carrancuda

que agarrou em chuços, arranjou uma bandeira no alto de um páu, e vem

impor esta fórmula prodigiosamente desagradavel para El-rei: diminuição

de auctoridade regia e augmento de liberdade publica...

Se El-rei conserva por traz do palacio alguns regimentos fieis, enverga

n'esse momento a farda de generalissimo, e manda acutilar o seu povo: se

desgraçadamente, porém, os soldados estão unidos aos cidadãos, então

El-rei \_declara-se coacto\_, e pede a um rei visinho, mais forte e menos

atarantado, que lhe mande uma divisão, a \_restabelecer a ordem\_--isto é

a assegurar a Sua Magestade a sua somma intacta d'autoridade regia,

dispersando a tiro a tentativa de liberdade publica. Isto hoje,

realmente, já se não usa na Europa: mas no Oriente, ao que parece, é

ainda um methodo muito decente de acalmar os descontentamentos nacionaes.

O Khediva, esse excellente e pacato moço, tinha sido victima de um

\_pronunciamento\_ planeado, á maneira hespanhola, mas posto em scena á

moda turca. Um coronel, Arabi-bey, que em breve ia ser o famoso

Arabi-Pachá, apresentou-se com outros officiaes no palacio, e depois do

\_salamalek\_, que na etiqueta turca consiste em beijar devotamente a aba

da sobrecasaca do Khediva, como nós em Lisboa beijamos a tunica de Santo

Antonio, lembrou a Sua Alteza a necessidade de fazer reformas, algumas

puramente militares e em proveito dos coroneis, outras politicas, para

bem da grande populaça fellah, e tão largas que constituiam uma mudança

de regimen. Sua Alteza escutou, murmurou aquellas phrases sobre o \_amor

da nação, a felicidade dos subditos\_, que o ceremonial indica nas

occasiões d'atrapalhação regia e pareceu tão satisfeito com o interesse,

que aquelles officiaes tomavam pela prosperidade do valle do Nilo, que

os recompensou á maneira oriental--convidando-os a um banquete. Em torno

da festiva mesa a cordealidade foi grande, o \_champagne\_ espumou contra

as prescripções do Alcorão, e entre o sabor das truffas e o aroma dos

ramos, o futuro do Egypto appareceu côr de rosa... O café foi servido

nos jardins: e quando d'um lado entravam os escudeiros com os licores,

do outro surgiram beleguins com algemas. Arabi e os seus camaradas,

levando ainda na bocca o ultimo charuto que lhes offerecera Sua Alteza,

foram conduzidos ás palhas do carcere.

Não ha nada mais delicioso--nem mais turco.

A Europa toda, a quem agrada a energia, applaudiu com estrepito a

energia de Sua Alteza!

II

A desforra de Arabi.--Reformadores e coroneis.--O programma

fellah.--A conferencia de Constantinopla.--A confusão do

Grão-Turco.--As esquadras.

O Khediva teve em seguida, alguns tranquillos dias de triumpho.

Ao abrir o seu \_Times\_ ou o seu \_Journal des Débats\_ (porque este

principe é illustrado) elle podia regosijar-se, vendo que esses dous

ponderosos orgãos da opinião européa o consideravam um potentado

energico e cheio de nervo, como cabe a um descendente do grande

Mehemet-Ali, vivamente zeloso dos seus direitos, sabendo manter a ordem

nos seus estados com duas mãos de ferro, digno emfim da sympathia das

potencias.

Uma manhã porém, o palacio appareceu cercado de tropas--doze mil homens

com dezoito peças d'artilharia--supplicando que Sua Alteza soltasse

Arabi e lhe confiasse o ministerio da guerra. E davam esta razão,

honrosa para a logica árabe: que, approvando o exercito as reformas de

Arabi-Bey, entendia que elle as executaria muito mais confortavelmente

sentado na poltrona de ministro da guerra do que estirado nas palhas do

carcere.

O Khediva, que acabava talvez de saborear no \_Times\_ mais uma

glorificação da sua energia, concordou e declarou até que sempre

respeitara Arabi. Alli mesmo, sobre o joelho, o nomeou Pachá:--e

Arabi-Pachá passou da enxovia para o poder, ao som das bandas marciaes...

Em taes circumstancias um caudilho europeu lança o seu programma tão

ruidoso, tão brilhante, subindo tão alto no céo do progresso, como os

foguetes que estalam n'esse dia--e de que ordinariamente, como dos

foguetes, fica apenas um tição apagado. E estamos tão acostumados a

isto, aqui n'estas regiões privilegiadas, onde a locomotiva silva, que

as gazetas sisudas começaram a desconfiar de Arabi, desde que o não

viram adeantar-se com o seu programma nas mãos. Não o tinha.

Em paiz mussulmano, sob a lei do Alcorão, não os ha: nem era de resto

natural que um soldado egypcio (como disse, com uma gôche e

desnecessaria ironia, o snr. Gambetta) tivesse encontrado por acaso

\_principios de oitenta e nove ineditos\_ nos sarcophagos dos Pharaós.

Não, de certo. Mas Arabi trazia tres ou quatro ideias que, se houvesse

uma Europa decente, que lhe permittisse a realisação, podiam ser o

começo de um novo Egypto, um Egypto possuindo-se a si mesmo, um Egypto

governando-se a si mesmo, um \_Egypto para os Egypcios\_--não uma raça

escrava enfeudada á familia de Mehemet-Ali, muito menos um refeitorio

franco para os esfomeados europeus.

A meu vêr, o que impediu sempre que Arabi fosse um reformador--era o ser

elle um coronel fellah, filho de fellah, nascido n'uma d'essas tristes

aldéas, montões de choças feitas de lama secca, que negrejam ao comprido

do Nilo. Tendo vivido na abjecta miseria dos fellahs--a peior que existe

sobre a terra--elle, mais que ninguem, tinha direito a erguer-se em nome

dos longos aggravos do fellah. Mas, ao mesmo tempo, Arabi era um soldado

que ganhara os seus postos nas prolongadas guarnições do Alto Egypto e

nas campanhas do Soudan, que voltára de lá com todo o orgulho da farda,

e todo o pedantismo do sabre, não só repassado de militarismo, mas

enfrascado em militança--e, portanto, prompto, desde que a sua voz

resoava tão alto, a pôl-a ao serviço das pretenções do exercito... Elle

representava, por origem e por profissão, as duas grandes classes do

povo egypcio--o soldado e o fellah;--e desde o momento em que entre os

egoistas, os voluptuosos, os escravos e os interesseiros, elle pareceu

ser o unico homem no Egypto que se arriscava, de bom grado, pelas suas

ideias, ao exilio e á enxovia,--tornou-se bem depressa, e naturalmente,

chefe do \_partido popular\_ que queria as grandes reformas nacionaes, e

pela mesma occasião caudilho do \_partido militar\_, que só appetecia

vantagens de classe. Assim, em Arabi, o patriotismo confundia-se

infelizmente com a insubordinação.

Nas suas reformas encontravam-se, n'uma triste mistura, ao lado de idéas

largas, liberaes, contendo a revindicação dos direitos do trabalhador,

as mais especiosas exigencias do quartel, revelando o official

revoltado. Era com o mesmo enthusiasmo, e como se as duas cousas

tivessem egual valor na obra da regeneração do Egypto--que elle pedia

uma constituição parlamentar, e augmento de soldo e subida de posto para

os coroneis seus camaradas. Que aconteceu? Que na Europa, aquelles que

desejavam a continuação do regimen khedival (empreza financeira d'onde

sahiam grossos dividendos) fizeram tanto ruido em torno das escandalosas

pretenções da tropa, que não deixaram escutar os justos pedidos do povo,

e desacreditaram facilmente Arabi, escondendo o seu bom lado de

patriota, pondo em relevo o seu mau lado de coronel turbulento.

Toda a revolução dirigida por coroneis é justamente suspeita ao nosso

moderno espirito europeu; mas Arabi é um egypcio; e no Egypto, onde o

povo fellah, apesar de tão intelligente como qualquer das nossas plebes,

é pouco mais que uma irresponsavel horda de escravos, e onde o exercito

constitue a classe culta--a obra de progresso tem necessariamente de ser

feita pelo soldado. Na Europa, porém, não se sabe isto--ou, antes,

finge-se que não se sabe. As exigencias da tarimba puzeram na sombra as

reclamações da cabana--e Arabi perdeu na Europa a auctoridade que podia

ter como chefe dos fellahs por fallar de espada na mão, d'entre um

quadrado de soldados...

De certo, Arabi não é um Mazzini, nem um Luiz Blanc. É um arabe do

antigo typo, que apenas leu um livro--o Alcorão. Mas, como homem, possue

qualidades de intelligencia, de coração, de caracter, que não ousam

negar aquelles mesmos que o estão combatendo tão brutalmente. E como

patriota, está á altura dos grandes patriotas: havia certamente muito

egypcio no Egypto que abominava o sordido regimen khedival e soffria de

vêr o rico valle do Nilo devorado pelo estrangeiro, como outr'ora pelos

gafanhotos;--mas esses limitavam-se a curvar tristemente os hombros,

invocando o nome de Allah.

Este é o primeiro que entendeu que Allah, apesar de grande e forte, não

póde attender a tudo, e que, portanto, se resolveu a tirar a espada em

nome do fellah, contra a oppressão colligada dos pachás turcos e dos

agiotas christãos.

Quaes eram, por fim, as reformas de Arabi, esse monstro de sedição?

Arabi queria, em primeiro logar, o fim da auctoridade absoluta do

Khediva, e o Egypto governado por uma Assembléa eleita; e, como

consequencia d'esse novo regimen, uma reforma radical no uso dos

dinheiros publicos, que até ahi iam parte para a côrte do Khediva, parte

para o harem do Sultão, senhor suzerano do Egypto, parte para as

cohortes cerradas de funccionarios estrangeiros, parte, uma grande

parte, para pagar os \_coupons\_ de divida em Pariz e Londres, ficando tão

pouco para as necessidades do paiz, que havia dois annos que quasi se

não dava soldo ao exercito!

Arabi não negava a divida externa, contrahida por esse esplendido

perdulario Ismail-Pachá, mas reconhecida pela nação e garantida pela sua

honra:--sómente não admittia que a França e a Inglaterra estivessem

installadas no Cairo, á bocca dos cofres, esperando a chegada do

imposto, para empolgar uma parte leonina; de tal sorte, que, para

satisfazer a voracidade do credor europeu, esmagava-se com tributos o

fellah, que, por mais que se esfalfasse dia e noite, tinha por fim de

recorrer ao usurario europeu. Cousa estupenda! A Europa apresentava-se

officialmente como credora, e, para se fazer embolsar, fornecia

secretamente o agiota!...

Mas o ponto delicado das reformas de Arabi era quando tocavam com a

situação dos estrangeiros no Egypto. Havia ahi pretenções monstruosas.

Arabi exigia que se abolisse o privilegio pelo qual os estrangeiros

estabelecidos no Egypto e enriquecendo no Egypto não pagam imposto. O

desalmado queria que não houvesse esses tribunaes de excepção para os

estrangeiros, que, sob o nome de \_tribunaes mixtos\_, distribuem duas

justiças--uma de mel para o europeu, outra de fel para o arabe. Emfim,

esse homem fatal pretendia que os empregos publicos não fossem dados

exclusivamente a estrangeiros--e que se não pagassem annualmente, como

se pagavam, mais de \_trez mil contos\_ de bom dinheiro egypcio, a

francezes, inglezes e italianos repoltreados em sinecuras em todas as

repartições do valle do Nilo, e quasi todos tão uteis ao estado como

aquelle inglez que, com uma carta de recommendação de Lord Palmerston,

foi nomeado coronel do exercito egypcio e ao fim de nove annos, depois

de ter recebido perto de oitenta contos de soldos, ainda não tinha visto

o seu regimento e \_ainda mesmo não tinha uniforme\_!

Taes eram, em resumo, as abominaveis idéas de Arabi, e não se imagina

facilmente a apopletica indignação que ellas causaram á França

republicana e á livre Inglaterra. Arabi foi considerado uma féra. Na

Bolsa de Pariz, no \_Stock-exchange\_ de Londres, onde os fundos egypcios

tinham descido, pedia-se com energia a suppressão immediata d'esse

iniquo aventureiro.

Os gritos estridentes dos estrangeiros no Egypto, ameaçados nas suas

pessoas e nos seus privilegios, enterneciam a Europa.

As potencias occidentaes \_trocaram as suas vistas\_, segundo a hedionda

phrase diplomatica, e concordou-se que o Egypto \_estava em anarchia\_. O

Khediva, esse já se declarara \_coacto\_, e urgia \_descoactar\_ rapidamente

esse amavel principe, tão doce ao estrangeiro. A Inglaterra e a França,

pois, (paizes que dizem ter interesses superiores no Egypto) mandaram as

suas esquadras ás aguas de Alexandria, para aterrar Arabi. Póde-se

perguntar até que ponto seis couraçados, sem tropas de desembarque e

ancorados n'uma bahia, conseguiriam atarantar um ministro da guerra,

seguro no Cairo, a dez horas de caminho de ferro, cercado de vinte mil

homens de tropas regulares, apoiado por quatro milhões de população

fellah, alliado aos grandes chefes beduinos, e sanctificado pela

approvação religiosa dos Ulemas...

Hoje, aquelles mesmos que aconselharam essa manifestação, como o

\_Times\_, confessam com o rubor nas columnas, que foi uma insensatez. Em

todo o caso fez-se--e acompanhada de um documento, um papelucho

diplomatico que, pelo comico intenso do seu conteúdo, parecia arrancado

a alguma farça descabellada de Labiche. Esse escripto, apresentado

gravemente pelos consules de França e Inglaterra, intimava o Khediva a

que demitisse Arabi, o exilasse para o Alto-Egypto, para além das

cataractas, conservando-lhe, para o não descontentar de todo, as suas

honras de pachá e os seus soldos de coronel! Não sentis aqui, amigos,

toda a folia de um \_vaudeville\_? De um lado o Khediva abandonado, em

palacio, envolvido por uma revolução victoriosa, refugiado na equivoca

fidelidade de alguns ajudantes de campo e de alguns eunucos; do outro

lado Arabi tendo por si o exercito, a nação, o deserto e as mesquitas. E

a Europa suggere áquelle Khediva que desterre para a Nubia este Arabi!

Conheceis cousa alguma que mais reclame a \_verve\_ do chorado Offenbach?

Os jornaes inglezes hoje confessam tambem entre dentes que o papelucho

era estupido. Se o era! E estão d'ahi a vêr o resultado: Arabi encolheu

os hombros, adjudicou-se mais o ministerio da marinha, e substituiu

alguns dos outros ministros, antigos familiares do Khediva, por homens

seus, gente de nervo e de arranque.

Perante esta resposta dada ao seu \_ultimatum\_, a Europa ficou, se me é

licito este dizer irreverente--\_de orelha murcha\_. E então tomou a

decisão das grandes crises; delegou diplomatas que se sentaram em torno

de uma mesa de panno verde, e enterraram pensativamente a cabeça entre

os punhos. Chamou-se a isto a \_Conferencia de Constantinopla\_. O seu

fim, todo louvavel, era \_resolver a questão do Egypto\_.

E ainda lá está, fina e subtil, a resolver! Alexandria ardeu, deixou de

existir; o canal de Suez é patrulhado por canhoneiras inglezas; o

general Sir Garnet Wolseley marcha sobre o Cairo; a terra do Egypto é

terra britannica--e ella ainda lá está, a resolver!

Quanta habilidade n'aquella assembléa! N'aquella assembléa quanta

auctoridade! Ainda lá está...

Ainda lá está, á margem das aguas doces do Bosphoro, em torno da mesa de

panno verde, com a cabeça enterrada entre os punhos!...

Depois de reunida a \_Conferencia\_, a Europa, naturalmente, lembrou-se

que o Egypto é ainda uma dependencia dos estados do Sultão, paga tributo

ao Sultão, e que portanto ao Sultão competia ir restabelecer a ordem nos

seus agitados dominios.

Questão obscura e embrulhada, esta das relações do Egypto com a Turquia.

É o Khediva um principe vassallo? A diplomacia hesita. Por um lado, os

Khedivas succedem-se por hereditariedade, têm exercito, armam marinha,

cunham moeda, declaram guerras, fazem tratados; por outro lado, pagam

tributo. Mas constitue elle uma affirmação de vassalagem de pachá a

sultão? É uma simples offerta de principe mussulmano ao chefe do Islam,

como o presente que o rei catholico de Hespanha manda todos os annos ao

papa? É uma prestação annual da tremenda somma, porque Mehemet-Ali e

depois Ismail-Pachá compraram aos Osmanlis a sua independencia? É

simplesmente um \_pourboire\_?... Seja como fôr, o tributo existe--e,

fundado n'elle, a Europa appellou para o Sultão. Arabi, bom crente,

devia venerar o Sultão; o Sultão, bom pae, podia exterminar Arabi. E

aqui começa a famosa comedia das vacillações do Sultão.

Por um lado, o Sultão desejaria mandar tropas ao Egypto, occupal-o sob o

pretexto de o tranquillisar e refazer d'elle uma provincia turca, um

pachalato dependente do serralho, tal qual era antes de Mehemet-Ali,

quando na riqueza do valle do Nilo estava o verdadeiro thesouro dos

califas; por outro lado, porém, o Sultão não queria desembarcar no

Egypto como cabo de policia da Europa, pela razão de que, prevendo este

caso, os \_ulemas\_ da mesquita d'El-Azhar, o grande centro religioso e o

grande centro lettrado do Islam, o Vaticano e a Sorbona do Oriente,

possuindo no mundo mussulmano uma auctoridade igual á de um Concilio no

mundo catholico,--tinham declarado que se o Sultão, em nome da Europa

christã, pegasse em armas contra gente mahometana, tornava-se \_ipso

facto\_ apostata, e \_ipso facto\_ perdia o califado. Por um lado tambem o

Sultão, tendo, ao que se diz, recebido de Arabi promessas de depor o

Khediva e proclamar em seu logar Helim-Pachá, que é em Constantinopla o

conselheiro e o favorito do serralho--conspirava com Arabi contra o

Khediva; mas por outro lado, tinha noticia das intelligencias de Arabi

com o scherif de Meca, que, sendo o descendente directo de Mahomet,

possue mais que o Sultão direitos ao califado, e é n'esta santa

pretensão apoiado por todas as tribus da Arabia; e, receiando assim que

Arabi se tornasse o auctor de um scisma no islamismo, o Sultão procurava

minar-lhe a influencia crescente--e conspirava com o Khediva contra

Arabi. Por um lado ainda, uma vaga revolução constitucional em paiz

mussulmano era odiosa ao Sultão; mas, por outro, a maneira como Arabi,

alma d'esse movimento, estava tratando d'alto parte da Europa colligada,

lisongeava profundamente o seu coração turco. Emfim, este miserando

chefe dos crentes não sabia onde havia de dar com a sua cabeça

imperial... Não se pense, por este dizer ligeiro, que eu não respeito o

Sultão: Abdul-Hamid não é um califa do antigo typo, embrutecido pelo uso

de tres mil mulheres,--mas, segundo a expressão do principe de Bismarck,

«um dos espiritos mais finos da Europa». Ora, o principe de Bismarck é

um entendedor; ainda que, a meu vêr, duas cousas estragam esta famosa

finura: primeira o ser excessiva, de modo que Abdul-Hamid, a maior parte

das vezes, tropeça e fica enredado na engenhosa complicação dos seus

proprios fios; depois o estar ao serviço, não de idéas praticas, mas de

fantasias mysticas, como a que se lhe attribue de renovar, na ordem

espiritual e em seu proveito, o imperio prophetico de Mahomet.

Emfim, instado pela Europa a intervir no Egypto, e não querendo que a

Europa interviesse, porque isso seria a perda do seu pingue tributo

annual, o Sultão decidiu-se a enviar Dervich-Pachá, uma velha raposa

podre de manhas, com a missão de fazer reentrar Arabi no aprisco dos

humildes. Mas apenas Dervich-Pachá começava esta operação, eis que o

Sultão inquieto, vendo Arabi e o scherif de Meca de mãos dadas sobre o

tumulo do Propheta, remette a Arabi a grande ordem do Medjidieh, a mais

nobre condecoração turca, o favor supremo que póde cahir das mãos do

califa, acompanhada de uma florida carta de amizade e d'uma esplendida

placa de diamantes.

Isto tudo dá a medida da confusão do Grão-Turco.

Arabi, assim glorificado pelo califa, resplandeceu aos olhos do mundo

mussulmano com um prestigio maior; Dervich-Pachá, um instante aturdido,

redobrou de duplicidade:--e foi então entre Dervich, e Arabi, e o

Khediva, e o Sultão, e as potencias, e os consules, e os pachás, e os

coroneis, uma intriga tão emaranhada que eu prefiriria fazer-lhes um

resumo lucido dos vinte e cinco volumes das \_Façanhas de Rocambole\_, do

que penetrar na espessura inextricavel d'este embroglio

turco-europeu--uma d'essas intrigas fastidiosas que devem enervar, fazer

chorar de séca e de fadiga a Providencia, se ella, como affirmam

philosophos que estão na sua intimidade, é obrigada a observar

minuciosamente todos os successos humanos! Quanto o homem com a sua

tolice deve, por vezes, fazer bocejar Deus!

Durante estes successos, emquanto a Europa chafurdava no atoleiro

diplomatico, as duas esquadras de França e de Inglaterra, lá continuavam

deante de Alexandria \_manifestando\_. Do romper do sol ao occaso,

immoveis nas aguas calmas, com as camisolas da marujada seccando nas

vergas, alli estavam \_manifestando\_...

Os officiaes repousavam de vez em quando d'esta rigida attitude de

\_manifestação\_ arranjando um \_pic-nic\_ em terra, indo fazer um \_robber\_

de \_whist\_ ao club inglez, ou organisando, sob as sombras dos jardins de

Ramleh, honestas partidas de \_cricket\_.

III

Episodio oriental.--Mussulmanos e christãos.--Uma estrumeira

social.--Opiniões de mesa redonda.--Os funccionarios europeus do

Cairo.--As dividas d'Ismail-Pachá.--O dia 11 de junho.

Achando-se as cousas assim, amanheceu o dia 11 de junho, que d'ora em

deante na historia--n'esse curto instante de notoriedade humana, que

emphaticamente se chama a \_historia\_--será conhecido por este

gallicismo: \_o massacre de Alexandria\_.

O primeiro episodio oriental que eu vi, ao desembarcar ha doze annos em

Alexandria, foi este: no caes da alfandega, faiscante sob a luz torrida,

um empregado europeu--europeu pelo typo, pela sobrecasaca, sobretudo

pelo bonnet agaloado--estava arrancando a pelle das costas d'um arabe,

com aquelle chicote de nervo d'hippopotamo, que lá chamam \_courbach\_, e

que é no Egypto o symbolo official da auctoridade.

Em redor, sem que esse espectaculo parecesse desusado ou escandaloso,

alguns arabes transportavam fardos; outros empregados agaloados, de

chicote na mão, davam ordens por entre o fumo do cigarro...

Saciado ou cançado, o homem do \_courbach\_, que era um magrisella, atirou

um derradeiro pontapé á anatomia posterior do arabe--como quem, ao fim

d'um periodo escripto com \_verve\_, assenta vivamente o seu ponto

final--e, voltando-se para o meu companheiro e para mim, offereceu-nos,

de bonnet na mão, os seus respeitosos serviços. Era um italiano, e

encantador. A esse tempo o arabe (como quasi todos os fellahs, um

soberbo homem de formas esculpturaes) depois de se ter sacudido como um

Terra-Nova ao sahir d'agua, fôra-se agachar a um canto, com os olhos

luzentes como braza, mas quieto e fatalista, pensando de certo que Allah

é grande nos céos e necessario na terra o \_courbach\_ do estrangeiro.

Quando, no dia 11 de junho, eu li esses telegrammas, repassados de

panico, em que se annunciava á Europa que a população arabe massacrava

os europeus nas ruas da Alexandria,--não sei porque revi logo o cáes da

alfandega, o italiano serviçal de bonnet agaloado, o \_courbach\_

estalando nas costas escuras do arabe. Isto não é trazido como

allegoria, para dizer que as relações dos europeus e dos egypcios se

reduziam a estas duas attitudes--um braço com manga de panno fino

erguendo o \_courbach\_, e um dorso semi-nú esperando a sova: muito menos

quero insinuar que o massacre do dia 11 foi a tardia vingança d'estas

brutalidades burocraticas...

O Egypto não é a Serra Leoa; e o crescente ainda não anda tão de rastos

que consinta em ser systematicamente espancado pela cruz. Mas a verdade

é que no Egypto um qualquer empregado europeu da alfandega, das docas,

ou dos caminhos de ferro, que não ousaria erguer a mão para um carrejão

europeu,--retalha a pelle d'um egypcio, tão naturalmente e com tanta

indifferença como se sacode uma mosca importuna.

É que o europeu d'Alexandria considerava o fellah egypcio como um sêr de

raça infima, incivilisavel, mero animal de trabalho, pouco differente do

gado; e se tivesse o estylo de La Bruyère, descrevel-o-hia como La

Bruyère descrevia os aldeãos do tempo de Luiz XIV, «vultos escuros,

curvados sobre a terra e tendo a vaga apparencia de seres humanos...»

N'estas condições de desprezo, usa-se facilmente o \_courbach\_ e

invariavelmente a insolencia...

E note-se que o europeu não tinha muito mais respeito pelo egypcio das

classes superiores ou cultas. Qualquer amanuense de consulado julgaria

da sua dignidade d'europeu não ceder o passo ao mais velho e nobre

scheik, senhor de dez tribus e descendente do propheta; e o mais

insignificante empregado dos telegraphos, leitor do \_Figaro\_, não

nutriria senão desdem pelos sabios doutores da Universidade d'El-Azhar,

que não vão ao café ler o \_Figaro\_, e pouco sabem de telegraphia.

Mas este absurdo desprezo por uma nobre raça, a quem a civilisação tanto

deve, não se manifestava só entre os europeus de Alexandria, colonia de

alluvião, formada pelos detritos das populações do Mediterraneo: não

ouvimos nós ainda ha dias o proprio snr. Gambetta declarar das alturas

da tribuna da camara franceza, esse Sinai da burguezia, que o povo

egypcio só podia ser governado a chicote?...

A complicada abundancia da nossa civilisação material, as nossas

machinas, os nossos telephones, a nossa luz electrica, tem-nos tornado

intoleravelmente pedantes: estamos promptos a declarar desprezivel uma

raça, desde que ella não sabe fabricar pianos de Erard; e se ha algures

um povo que não possua como nós o talento de compor operas comicas,

consideramol-o \_ipso-facto\_ votado para sempre á escravidão...

Por outro lado, os egypcios olhavam para o europeu como para a ultima e

mais terrivel praga do Egypto, uma outra invasão de gafanhotos,

descendo--não do céo, onde ruge a colera de Jehovah, mas dos paquetes do

Mediterraneo, com a sua chapeleira na mão--a alastrar, devorar as

riquezas do valle do Nilo. E este prejuizo não é especial ás classes

incultas: o pachá mais bem informado, educado em França, lendo como nós

a \_Revista dos Dous Mundos\_, nunca reconhecerá o que o Egypto deve á

energia, á sciencia, ao capital europeu; para elle, como para o ultimo

burriqueiro das praças do Cairo, o europeu é mais que o intruso--é o

\_intrujão\_.

O arabe de modo nenhum se julga inferior a nós; as nossas industrias, as

nossas invenções não o deslumbram; e estou mesmo que, do calmo repouso

dos seus harens, o grande ruido que nós fazemos sobre a terra, lhe

parece uma vã agitação. Elle sente por nós o pasmo misturado de desdém

que póde sentir um philosopho, vendo trabalhar um pelotiqueiro. O

pensador diz comsigo que não é capaz de equilibrar uma espingarda sobre

o nariz, e lamenta-o; mas consola-se reflectindo que o saltimbanco não é

susceptivel de ligar duas idéas. Assim, o mussulmano admira um momento o

nosso gaz, os nossos apparelhos, os nossos realejos, todo o nosso genio

mecanico; depois cofia a barba, sorri, e pensa comsigo: «Tudo aquillo

prova paciencia e engenho, mas eu tenho dentro em mim alguma cousa de

melhor, e superior mesmo ao vapor e á electricidade--é a perfeição moral

que me dá a lei de Mahomet.»

De resto, nós o sabemos pelas xacaras da nossa mocidade, sempre o

crescente detestou a cruz; e póde-se imaginar quaes são os seus

sentimentos, agora que a cruz, em logar de o combater como paladino, o

explora como agiota.

Se em cidades como Damasco ou Beyrouth o europeu \_touriste\_ inoffensivo,

que passa com a bolsa aberta, excita olhares e murmurios de odio,

sómente porque tudo n'elle é differente, desde os dogmas da sua religião

até á fórma do seu chapéo--calcule-se o que se dá em cidades como

Alexandria e como Tunis, onde o europeu não é \_touriste\_ amavel que

distribue gorgetas, mas o agenciador soffrego que vem instalar-se alli

como em terra que conquistasse para arredondar depressa um peculio, sob

a bandeira do seu consul.

Accrescente-se que no Egypto o europeu apparecia aos olhos do arabe com

o caracter odioso de um privilegiado.

Uma cousa parecia intoleravel--é que o europeu empolgasse todos os

logares, todos, desde as gordas sinecuras até os diminutos empregos de

cem francos por mez.

Vagava um obscuro posto de carteiro ou de telegraphista--e concorriam,

de um lado um arabe honesto e activo, do outro um sacripanta de

nacionalidade grega ou malteza. A quem se dava o emprego? Ao sacripanta.

Este systema, fecundo a principio, quando o Egypto era uma barbara

provincia turca, e os europeus chamados eram homens de saber especial e

de integridade, começou no tempo de Mehemet-Ali, que tentava fazer uma

nação sobre as ruinas do velho pachalato, e que convidava para essa obra

a sciencia e o capital europeu: continuou depois com Said-Pachá, esse

delicioso \_bon-vivant\_, tão francez que passava os dias a fazer

\_calembourgs\_, e que não admittiria em torno de si, e nas repartições do

estado, senão cavalheiros capazes de apreciar o \_Charivari\_; mas a

grande invasão de empregados europeus consumou-se no tempo de

Ismail-Pachá,--que acceitava tudo o que vinha da Europa, os

especialistas e os vadios, os que traziam uma idéa e os que só traziam

dividas...

O Egypto renovou então a velha lenda do El-Dorado. Quem em Pariz, ou em

Londres, ou em Roma, se via filado pelos credores, com a derradeira

sobrecasaca a coçar-se nos cotovellos, e sem poder voltar ao seu \_club\_,

por dever dez francos ao porteiro, obtinha de um diplomata ou de um

principe uma carta de recommendação para o Khediva e tomava o paquete de

Alexandria.

Lá, nos primeiros dias, tinha o hotel pago por Sua Alteza--ao fim do mez

emprego dado por Sua Alteza. Qualquer cousa: se era um velho tenor de

sala, já sem voz, nomeava-se coronel de cavallaria; se era um militar

desacreditado, despachava-se inspector das escolas. Quem não podia

alcançar uma carta para o Khediva, ia rojar-se aos pés do consul. Quem

não ousava apresentar-se ao consul, empregava as influencias

transversaes do paço, as mais poderosas--os eunucos, os cosinheiros, as

dançarinas... O emprego vinha, facil e pingue. E o fellah pagava toda a

malta.

Mas o peior ainda eram os funccionarios superiores, que as potencias

installavam no interior da administração egypcia--tão ciumentas umas das

outras, que, se, por exemplo, a França conseguia accommodar um francez

na directoria geral das finanças, logo a Inglaterra, para contrabalançar

essa parcella de influencia, empurrava um inglez para dentro do

estado-maior da marinha; e por seu turno a Italia, já desconfiada,

mettia á força um filhote de Roma na direcção da instrucção publica.

Alguns d'estes cavalheiros tinham de certo habilidades de especialistas;

mas a sua abundancia mesmo enredava o movimento da machina

administrativa. Está hoje provado que o Khediva, cedendo a estas

pressões, era obrigado a ter \_seis empregados para fazer o simples

trabalho de um\_! Todo este mundo formava um estado no estado.

Nas suas repartições de finança, nos seus tribunaes, nos seus estados

maiores, nas suas commissões, em todos os recantos da sua administração,

o Egypto só via faces estrangeiras, só escutava linguas estrangeiras, só

sentia interesses estrangeiros; e o dinheiro egypcio mantinha esta

cohorte, que só estava alli para annullar a influencia egypcia. E eram

ao menos uteis?... O consul-geral dos Estados Unidos conta, n'um livro

recente sobre o Egypto, que jantara um dia no Cairo com seis empregados

superiores, todos estrangeiros, cujos ordenados sommados subiam

annualmente a perto de \_cem contos\_! Nas suas repartições, a

correspondencia, a escripturação, a contabilidade, tudo era feito em

lingua arabe: \_e nenhum d'elles sabia o arabe\_!

Não havia talvez sobre a terra peior população que a de Alexandria. Essa

cidade, que fôra outr'ora o refugio do saber e do luxo do oriente,

tornara-se nos nossos dias, sob o Khediva Ismail-Pachá, o barril de lixo

da Europa meridional. Todo o refugo humano da Grecia, das ilhas do

Archipelago, da Italia, da Sicilia, de Marselha (e Deus sabe quanto

estas bellas paragens classicas abundam em meliantes!) se esvasiava

instinctivamente sobre Alexandria, alastrava-a, tornava-a sob o seu

bello céo azul-ferrete uma fetida estrumeira social.

Bastava atravessar uma rua, para comprehender o conjuncto dos costumes.

A cada esquina, um \_café-cantante\_ atulhado d'uma malta enxovalhada, que

berra, cachimba, emborca aguardente, emquanto sobre o tablado, por traz

da ribalta, uma matrona despeitorada e caiada vae rouquejando um

estribilho obsceno... De dez em dez casas um lupanar, separado apenas da

rua por uma simples cortina... Por toda a parte o jogo: um sacripanta

traz uma pequena roleta, um banco, e no meio da rua installa a batota;

em redor apinham-se logo outros sacripantas, e d'ahi a momentos a

policia tem de acudir, porque corre sangue...

O viajante de gosto e de educação tinha de fugir bem depressa d'esta

atmosphera, refugiar-se n'algum quieto café mussulmano, á beira d'agua

tranquilla. Ahi ao menos só havia arabes que fumavam gravemente o seu

\_chibouk\_, fallavam entre si com pollidez, comportavam-se com dignidade.

Ah! estou d'aqui a vêr a primeira mesa redonda a que me sentei em

Alexandria!

Era presidida por um grego de pelle livida, de suissas reluzentes como

verniz de sapatos, com um grilhão de ouro sobre o collete denotado e

brilhantes, talvez verdadeiros, n'uma camisa de oito dias! Que intrujão!

que bandido! Como aquillo rolara por todas as trapaças, todos os

deboches do littoral levantino! O bom era ouvil-o fallar do Egypto como

de um paiz conquistado, terra de ilotas que tinha obrigação de o vestir,

de o calçar, de lhe encher a bolsa a elle, e aos outros que o applaudiam

em torno da mesa redonda, todos europeus, agenciadores, empregadotes,

simples vadios, todos de grilhões de ouro no relogio, de collarinho

decotado, o carão resudando vicio, o fallar parlapatão, galãs de

espelunca...

--\_L'arabe, monsieur\_, dizia-me este equivoco personagem, n'um francez

do Pireu, \_ce n'est qu'une infecte canaille\_!

O infecto canalha eras tu, livido grego!

É evidente que o que tornou Arabi mais popular no Egypto, foi a sua

hostilidade aos estrangeiros. \_O Egypto para os egypcios!\_ Esta phrase,

todo um programma, calou fundo no animo do povo inteiro.

O Egypto para os egypcios--não para os empregados estrangeiros, nem para

os agiotas estrangeiros...

Ah! esta questão dos credores! A famosa questão da divida egypcia! Em

que gastou Ismail-Pachá esses centenares de milhões que a Europa lhe

emprestou, e que o pobre fellah está pagando? Em primeiro logar, na

realisação de uma idéa economica--o converter o Egypto, que é um paiz

agricola, n'uma nação industrial. O Egypto produzia o assucar--porque o

não refinaria? Possuia o algodão--porque o não teceria? E ahi começou, á

força de milhões, a cobrir as margens do Nilo d'essas colossaes

fabricas, de que hoje só restam ruinas;--ruinas de ferro enferrujado e

de madeira podre, tão miseraveis e tão tristes, ao lado das bellas

ruinas graniticas dos templos pharaonicos, representando, como ellas, a

servidão de um povo, mas, pela sua fealdade, não podendo ao menos

servir, como ellas, nem para assumpto de uma aquarella...

A outra causa da ruina do Khediva foi a sua prodigalidade. Quem não

conhece essa lenda illustre? Quem se não lembra das festas do canal de

Suez? Ahi cada verba se contou por milhões. Dois milhões para a

illuminação do Cairo. Quatro milhões para o banquete de Ismailia.

Despezas com os dois mil convidados durante quinze dias no Cairo e no

Canal--setenta milhões!... Para o champagne bebido n'essas semanas de

bambocha--dous milhões! O fellah pagava.

Eh! E eu que estou aqui a fallar--tambem o bebi, esse champagne que era

no fundo o suor do fellah espumante e assucarado! Tambem eu fui hospede

de Ismail-Pachá, á custa do fellah! Tambem eu... Calemo-nos, cubramos a

fronte de cinzas, imploremos o perdão do fellah!

O resultado d'estas fantasias industriaes, d'estes luxos de Salomão, foi

que o Egypto se achou devendo á Europa centenares de milhões, por que

pagava um juro de \_sete por cento\_, e, como burgueza prudente que zela

os seus interesses, a Europa tinha pouco a pouco tomado conta da

administração do Egypto...

Quando Arabi quiz modificar este systema, que convertia o povo egypcio

n'uma horda de servos trabalhando para os financeiros de Pariz e

Londres--as esquadras de França e Inglaterra appareceram logo, pedindo o

desterro de Arabi, e o licenceamento do exercito, que era o instrumento

e a força do partido nacional. Os arabes viram n'isto um odioso abuso da

força, a Inglaterra e a França querendo manter á bala os interesses dos

possuidores dos titulos da divida egypcia e os privilegios dos intrusos.

Desde esse momento Arabi tornou-se um libertador; e o Khediva, que as

esquadras vinham proteger contra Arabi, passou a ser o renegado, o traidor.

Esta era a situação no dia 11 de junho. Alexandria tornara-se uma

fornalha de excitação. Nas mesquitas prégava-se com furor a cruzada

contra o christão: nos bazares fallava-se do estrangeiro como do cão

maldito, da ave de rapina, peior que o gafanhoto que devora a seara nos

campos ferteis do Nilo; e, ou fôsse o fanatismo que despertasse, ou

fôsse a miseria que se queria vingar--todo o bom mussulmano se armava.

N'estas circumstancias, de uma chufa de botequim póde nascer uma guerra

de raças. E, pouco mais ou menos, assim succedeu. Na manhã do dia 11, na

rua das Irmãs, uma das mais ricas do bairro europeu, um inglez, por um

velho habito, deu chicotadas n'um arabe; mas, contra todas as tradições,

o arabe replicou com uma cacetada. O inglez fez fogo com um revólver.

D'ahi a pouco o conflicto entre europeus e arabes, em pleno furor,

tumultuava por todo o bairro... Isto durou cinco horas--até que, por

ordens telegraphadas do Cairo, a tropa, até ahi neutral, acalmou as

ruas. E o resultado, bem inesperado, mas comprehensivel, desde que se

sabe que os arabes só tinham cacetes e que os europeus tinham

carabinas--foi este: perto de cem europeus mortos, mais de trezentos

arabes dizimados. Os jornaes têm chamado a isto o \_massacre dos

christãos\_: eu não quero ser por modo algum desagradavel aos meus irmãos

em Christo, mas lembro respeitosamente que isto se chame a \_matança dos

mussulmanos\_.

IV

A fuga dos europeus.--O grande sonho inglez.--O «casus belli».--A

vespera do bombardeamento.

Esta \_matança de christãos\_--para continuarmos a dar-lhe a sua alcunha

diplomatica--puxou bruscamente a attenção do mundo que lê jornaes para o

Egypto, e por isso devem ahi ter presentes e vivos--sem que se torne

necessario o rememoral-os, detalhe a detalhe--todos os episodios que

n'uma semana se desencadearam uns sobre os outros, com uma barafunda de

melodrama: a indignação excessiva e tumultuosa da Europa, excitada pelo

clamor e pelos gritos da imprensa ingleza; o desordenado panico que se

apossou dos europeus residentes no Egypto; e o facto, estranho mesmo

n'essa terra de classicos exodos, de uma colonia de mais de \_cem mil\_

almas abandonando de repente o solo, onde, desde gerações se

estabelecera, deixando occupações, interesses, empregos, casa e fazenda,

precipitando-se apavorada para os caes de embarque, apinhando-se em

paquetes, em navios de carga, em barcaças, em qualquer cousa que pudesse

fluctuar na agua, e fugir da terra funesta, pagando a peso de ouro o

direito de se agachar n'um buraco de porão; a maneira magistral como a

Inglaterra, pelos officiaes da sua armada, organisou e policiou esta

nova fuga dos hebreus; emfim, a chegada a Alexandria do Khediva, que

perdera toda a auctoridade no Cairo, e colhia a opportunidade de vir

abrigar os restos esfrangalhados da sua realeza sob os canhões do

almirante Seymour.

Arabi-pachá, que se tornára, de facto, dictador, correu tambem a

Alexandria--e o seu primeiro passo foi estabelecer tribunaes marciaes,

para julgarem os \_massacradores\_ do dia 11.

Note-se que se não tratava, nem por sombras, de punir os europeus que

tinham mandado \_tresentos\_ mussulmanos d'esta terra de miserias para o

paraiso de Allah; mas sómente os mussulmanos suspeitos de terem posto

mãos violentas sobre christãos. Ainda assim, os jornaes inglezes

bradaram logo que não se podia ter confiança na justiça, na

imparcialidade dos magistrados egypcios, tão hostis ao estrangeiro como

á populaça--e que taes julgamentos não passavam d'uma farça, onde os

réus, que se mostravam um momento á Europa carregados de ferros

postiços, eram depois, por traz dos bastidores, acclamados como bons

patriotas.

Arabi-pachá propoz então que esses tribunaes se compuzessem de juizes

arabes e de officiaes inglezes. Isto indicava um desejo vivo, quasi uma

sofreguidão de justiça. E, com effeito, se o partido nacional agora todo

poderoso, se não mostrasse severo--corria o perigo de passar por

cumplice; e se as suas refórmas tinham já inspirado tanta antipathia á

Europa--o que seria se a elle se pudessem plausivelmente attribuir taes

attentados?

De resto, para um mussulmano orthodoxo e fino como Arabi, toda a

violencia contra o estrangeiro, contra o hospede, constitue a mais negra

violação da lei santa. Arabi era sincero. Mas a Inglaterra não acceitou

as suas propostas...

A Inglaterra não acceitou. A Inglaterra estava armada a bordo dos seus

couraçados. E, todavia, mais que nenhuma outra nação ella soffrera com

os tumultos d'Alexandria: o seu consul, brutalmente espancado, achava-se

á morte; alguns dos officiaes da esquadra tinham recebido no uniforme,

que é o orgulho da Grã-Bretanha, a lama e as pedradas da populaça

egypcia; a maior parte dos europeus assassinados eram de nacionalidade

ingleza; contra a Inglaterra se prégara a guerra nas mesquitas, nos

bazares, e até sob a tenda beduina...

Mas a Inglaterra, generosa e paternal, queria esquecer essas injurias.

Pudera!

É que não lhe convinha reconhecer as atrocidades do dia 11 como um mero

e casual episodio de fanatismo mussulmano, a que algumas grilhetas e

algumas cordas de forca poriam definitivamente termo; nem lhe convinha

descer dos seus couraçados unicamente para ir a um tribunal ajudar a

sentenciar dez ou doze facinoras.

O que á Inglaterra convinha, era attribuir a este conflicto local a

magnitude de uma anarchia nacional, e offerecer ou impor o seu

prestimo--não para castigar os tumultos de um bairro, mas para pacificar

todo um paiz em desordem. E assim ella rejubilava com a chegada d'esse

dia tão appetecido, tão pacientemente esperado desde o começo do seculo,

tão anciosamente espiado desde a abertura do canal de Suez, em que teria

emfim um pretexto para assentar na terra do Egypto o seu pé de ferro,

essa enorme pata anglo-saxonia, que, uma vez pousada sobre territorio

alheio, seja um rochedo como Gibraltar, uma ponta de areia como Aden,

uma ilha como Malta, ou todo um mundo como a India--nenhuma força humana

póde jámais arredar ou mover.

Já se não tratava de libertar o Khediva coacto, de defender as

algibeiras dos portadores do emprestimo egypcio. Um interessse mais

alto, ligado com os destinos do Imperio, levantava-se, dominava tudo.

\_O Egypto estava em anarchia\_: logo competia á Inglaterra, paladino da

civilisação, restabelecer lá a ordem, impedil-o de recahir no estado

barbaro.

\_O Egypto estava em anarchia\_: logo competia á Inglaterra, como grande

potencia oriental, defender essa parte preciosa da terra egypcia--o

canal de Suez, e evitar que elle cahisse nas mãos de Arabi ou de outro

dictador mussulmano, hostil aos beneficios da civilisação.

É o que pouco mais ou menos respondia a Inglaterra, e bem alto, para que

o mundo ouvisse--quando Arabi-pachá lhe propoz uma alliança judicial

para punir o crime mussulmano do dia 11.

--Não, dizia John Bull, não se trata do dia 11! Esqueçamos o dia 11.

Esqueçamol-o, como se elle fosse apenas o dia 7. A questão é outra. \_O

Egypto está em anarchia.\_ É necessario salvar a civilisação!

E estas nobres palavras significavam, despidas dos seus atavios

humanitarios, que a Inglaterra, sob o pretexto de pacificar o Egypto,

desembarcaria em Alexandria, occuparia por motivo de operações militares

Port-Said e Suez, as duas portas do canal, e depois--depois nunca mais,

n'esses pontos estrategicos do caminho da India, se arriaria a bandeira

ingleza!

E, feito isto, ficava realisado o grande sonho britannico:--posse

absoluta da estrada das Indias; John Bull fazendo sentinella a todas as

portas succesivas que conduzem ao seu imperio do Oriente: á entrada do

Mediterraneo, Gibraltrar e o seu rochedo inexpugnavel; no Mediterraneo,

Malta e Chypre, duas ilhas, dois collossaes depositos de guerra: á

entrada do canal, Port-Said; ao fim do canal e á bocca do Mar Vermelho,

Suez; á beira do Golfo Persico, Aden; e d'ahi por deante as suas

esquadras varrendo os mares...

Deante d'esta esplendida opportunidade se achou a Inglaterra, depois das

carnificinas de Alexandria; e, tendo logo declarado \_officialmente\_ o

Egypto em anarchia, sem perda de um momento, começou a armar-se.

E, no meio de tudo isto--a Europa? Oh! a Inglaterra convidava, com

bellos ademanes de desinteresse, a Europa a partilhar com ella a honra

de pacificar o Egypto! Mas sabia bem que nenhuma das potencias moveria

um soldado: nem mesmo a França, que tinha uma frota na bahia de

Alexandria e collaborára nas manifestações platonicas; a França,

governada por uma democracia burgueza que enriquece, e tornada toda ella

uma vasta casa de negocio, não quereria por cousa alguma perturbar

aquella paz tepida e doce em que amadurece o Milhão.

Além disso, as potencias já tinham resalvado a sua dignidade,

sentando-se em torno da mesa verde da conferencia, á beira das aguas

luminosas do Bosphoro, meditando com a cabeça entre os punhos a solução

da questão egypcia. E, emquanto ao resto, estavam-se observando, armadas

até os dentes, desconfiadas, ciumentas, odiando-se, mas immobilisadas

reciprocamente pela propria magnitude dos seus armamentos.

A França receia a Allemanha; a Turquia teme a Russia; a Austria está

contida por ambas; a Italia necessita a benevolencia de todas; e cada

uma por seu turno treme do snr. de Bismarck, o hediondo papão, o Jupiter

trovejante do Olympo diplomatico, que, no seu retiro de Varzin,

torturado por toda a sorte de males, passa parte do tempo sob a

influencia da morphina...

De resto, que todas appeteciam os despojos do Egypto, só o póde duvidar

quem ignore os instinctos de pilhagem, de gatunice, de pirataria, que

alberga sempre a alma d'um povo civilisado; mas nenhuma das potencias é,

como a Inglaterra, uma ilha cercada d'um mar agitado, onde se move a

maior frota da terra; e, apertadas no estreito continente, hombro contra

hombro e espada contra espada, nenhuma dellas ousaria dar um passo para

o lado do Egypto, com receio que o vizinho lhe saltasse ás guellas.

Limitavam-se, por isso, cheias de rancor, a trocar phrases de

diplomatica doçura, sentadas á mesa da \_conferencia\_.

Quando, deante d'uma casa fechada, os que lhe appetecem as riquezas,

discutem, de penna na mão, a melhor maneira de lá entrar--a vantagem

pertence toda áquelle que, em logar d'uma penna, se muniu d'um machado e

atira de subito a primeira machadada á porta. Foi o que fez a

Inglaterra. Emquanto os outros faziam planos \_pro-forma\_ em cima d'uma

carteira--ella fez fogo sobre Alexandria.

Sómente não se póde atacar uma cidade inoffensiva sem um pretexto. E a

Inglaterra foi, á falta de outro melhor, forçada a apresentar um tão

máu, que, como dizia a \_Associação dos Positivistas Inglezes\_, no seu

protesto contra a invasão do Egypto, a sua puerilidade só consegue

augmentar a sua immoralidade.

Perante os armamentos da Inglaterra, Arabi-pachá, se lhe não

comprehendia as intenções espoliadoras, devia pelo menos concluir que

era contra elle, contra o partido que elle dirigia, e contra as idéas

que elle encarnava, que a Inglaterra se estava preparando; e, muito

naturalmente, na espectativa de um ataque, organisou a sua defesa,

artilhando os fortes de Alexandria, e erguendo baterias novas pela costa.

Foi contra isto que a Inglaterra protestou; e foi d'isto que fez um

\_casus belli\_--declarando que, se as obras dos fortes não cessassem,

ella destruiria os fortes!... Sem estar em guerra com o Egypto, ella

considerava-se no direito de reunir deante de Alexandria uma frota

ameaçadora; mas não admittia que as auctoridades de Alexandria

concertassem sequer as brechas das velhas fortificações de Mehemet-Ali!

E que explicações estupendas o snr. Gladstone dava á Europa para

justificar o \_casus belli\_! As baterias que Arabi ergue (dizia elle), os

novos canhões que monta, \_põem em perigo os couraçados inglezes\_! E os

couraçados não punham em perigo os fortes? Mas ao lado da esquadra

ingleza estavam navios de guerra francezes, allemães, italianos, gregos,

austriacos--tão expostos ás balas de Arabi como os que hasteavam o

pavilhão britannico: e esses não se julgavam \_em perigo\_!

Que diria a Inglaterra se o commandante de algum dos couraçados

francezes ou allemães, que por vezes vêm ancorar nas aguas de Portsmouth

ou de Southampton--mandasse de repente prohibir ao governador de uma

d'essas praças a continuação das obras de defesa que ahi se vão

incessantemente aperfeiçoando, sob o pretexto de que taes baterias

\_poderiam fazer mal\_ ao navio de seu commando?... Com tal precedente, os

almirantes inglezes, que honram frequentemente o humilde porto de Lisboa

com a presença dos seus pavilhões--estariam auctorisados a exigir a

destruição da torre de S. Julião, do Bugio e de Belém! Dir-se-hia que

não é de prever que o portuguez, pacato e bonacheirão, faça fogo--muito

menos sobre couraçados inglezes. De accordo. Mas que ganharia

Arabi-pachá em mandar de surpreza algumas balas á esquadra ingleza--e

portanto ás outras que estavam no mesmo ancoradouro--senão o attrahir

sobre si, e o seu partido, e o seu paiz, a pavorosa vingança da Europa

inteira, injuriada em todos os seus pavilhões?

Arabi fez uma cousa fina: cedeu, promettendo interromper os trabalhos de

defesa. E a Inglaterra ficou desapontada. Esta submissão de Arabi

desmanchava o seu engenhoso plano.

Alguns jornaes mais cynicos e impacientes chegavam a aconselhar que se

não respeitasse a palavra d'um vil mussulmano--e que se fosse

\_bombardeando\_! O trabalho então da frota foi vigiar incessantemente as

fortificações, na esperança de descobrir algum sapador, d'enxada ao

hombro, que desmentisse a promessa d'Arabi. De noite, os couraçados

projectavam sobre a costa longos e vivos raios de luz electrica,

movendo-os lentamente ao longo das baterias, pesquizando anciosamente os

menores recantos, procurando o mais leve vestigio de trabalho--fosse

elle um cesto de pedras esquecido; e assim foi que uma noite--noite

venturosa para o governo do snr. Gladstone!--a esquadra descobriu dois

soldados limpando um velho canhão! Que allivio para a Inglaterra!

Immediatamente o almirante Seymour mandou este \_ultimatum\_ a

Toulba-pachá, governador da cidade:--dentro em vinte e quatro horas os

fortes deveriam ser entregues ás tropas inglezas, ou toda a linha de

couraçados abriria fogo sobre Alexandria. A isto, realmente, só se póde

responder a grande palavra de Cambronne em Waterloo.

Lamento que Arabi a não dissesse: era a segunda vez na historia que John

Bull a receberia em plena face.

A vespera do bombardeamento foi dramatica. O almirante Seymour fez sahir

da bahia todos os navios mercantes; e, depois, com a usual etiqueta,

convidou os navios de guerra de outras nações a fazerem-se ao largo,

levando para fóra da linha de fogo a neutralidade das suas bandeiras.

Essa longa procissão de couraçados de toda a Europa, deixando lentamente

as aguas da Alexandria, para que a Inglaterra pudesse livremente

commetter o seu attentado--é descripta pelos correspondentes inglezes

como cheia de solemnidade e de ceremonial. As salvas succediam-se; uns

aos outros cortejavam-se os pavilhões dos almirantes. Os ultimos a sahir

foram os navios francezes, os alliados na \_manifestação\_, que, honra

lhes seja, não quizeram ser alliados no crime:--e a tricolor afastou-se

tambem, saudada pelo almirante Seymour, entre os \_hurrahs\_ de despedida

da marinhagem e o estridor da \_Marselhesa\_. A tarde estava bella; tudo

era luz na bahia; os minaretes d'Alexandria branquejavam no azul...

Magnifico espectaculo, sem duvida:--sómente que pensariam d'elle os

milhares de pobres arabes, de mulheres e de creanças, que o contemplavam

das alturas da cidade, e sobre os quaes ia cahir no dia seguinte bala,

metralha e bomba?

Por fim, a noite desceu e estrellou-se; á beira da agua calma luziam as

luzes d'Alexandria; tudo ficou em silencio na bahia.

Estavam a sós, frente a frente, sob a paz dos ceus, uma grande esquadra

ingleza e a cidade inoffensiva que ella, na madrugada seguinte, para

satisfazer a sofreguidão mercantil de um povo de lojistas, ia friamente

arrasar.

V

Depois do bombardeamento.--Os incendios.--As responsabilidades.--Uma

Alexandria ingleza.--A invasão.--A attitude da Europa.

O almirante Seymour, dias antes, tinha declarado que em duas breves

horas desmantelaria os fortes de Alexandria. Ao cabo, porém, de nove

compridas horas ainda não fizera calar as baterias egypcias; e ainda

justamente uma bomba vinha escavacar a camara do commandante do

\_Inflexivel\_.

Sir Beauchamp Seymour reconheceu, nos seus despachos para o almirantado,

«que os melhores artilheiros da Europa se poderiam orgulhar de uma tão

bella resistencia». Mas nem coragem, nem reductos, nem muralhas de

granito prevalecem contra esses negros monstros que desfeiam os mares--o

\_Monarcha\_, o \_Alexandra\_, o \_Soberbo\_, o \_Sultão\_, o \_Invencivel\_, o

\_Minotauro\_, e tantos outros que lá estavam, movediços castellos de

ferro, servidos pelas forças combinadas do vapor, da hydraulica, da

electricidade, devastadores como um cataclysmo e exactos como uma sciencia.

Pobres fortalezas de Mehemet-Ali! Foi a velha fabula da panella de barro

contra que tombou a panella de bronze. Ao anoitecer, eram apenas montões

de ruinas fumegando em silencio...

Estava consummada a façanha! Na bahia, agora, tudo cahira n'uma grande

paz; a noite descera calma e escura; os enormes couraçados repousavam;

da cidade vencida não vinha o menor ruido; só n'um ponto de terra o

palacio de Rasel-tin ardia ao abandono. Foi então que o eloquente

correspondente do \_Standard\_ telegrahou para o seu jornal esta phrase

que merece fama:--\_A situação não póde ser mais satisfactoria!\_

Pelo meio da noite, porém, da parte de Alexandria, onde ficava a \_Praça

dos Consules\_, começou a erguer-se um vasto clarão. Alli, evidentemente,

havia um incendio. Mas como? Porque?

O almirante Seymour lavaria d'ahi as suas mãos--se tivesse a bordo a

bacia de Poncio Pilatos. Elle concentrára escrupulosamente o seu fogo

sobre os fortes: uma ou outra bomba poderia ter cahido nos bairros

arabes--e nada mais legitimo, nem de mais salutar terror; mas a parte

européa de Alexandria fôra poupada... E todavia, era lá que o incendio

se estendia avermelhando, aquecendo o ceu; e de outros pontos visinhos

iam subindo na noite altas labaredas. Diabo! A situação já não era tão

satisfactoria...

Ao outro dia houve um tempo muito nublado, com um mar muito forte. Os

couraçados, por precaução, fizeram-se ao largo. Quando, horas depois,

vieram retomar as suas posições de combate, Alexandria, deante d'elles,

ardia toda como uma monstruosa fogueira. Positivammente, não era nada

satisfactoria a situação!

Não era. Arabi-pachá abandonára Alexandria, levando o grosso do

exercito. E a população mussulmana, enfurecida por nove horas de

bombardeamento, sem policia para a conter, com os \_ulemas\_ a excital-a,

tomada da cobiça da pilhagem, e inflammada pela furia das represalias,

correra aos bairros europeus,--e incendiou, saqueou, matou, destruiu;

matou pela raiva de matar, porque até pobres cavallos de carruagem

appareceram esquartejados; destruiu pela raiva de destruir, porque se

acharam nas ruas, aos pedaços, vestidos de senhoras, relogios de sala e

oculos de theatro...

Ferocidades de fanatismo, que se arremessa n'uma vingança indiscriminada

sobre tudo o que lhe represente a raça, os costumes, as idéas que elle

odeia--sobre os homens e sobre os espelhos. Isto não se dá só em paiz

mussulmano. Sempre que os parizienses invadiam as Tulherias, rasgavam á

ponta de sabre o setim das poltronas...

Collocou-se a população de Alexandria, por taes excessos, fóra da

humanidade? Os inglezes dizem que sim; eu digo que nós teriamos feito o

mesmo, nós europeus, christãos e podres de civilisação. Se, quando os

allemães estavam bombardeando Pariz--os parizienses vissem no centro da

sua cidade um bairro exclusivamente allemão, compacto, monumental,

luxuoso, erguido pelo dinheiro que o allemão ganhára a explorar a

França,--resistiriam os parizienses, os mais civilisados dos mortaes, a

besuntal-o de petroleo e fazel-o flammejar por uma bella noite de inverno?

A resposta é facil, lembrando-nos que, quando por seu turno o snr.

Thiers, esse homunculo de estado, bombardeou Pariz, os parizienses

apressaram-se a destruir o palacete do snr. Thiers.

Foi Arabi que ordenou o incendio de Alexandria? Não, evidentemente.

Arabi não é um patriota selvagem, do typo d'esse Rostopchin que queimou

Moscou: é um fellah fino e sagaz, que sabe que na Europa, na Inglaterra

sobretudo, onde affectamos todos uma sensibilidade humanitaria, nada

desacredita mais que uma fria crueldade. Basta observar a attitude

polida, quasi paternal que elle toma com os prisioneiros inglezes--o

guarda-marinha Chair, por exemplo.

Quando este official foi levado ao acampamento arabe, Arabi disse-lhe

logo, depois d'um \_shake-hands\_.

--Escreva a sua mãe, conte-lhe que está entre mãos leaes, e tire-a

d'inquietações...

Isto era de certo sincero--mas sobre tudo habil: e uma tal palavra voou

direita ao coração de todas as mães inglezas. Desde os conflictos

d'Alexandria, o empenho d'Arabi tem sido proteger os europeus que ainda

restam nas villas do interior. Os \_cadis\_ que não evitaram o massacre

dos empregados do caminho de ferro do Delta, foram decapitados. A elle

se deve a tranquillidade do Cairo, onde existe uma enorme massa de

propriedades e riquezas européas. Que ganharia Arabi em destruir esta

prospera cidade egypcia, no começo da campanha e com o seu exercito

intacto? Apenas a fama d'um monstro boçal.

Á Inglaterra cabe a responsabilidade da catastrophe. As bombas do

almirante talvez, com effeito, não tivessem arrasado mais que alguns

casebres arabes; mas á imprevidencia do governo se deve a ruina

d'Alexandria.

Desde o meiado de junho, o mais experiente, mais auctorisado dos seus

agentes diplomaticos, o snr. E. Malet, consul geral do Egypto, não

cessou de bradar--que se o bombardeamento era inevitavel, Sir Beauchamp

Seymour devia ter tropas de desembarque, para occupar a cidade, apenas

os fortes fossem destruidos, e impedir assim que, no caso provavel de

Arabi se retirar para o interior, ella ficasse á mercê d'uma plebe

semi-barbara...

Nada d'isto se fez.

Sir Beauchamp Seymour bombardeou, arrasou, repelliu virtualmente

d'Alexandria a Arabi, a unica força que continha uma populaça de cem mil

fanaticos--e, depois, ficou a bordo do seu couraçado, vendo

tranquillamente arder, deante de si, uma das mais ricas cidades do

Mediterraneo.

Por outro lado, a quem aproveitava o incendio? Á Inglaterra. O pretexto

de que os fortes \_punham em perigo os couraçados britannicos\_, só a

auctorisava, perante os escrupulos da Europa, a destruir os fortes, não

a occupar a cidade. Agora, porém, que ella estava em chammas, abandonada

á anarchia, á pilhagem, ao ataque das hordas beduinas que corriam do

deserto--agora ella tinha o direito--mais, ella tinha o dever!--de

desembarcar e ir salvar de uma total aniquilação tanta riqueza, tão

esplendido centro de commercio!...

Generosa Inglaterra! E desembarcou logo, aquartelou tropa, plantou

bandeira. Tinha deante de si um monte de ruinas, e em poucos dias foi

dando fórma a uma Alexandria nova, já com feição ingleza e administrada

á ingleza.

Os incendios foram dominados; as ruas desentulhadas; estabeleceu-se uma

policia terrivel, que executava summariamente os ladrões e os

incendiarios; abasteceu-se a cidade: a alfandega reabriu as portas; em

substituição das lojas destruidas, armaram-se barracões de venda; o

machinismo judicial foi posto em movimento; reparou-se a fabrica do gaz,

a cidade foi reilluminada; os bancos voltaram a funccionar.

E, como era necessaria uma auctoridade, em nome de quem se reorganisasse

a vida municipal, os inglezes, que apenas estão alli (diziam elles) como

um corpo de policia, foram buscar o Khediva a uma casa dos arredores,

onde elle se refugiara durante o bombardeamento, e installaram-n'o

solemnemente no palacio de Ras-el-tin, palacio meio ardido, onde elle é

uma auctoridade meio morta!...

Desde este momento, a situação tornou-se muito definida, muito simples.

Os inglezes possuiam, governavam Alexandria, tão naturalmente como se

ella estivesse situada no condado de Yorkshire; e de fronte

d'Alexandria, n'essa especie de isthmo arenoso que a liga á terra do

Delta, estava Arabi n'um acampamento entrincheirado, governando d'ahi

todo o valle do Nilo e o deserto até o mar. Os inglezes recebiam

incessantes reforços de casa e da India. Arabi chamava á guerra contra

os inglezes todo o povo fellah. A Inglaterra preparava uma invasão.

Arabi organisava uma grande defesa nacional. Nada mais claro. A questão

é entre a Inglaterra, procurando estabelecer um protectorado sobre o

Egypto, arrancar-lhe as cidades estrategicas que dominam o canal, e

Arabi-pachá, um patriota, que quer o Egypto para os egypcios, que receia

a protecção do estrangeiro como a peior desgraça de um paiz fraco, e que

entende que, pelo facto de que Alexandria, Port-Saïd e Suez se acham

desgraçadamente no caminho da India, não é motivo para que se tornem

guarnições inglezas. E dos dous lados, grande enthusiasmo.

Em Londres, onde acabou a \_season\_ e começa a monotonia das praias de

banhos, o partir para conquistar o Egypto passou a considerar-se uma

feliz aventura. Se o ministerio da guerra o consentisse--toda a mocidade

de ouro, ou apenas de latão dourado, se alistaria, porque é do mais

requintado \_chic\_ ir dar cabo de Arabi!

O duque de Connaugth, um dos filhos de S. M. a Rainha, faz parte da

expedição, e o duque de Teck, seu cunhado, não sendo militar, partiu,

diz-se, como simples empregado do correio. Os officiaes dos regimentos

de guardas, essa pura nata da aristocracia e flôr da finança, tiveram a

ventura de vêr os seus luxuosos regimentos, de ornamentação monarchica,

expedidos para o Egypto; sómente este natural prazer foi em parte

estragado pela severidade do ministerio da guerra, que, como se tratava

de uma campanha e não de um torneio, não consentiu que esses

gentis-homens fôssem seguidos por equipagens, creados de librés, tendas

de luxo e caixas de vinho de Champagne.

Um d'estes officiaes exprimiu alto a sua indignação, porque o

estado-maior só lhe consente tres cavallos de sella, dous creados de

quarto e cinco malas de bagagem!

Por outro lado, ao comprido do Nilo toda a população fellah se declarou

por Arabi; como por elle se declararam as classes lettradas, as

mesquitas, os \_ulemas\_, os \_coptas\_, os proprios principes parentes do

Khediva. Os \_mudirs\_, governadores de provincias, pagam-lhe a elle os

impostos. Os \_scheiks\_ do deserto mandam-lhe a sua cavallaria.

E este ardor é tanto maior, quanto Arabi-pachá foi de ha muito

prophetisado; já a sua inesperada entrada no governo se considerou um

advento divino; e este rebelde (como outros rebeldes que tão

gloriosamente fizeram o seu caminho na terra e no ceu) é Messias!

Uma antiga prophecia mussulmana annuncia que no seculo decimo terceiro

da Hegira nascerá á beira de um grande rio um homem de raça vil, por

nome Ahmet, que se revoltará, e restaurará o esplendor do Islam; ora, os

arabes estão no século XIII da Hegira, e Arabi, cujo nome é Ahmet, cuja

origem é \_fellahina\_, tendo nascido n'uma aldêa á margem do Nilo,

revoltou-se contra o seu califa. Assim, elle reune o duplo prestigio de

um Spartacus e de um Christo.

Concentrada a questão entre uma poderosa nação invasora e um patriota

que defende o seu solo--a Europa tomou logo a sua tradicional attitude:

isto é, murmurou algumas palavras de branda admoestação, e depois recuou

para longe, a observar como um braço forte sabe usar da sua força, a

estudar como se consuma a espoliação de um fraco.

Nos ultimos quinze annos a Prussia roubou a Dinamarca, e depois foi pela

Allemanha saqueando reinos e grãos ducados; em seguida, desmembrou a

França; mais tarde a Russia espatifou a Turquia; ha dous annos,

subitamente, a Republica Franceza cahiu sobre Tunis, e empolgou esse

desventurado estado barbaresco. Em cada um d'estes casos a Europa

comportou-se como um coro das operas d'antiga escola, quando membrudo

barytono, ahi pelo quarto acto, erguia o ferro sobre o tenor gentil e

magrizela: o côro adeanta-se, modula uma larga phrase, agita os braços

em cadencia, faz o commentario amargo da acção, brada talvez:

\_suspendei\_! Depois, afastando-se em grande compostura, deixa á bocca da

scena o tyranno barbudo sondando tranquillamente com a ponta da lamina o

interior do galã...

Não fallemos mais na Europa. Não ha, nunca houve \_Europa\_, no sentido

que esta palavra tem em diplomacia. Ha hoje apenas um grande pinhal de

Azambuja, onde rondam meliantes cobertos de ferro, que se odeiam uns aos

outros, tremem uns dos outros, e, por um accordo tacito, permittem que

cada um por seu turno se adeante--e assalte algum pobre diabo que vegeta

ou trabalha ao canto de seu cerrado. Nas largas e bem traçadas estradas

do Direito Internacional, allumiadas por Ortolan e outros lumes,

rouba-se de carabina alta, e rompem a cada momento brados de povos

assassinados. A Europa, como os campos de corridas em Inglaterra, devia

estar coberta d'estes avisos em lettras gordas: \_Beware of

pick-pockets!\_ Cautela com os salteadores.

A pequena propriedade politica tende a acabar. Toda a terra vae em breve

reunir-se nas mãos de quatro ou cinco grandes proprietarios... Hontem,

era Tunis--porque a França necessita proteger a fronteira da Argelia.

Hoje, é o Egypto--porque a Inglaterra precisa assegurar o caminho da

India. Amanhã, será a Hollanda--porque a Allemanha não póde viver sem

colonias. Depois, a Servia--por motivos que a seu tempo a Austria dirá.

Mais tarde, a Rumania--porque a Russia é forte. Depois a Belgica--porque

sim. Depois...

Este assumpto é lugubre. Voltemos ao valle do Nilo!

VI

Situação dos exercitos.--O Nilo, a secca, os areaes.--Os perigos de

um «Jehad».--O septicismo mussulmano.--O mundo ingleza-se.--Filaucias

de John Bull.

Postos estão frente a frente

Os dois valorosos campos...

Esta melancolica chacara que, se bem me recordo, chora as desgraças de

Alcacer-Kibir--serve para pintar graphicamente a situação estrategica de

inglezes e egypcios, desde que se abriu a campanha.

Para comprehenderem bem, imaginem um grande A. O triangulo interno da

lettra é o Delta--essa terra amada dos deuses, tão rica, que ella, só

por si, outr'ora alimentou o imperio romano; ao alto da lettra, na

ponta, está o Cairo--de sorte que um poeta persa poude dizer gentilmente

que o Delta é um leque verde fechando sobre um botão de diamante, que se

chama o Cairo. Á base da perna direita do A fica Alexandria, e ahi

permanece uma parte do exercito inglez, defendido pelas fortificações de

Ramleh--e tendo deante de si, a tiro de peça, o grande campo

entrincheirado de Arabi-pachá, que se chama Kraf-Daonar, contendo 18 mil

egypcios, enormes parques de artilharia, e fechando a marcha pelo Delta.

A outra parte do exercito inglez, commandada pelo proprio general em

chefe Sir Garnet Wolseley, dirigiu-se por mar á base da perna esquerda

do A, que é, pouco mais ou menos, Ismailia, e d'ahi subiu por essa linha

até Kassassine, onde parou e se fortificou; achando-se igualmente a

pouca distancia, outro enorme campo entrincheirado, onde Arabi tem

quinze mil homens, que se chama Tel-el-Kebir. E estes quatro campos,

postos frente a frente, e observando-se, constituem até hoje a guerra do

Egypto.

Para chegar, pois, ao Cairo, seu objectivo militar e politico, Sir

Garnet precisa tomar as posições egypcias de Kraf-Daonar, se quizer ir

pelo Delta--e as de Tel-el-Kebir, se tentar avançar pelo deserto.

Até hoje os quatro campos limitam-se a trocar entre si, em certas

escaramuças, algumas languidas balas. Os jornaes de Londres,

naturalmente, noticiam estes tiroteios de vanguarda com um tremendo

apparato de lettras de palmo, mappas lithographados e largos rufos de

prosa--fazendo maior alarido do que se tivesse sido pelejada de novo a

batalha de Waterloo; mas isto é simplesmente para promover a venda do

numero.

Os egypcios, entrincheirados, em seus campos contam com poderosos

alliados: do lado do Delta confiam no Nilo, o velho e bondoso Nilo, que

não poderá deixar de ser fiel áquelles que ha seculos nutre, e que,

dentro em pouco, inundando as terras do Delta; e ajudado pelos

engenheiros d'Arabi, que certamente obstruirão os canaes, terá

convertido n'um immenso estendal de lamas inatravessaveis esse caminho

do Cairo, o mais favoravel para os inglezes, pois seria como marchar

n'uma rica e infindavel granja, entre pomares, jardins, frescuras e

celleiros cheios... Do lado do deserto, os egypcios contam com o sol,

com a secca e com a areia. Póde-se imaginar o que soffrerão essas tropas

do frio Norte, marchando em areaes abrasados n'uma reverberação de luz

que estonteia, sob um calor tão torrido, que o \_metal dos estribos

cresta os botins\_, e tendo para beber só agua barrenta, que é necessario

ferver primeiro! Já as insolações, as dysenterias, a nostalgia, dizimam

os regimentos--e como o commissariado inglez, sempre mau, encontra aqui

difficuldades de transporte, as tropas de S. M. a Rainha Victoria \_já

tem soffrido fome\_! Ah! custa caro o caminho das Indias!

Além d'estes alliados que elle possue na natureza, Arabi espera ainda

nas tribus beduinas, e n'essas hordas errantes d'arabes a cavallo que

estão chegando do lado de Tripoli a combater o \_cão estrangeiro\_, e que,

se diz, constituem um reforço de trinta mil homens...

Por seu lado, os inglezes contam apenas comsigo. E isto não é pouco.

Como diz a sua celebre canção de guerra--\_elles têm os navios, têm o

dinheiro, e têm os homens\_. Têm tambem essas magnificas tropas indias,

que riem do sol, da secca, e das areias d'Africa. E isto levou Sir

Garnet a declarar que a campanha estaria finda no dia 15 de setembro. É

verdade que nós estamos a 7 de setembro, e elle, entrincheirado em

Kassassine, tendo deante de si a barreira formidavel de Tel-el-Kebir,

ainda está pedindo reforços. Mas isto prova só que esse raio de guerra,

tendo habitos differentes dos de Cesar, \_chegou, viu, e reflectiu\_.

Demos-lhe mais um mez; demos-lhe tres largamente; o certo será que ao

fim d'este anno, Arabi, os seus campos, o seu exercito, a sua bella

aspiração a uma nacionalidade egypcia, tudo isso se terá esvaido--como

se esvae uma nuvem n'esse secco céo africano.

Os inglezes poderão soffrer revezes, perder milhares d'homens, gastar

milhões de libras; mas, tendo uma vez compromettida a honra da sua

bandeira, com um fim d'engrandecimento imperial, não embainharão a

espada antes de ter installado na cidadella do velho Cairo, ao som do

\_God save the Queen\_, um governador inglez.

Evidentemente o snr. Gladstone falla apenas de \_restabelecer a ordem e

restaurar o Khediva\_. Meras locuções diplomaticas. O \_Times\_, que é o

verbo d'Inglaterra, esse falla, sem rebuço, em \_protectorado\_. E ha

muitos inglezes, ainda menos reservados que o \_Times\_, que dizem redonda

e seccamente--\_conquista\_.

Mesmo quando o snr. Gladstone, que é a seu modo um democrata dentro dos

limites do Evangelho, e o seu illustre collega Lord Granville, que é um

jurista e um diplomata, quizessem, em respeito ao liberalismo, á Europa,

ao direito internacional e a outras cousas vagas, deixar o Egypto

reorganisar-se a si mesmo--sahindo elles de lá com as mãos vasias,

depois de terem supprimido Arabi e o seu turbulento partido--a

Inglaterra inteira, em massa, protestaria contra este philosophico

desinteresse...

Ha alguem ahi assaz ingenuo para suppôr que John Bull, essa torre de

senso pratico, consentiria em que se lhe dizime o exercito, em que se

lhe gaste o dinheiro como elle gasta a agua das fontes, em que se lhe

augmente o \_income-tax\_--só para que o Khediva, esse amavel moço,

continue a fumar o \_narghilé\_ do poder sob as sombras dos jardins de

Choubra? John Bull não ficará satisfeito senão com este resultado

macisso e duradouro--um \_Egypto inglez\_, tendo dentro do seu territorio,

como um corredor de casa particular, o canal de Suez, caminho das

Indias. Um ministerio que, depois de ter enterrado nos areaes da Africa

milhões de libras e milhares de vidas, não lhe der isto--receberá no

mesmo instante, na parte posterior da sua individualidade, o bico da

bota de John.

Mas se Arabi, derrotado, conseguir levar o Scherife de Méca a proclamar

contra a Inglaterra um \_jehad\_--que é uma guerra santa, uma crusada, um

levantamento em massa do mundo mussulmano?

Bons espiritos, em Inglaterra, dizem ser este um grande perigo--pois que

só na India ha cincoenta milhões de mahometanos. Eu não creio, porém,

que haja aqui motivo para John Bull empallidecer. E lamento-o! Porque é

d'um bello pittoresco essa idéa d'um \_jehad\_ com o seu ceremonial--o

Scherife de Méca desenrolando o estandarte verde de Mahomet, os doutores

do Islam assignando todos o \_fetva\_ fatal, e logo, de cada canto da Asia

e d'Africa, a torrente dos crentes precipitando-se em nome de Allah!

Bello motivo d'ode--a que não corresponde nenhuma realidade...

Em primeiro logar, nunca se fez! O crescente tem sido muitas vezes

humilhado pela cruz, o Islam tem recebido na face a mão da Europa

christã, o Califa tem fallado repetidamente em proclamar um \_jehad\_--e

todavia o estandarte do Propheta continuou enrolado nos sacrarios de

Méca. E a minha opinião é que se elle fôsse um dia desenrolado--haveria

apenas um pedaço de panno verde mais, fluctuando ao vento do ceu.

E querem que lhes diga porque? Porque penso que os mussulmanos estão a

esta hora tão scepticos como nós outros, os christãos. Nas areias do

deserto, como nas nossas praças allumiadas a gaz--já não será facil

encontrar mil homens de boa vontade, que peguem em armas em nome do seu

Deus.

De certo todo o bom mussulmano, a certas horas do dia, se orienta para o

lado de Méca e se prostra nas reverencias rituaes: pura questão de

educação, de boas maneiras, de habito, como nós outros tiramos o chapéu

ao passar por um calvario de aldeia. Ou então, superstição vaga, vago

terror nervoso, como o de certos philosophos e positivistas das minhas

relações, que sempre, ao saltar da cama, fazem o signal da cruz.

Dentro do Alcorão vê-se já o caso melancolico de uma lei divina ir

cahindo em desuso. O Sultão recebe a jantar os embaixadores, e bebe com

elles \_champagne\_: a policia do Cairo prende os santos \_derviches\_

vagabundos, e já não é respeitado o jejum do Ramazan.

Como o nosso Evangelho, a palavra de Mahomet vae-se tornando objecto de

poesia, de commentario, de controversia. Ha Renans no Islam; e o verbo

divino, uma vez analysado, deixa de inspirar a fé que leva á morte.

O mundo mussulmano está no seu seculo decimo-terceiro, na sua plena meia

edade, e certamente ha muito beduino sob a tenda, tão crente, tão

penetrado de Mahomet, como aquelles corações simples, que, ainda ha

pouco no deserto dos nossos claustros, choravam ao ler a paixão de

Jesus; mas não creio que mesmo esses patriarchas deixassem os seus

oasis, os seus rebanhos, os seus harens, para virem gratuitamente, sem

outro pret a não ser o sorriso das houris nos jardins do Paraizo,

supportar o fogo dos canhões Krupp. E emquanto ás classes cultas de

Constantinopla, do Cairo, de Smyrna, de Tunis, essas acreditam tanto na

promessa das houris, como nós outros, aqui em Regent-Street, nas palmas

verdes da Bemaventurança e no côro dos Serafins...

Por todo o universo a religião desapparece das almas; e apenas lá fica

essa vaga religiosidade, feita em parte do abalo que deu ao nosso

coração uma tão longa sujeição ao sobrenatural, em parte do confuso

terror que impera n'este grande universo que nos cerca, tão simples e

tão mal comprehendido. N'este estado negativo, de passividade na duvida,

não se gera facilmente um impulso d'acção forte. Um \_jehad\_ no Islam é

tão impraticavel--como uma cruzada no Christianismo. Pedro Ermita hoje

iria acabar na policia correcional, por perturbador da ordem publica e

das relações internacionaes; e os fanaticos que, ainda hoje, ás portas

das mesquitas do Cairo, bradam contra o \_touriste\_ estrangeiro as

injurias aconselhadas pela boa doutrina, são immediatamente levados para

a enxovia, por \_fazerem alarido nas ruas\_!

Mahomet, nas suas mesquitas, Christo, nas nossas capellas, vão

singularmente envelhecendo; o nosso Messias vae-se cobrindo pouco a

pouco do pó que levanta o forte arado da razão, lavrando um mundo novo;

e o propheta do Islam, tendo perdido a força da sua unidade, subdividido

em mil prophetas menores que presidem a mil seitas differentes, mal póde

resistir á lenta avançada da civilisação occidental. E com Christo e

Mahomet, que eram os principios militantes e vivos das suas religiões,

desapparece o que n'essas religiões havia de vivo e de militante. Resta

Deus, resta Allah. Sublimes abstracções, incapazes de inspirar amor ou

heroismo.

O que mais faz amar a Divindade é a quantidade de humanidade que ella

encerra. Clovis batia-se por Jesus, que tinha um peito de homem como o

d'elle, e n'esse peito humano cinco chagas abertas; Soliman morreria

feliz por Mahomet, que era como elle um guerreiro, e como elle amava a

belleza.

Mas quem se vae bater por Deus, por Allah, essas entidades tão vastas

que enchem todo o ceu, e tão pequenas que não bastam a satisfazer o

nosso coração, que nos são subalternas, porque são feitas á nossa

imagem, e são no fundo a nossa propria alma alargada até ao infinito com

todas as suas fraquezas?!

De resto, é possivel que eu esteja aqui attribuindo a fortes corações de

Meca e do deserto os scepticismos litterarios de \_Pall-Mall\_ e do

\_Boulevard de la Madeleine\_. Que sabemos nós do que se passa dentro do

Islam? Tão pouco como os lettrados da mesquita d'El-Azhar sabem o que

por cá vae dentro do nosso confuso catholicismo.

Mas, mesmo que se effectuasse um \_jehad\_, seria apenas motivo para a

Inglaterra gastar mais alguns milhões e sacrificar mais alguns

regimentos. Nem o Alcorão, nem o famoso estandarte verde, nem o proprio

Mahomet, que voltasse á terra a desfraldal-o, impediriam que John Bull

se estabeleça no Egypto...

Já lá está, nunca mais de lá sahirá!

Estão em toda a parte, esses inglezes! O seculo XIX vae findando, e tudo

em torno de nós parece monotono e sombrio--porque o mundo se vae

tornando inglez. Por mais desconhecida e inedita nos mappas que seja a

aldeola onde se penetre, por mais perdido que se ache n'um obscuro

recanto do Universo o regato ao longo do qual se caminhe--encontra-se

sempre um inglez, um vestigio de vida ingleza!

Sempre um inglez! Inteiramente inglez, tal qual como sahiu da

Inglaterra, impermeavel ás civilisações alheias, atravessando religiões,

habitos, artes culinarias differentes, sem que se modifique n'um só

ponto, n'uma só prega, n'uma só linha o seu prototypo britannico.

Hirtos, escarpados, talhados a pique, como as suas costas do mar, ahi

vão querendo encontrar por toda a parte o que deixaram em Regent-Street,

e esperando Pale-Ale e \_roast-beef\_ no deserto da Petrea; vestindo no

alto dos montes sobrecasaca preta ao domingo, em respeito á egreja

protestante, e escandalisados que os indigenas não façam o mesmo;

recebendo nos confins do mundo o seu \_Times\_ ou o seu \_Standard\_, e

formando a sua opinião, não pelo que vêm ou ouvem ao redor de si, mas

pelo artigo escripto em Londres; impellindo sempre os passos para a

frente, mas com a alma voltada sempre para traz, para o \_home\_;

abominando tudo o que não é inglez, e pensando que as outras raças só

podem ser felizes possuindo as instituições, os habitos, as maneiras que

os fazem a elles felizes na sua ilha do Norte!

Estranha gente, para quem é fóra de duvida que ninguem póde ser moral

sem ler a Biblia, ser forte sem jogar o \_cricket\_, e ser \_gentleman\_ sem

ser inglez!

E é isto que os torna detestados. Nunca se fundem, nunca se

\_desinglezam\_. Ha raças fluidas, como a franceza, a allemã, que, sem

perderem os seus caracteres intrinsecos, tomam ao menos exteriormente a

forma da civilisação que momentaneamente as contêm. O francez no

interior da Africa adora sem repugnancia o \_manipanço\_, e na China usa

rabicho. O inglez cahe sobre as idéas e as maneiras dos outros, como uma

massa de granito na agua: e alli fica pesando, com a sua Biblia, os seus

\_clubs\_, os seus \_sports\_, os seus prejuizos, a sua etiqueta, o seu

egoismo--tornando-se na circulação da vida alheia um encommodativo tropeço.

É por isso que, nos paizes onde vive ha seculos, é elle ainda o

\_estrangeiro\_.

Em toda a parte onde domine e impere, todo o seu esforço consiste em

reduzir as civilisações estranhas ao typo da sua civilisação

anglo-saxonia. O mal não é grande quando elles operam sobre a Zululandia

e sobre a Cafraria, n'essas vastidões da Terra Negra, onde o selvagem e

a sua cubata mal se distinguem das hervas e das rochas, e são meros

accessorios da paizagem: ahi encontram apenas uma materia bruta, onde

nenhuma anterior fórma de belleza original se estraga, quando elles a

refundem para a fazer á sua imagem. Vestir o desventurado rei negro

Cetewayo, como elles agora fizeram, de coronel de infanteria, obrigar os

chefes dos Basutos a saber de cór os nomes da familia real ingleza, são

talvez actos de feroz despotismo, mas não deterioram nenhuma primitiva

originalidade de linha ou de idéa. Para Cetewayo, que andava nú, uma

fardeta, mesmo de infantaria, não faz senão vestil-o; e é indifferente

que dentro do craneo dos Basutos haja só formulas de invocação ao

\_manipanço\_, ou tambem nomes de principes da casa d'Hanover.

Mas quando elles trabalham sobre antigas civilisações como a da India,

onde existem artes, costumes, litteraturas, instituições, em que uma

grande raça pôz toda a originalidade do seu genio--então a politica

anglo-saxonia repete pouco mais ou menos o attentado sacrilego de quem

desmantellasse um templo buddhico, bello como um sonho de Buddha, para

lhe dar na sua reconstrução as linhas hediondas do \_Stock Exchange\_ de

Londres; ou ainda de quem se fôsse ao marmore divino da Venus de Milo, e

tentasse, á força bruta de martello e cinzel, dar-lhe o feitio, as

suissas e a sobrecasaca de lord Palmerston! A expansão do inglez para o

Oriente, seu objectivo imperial, seria toleravel, mesmo aos nervos de um

artista--se elle se contentasse em levar para lá os seus tecidos, as

suas machinas, os seus telegraphos, os seus railways, deixando depois

que essas raças usassem esse colossal material de civilisação em se

desenvolverem no sentido do seu genio e do seu temperamento. Que por

todos os modos se forneça á santa cidade de Hydrabad gazometros e

illuminação--mas, por Deus! que se não mettam á força bicos de gaz

dentro dos seus templos, se isso offende os seus ritos e repugna ao seu

gosto! Que a India, por exemplo, seja coberta de caminhos de ferro,

fornecidos pelos industriaes de Northumberland e pagos pelo

indio--excellente! Mas ao menos que as aldêas onde elles passam, essas

aldêas que os mesmos inglezes descrevem como pequenos paraizos de paz,

de trabalhos simples, de costumes doces, de frugalidade, de frescura, de

belleza moral, não sejam tornadas tão tristes como as tristes parochias

de Yorkshire, introduzindo-se logo lá o \_policeman\_, o deposito de

cerveja, a capella protestante de tijolo, o livreiro de Biblias, o

vendedor de \_gin\_, a fumaraça de uma fabrica, a prostituição e a

\_workhouse\_!...

Mas deixemos isto. É facil maldizer da Inglaterra. Basta abrir os livros

dos seus grandes homens, desde Thackeray, o artista, que com um tão frio

rancor lhe fez a satyra sangrenta, até Carlisle, o philosopho, que

passou a existencia a fulminal-a com uma tumultuosa colera de propheta...

Da Inglaterra póde-se dizer que--ao contrario da generosa França--as

suas virtudes só a ella aproveitam e os seus vicios contaminam o mundo.

É á Inglaterra que se deve o egoismo crescente que nos vae petrificando

o coração--esse egoismo tão particularmente inglez, que faz com que em

Hyde-Park, no seu centro de luxo, trezentas pessoas, em torno de um

lago, vejam uma pobre criança afogar-se, sem que nenhuma se encommode a

tirar o charuto da bocca para lhe estender uma taboa! É á Inglaterra que

devemos esta crescente hypocrisia que invade o mundo, e que faz com que

em Londres, nos cartazes que annunciam as peças de Sardou ou Dumas, se

ajunte esta estupenda declaração: \_adaptada ás justas exigencias da

moralidade ingleza\_;--emquanto que, na rua, por baixo d'esses mesmos

cartazes, rola, sem cessar, a mais vil torrente que o mundo viu de

bebados e de prostitutas!

Mas deixemos as maculas da Inglaterra: a lista é longa;--quero só

alludir a um outro abominavel defeito que ella sempre teve, e que agora

desenvolveu em proporções intoleraveis:--a sua espantosa filaucia, a sua

ruidosa basofia, o seu tremendo ar \_mata-sete\_!

É sobretudo n'este momento, desde o começo da guerra do Egypto, que os

que, como eu, amam a Inglaterra, soffrem de lhe vêr estes extravagantes

modos de valentão de romance picaresco. Os telegrammas que os

correspondentes dos jornaes enviam das operações da guerra, sobretudo os

commentarios dos proprios jornaes, seriam lamentavelmente grotescos, se

não fossem odiosamente impertinentes. Os francezes (que não são

modestos) puzeram trinta mil allemães fóra de combate na batalha de

Gravellote, e todavia não fizeram a decima parte do alarido, da

gloriola, do espalhafato com que os inglezes celebravam a escaramuça de

Ramleh, onde os egypcios perderam \_quarenta e tantos homens\_! Parece

faltar-lhes o sentimento da proporção das cousas. Um correspondente do

\_Daily News\_ annunciava, ha dias, como um feito heroico, digno de ir á

posteridade, o terem alguns soldados em marcha dado um pedaço de pão de

munição a um arabe que morria de fome á beira de um caminho! Era espanto

de encontrar dentro de peitos inglezes um resto de piedade humana? Não.

Queria provar que nenhum exercito no mundo faz a guerra com uma tão

profunda clemencia!

Ou celebrem o aspecto physico dos regimentos ou a afinação das bandas de

musica, a pontaria dos artilheiros ou a fórma dos capacetes, os talentos

do Estado Maior ou a excellencia da bolacha de munição, vem logo em

lettras gordas, a phrase tola--\_o que ha de melhor no mundo\_!

Faz uma vedeta ingleza fogo sobre uma vedeta egypcia e depois recolhe á

trincheira? Logo este facto é declarado \_tão nobre pelo heroismo como

habil pela prudencia\_!

Os córos que se entoam em torno do general Wolseley, pertencem á pura

farça.

Eu quero crêr que elle é um grande homem--ainda que por ora nada mais

fez que debandar uma pobre horda de negros armados de flechas que

vegetavam junto a não sei que rio d'Africa; mas que se póde pensar

quando se lê, no \_World\_ e em outros papeis, que elle é o \_maior general

do seculo\_? Onde vive um certo Moltke? Quando existiu um chamado Napoleão?

O melhor, mais bem feito, mais importante jornal de Londres, a \_Pall

Mall Gazette\_, envergonhado de tudo isto, explica, com a sua usual

habilidade, que estas fanfarronadas não são destinadas á Europa, mas ao

Egypto «para levantar o moral das tropas!» Têm pois esses regimentos em

campanha nos areaes da Africa, diante d'um inimigo formidavel, vagares

para ler as gazetas? Recebe cada soldado raso, com o seu rancho da

manhã, um numero do \_Times\_? A respeitavel \_Pall Mall\_ blaguêa. Para

animar, recompensar as tropas, lá estão as proclamações dos generaes.

Ahi, sim, a emphase deve correr em torrentes: e quando um desgraçado

homem depois de ter marchado todo um dia, com fome, com sêde, com os pés

em sangue na areia e um ceu de fogo nas costas, volta á noite ao

acampamento, estendido n'uma maca com duas balas no corpo--não é muito

que se lhe diga que elle é o primeiro soldado do mundo!

É também «para levantar o moral das tropas» que o \_Times\_ e o

\_Spectator\_, fallam, de mão na cinta, e suissa ao vento, de «impor á

Europa a vontade da Inglaterra?»

Não; é mera fanfarronada.

E não é só nos jornaes. Entre-se n'um club, n'um restaurante,

converse-se com um conhecido, entre duas chavenas de chá--e vem logo a

mesma jactancia de roncador: «Vamos dar cabo de tudo. Temos dinheiro a

rodo. Cá, ao pulso inglez, nada resiste... E se o mundo respinga,

quebram-se-lhe as ventas!...»

A Inglaterra perdeu as suas boas maneiras.

É forte, de certo--mas falla da sua força com a brutalidade de um

Hercules de feira que esbogalha os olhos e mostra os musculos; é rica,

de certo--mas falla do seu dinheiro com a grosseria d'um ricaço que

abarrota fazendo tinir as libras na algibeira...

Onde está a famosa \_self-possession\_ da Inglaterra, a sua tranquilla

dignidade? John Bull tornou-se Ferrabraz. Ora uma muito velha banalidade

ensina-nos que não ha verdadeira força sem serenidade e que sem modestia

não ha verdadeira grandeza.

X

O BRASIL E PORTUGAL

Os jornaes inglezes d'esta semana têm-se occupado prolixamente do

Brazil. Um correspondente do \_Times\_, encarregado por esta potencia de

ir fazer pelo continente americano uma «vistoria social» definitiva

deu-nos agora, em artigos repletos e massiços, o resultado do seu anno

de jornadas e de estudos.

O ultimo artigo é dedicado ao Brazil: eu, que nunca visitei o imperio,

não tenho naturalmente auctoridade para apreciar essas revelações

(porque o correspondente toma a attitude de um revelador) sobre a

religião, a cultura, os productos, o commercio, a emigração, o caracter

nacional, o nivel de educação, a situação dos portuguezes, a dynastia, a

Constituição, a republica, \_et de omni re braziliensi\_ e não posso

transcrevel-as tambem porque ellas enchem, no \_Times\_, vasto como é,

mais espaço que o proprio Brazil occupa no territorio da America do Sul.

Esse artigo excitou o interesse e os commentarios da \_Pall-Mall Gazette\_

e de outros jornaes, e ahi se rompeu a fallar do Brazil com sympathia,

com curiosidade, com essas admirações ingenuas pela sua rutilante flora,

esse pasmo quasi assustado pela sua vastidão, que decerto tiveram nossos

avós, quando o bom Pedro Alvares Cabral, largando a procurar o Preste

João, voltou com a rara nova das terras entrevistas do Brazil...

Devendo mostrar-lhes a opinião presente da Inglaterra sobre o Brazil,

d'esses artigos floridos, escolho o do \_Times\_, annotando e glosando o

trabalho do seu enviado. (É d'este modo respeitoso que se deve fallar

sempre de um correspondente do \_Times\_).

Começa, pois, o grande jornal da \_City\_ por dizer--«que a descripção do

vasto Imperio do Brazil com que foi fechada a serie das \_cartas sobre o

continente americano\_, deve ter feito transbordar o sentimento de

admiração pelo explendor, etc...» Seguem-se aqui naturalmente vinte

linhas de extasi. É, em prosa, a aria do 4.º acto da \_Africana\_: Vasco

da Gama, de olhos humidos e coração suspenso no enlevo de tanta flôr

prodigiosa, de tão raros cantos d'aves raras...

Depois vem o espanto classico pela extensão do Imperio: «Só o simples

tamanho de um tal dominio (exclama) na mão de uma diminuta parcella da

humanidade é já em si um facto sufficientemente impressionador!»

E todavia esta admiração do \_Times\_ pelo gigante é misturada a um certo

patrocinio familiar, de ser superior,--que é a attitude ordinaria da

Inglaterra e da imprensa ingleza para com as nações que não têm duzentos

couraçados, um Shakspeare, um \_Bank of England\_, e a instituição do

\_roast-beef\_... N'este caso do Brazil, o tom de protecção é raiado de

sympathia...

Depois o artigo rompe de novo n'um hymno: «A Natureza no Brazil não

necessita do auxilio do homem para se encher de abundancias e se cobrir

de adornos!... Para seu proprio prazer planta, ella mesma, luxuriantes

parques! E não ha recanto selvagem que não faça envergonhar as mais

ricas estufas da Europa...» Isto é decerto exacto: mas o \_Times\_,

receiando que os seus leitores viessem a suppor que a natureza do Brazil

está de tal modo repleta, tão indigestamente attestada, que não

permitte, que se recusa com furor a receber no seu ventre empanturrado

uma semente mais sequer--apressa-se a tranquillisal-os: «Mas (diz este

sabio jornal judiciosamente) ainda que a Natureza dispense bem todo o

trabalho do homem, que outros solos menos generosos requerem para se

abrir em flôres e fructos,--\_não o repelle todavia\_». Isto socega os

nossos animos: ficamos assim certos que nenhum fazendeiro, nos distantes

cafesaes, ao atirar á terra, a \_terra mãe\_, com a enxadada fecundadora a

semente inicial, corre o risco atroz de ser por ella atacado á pedrada

ou a golpes de bananeira... Nem outra cousa se podia esperar da doce e

pacifica Ceres.

Tendo assim floreado, de penacho oratorio ao vento, o \_Times\_ investe

com as ideias praticas. E começa por declarar, que, segundo o copioso

relatorio do seu correspondente, «o que surprehende na America do Sul

(se exceptuarmos aquella tira de terra que constitui a Republica do

Chili, e alguns bocados da costa do enorme imperio do Brazil) é a

grandeza de tais recursos comparada á desapontadora magreza dos

resultados». Seria facil responder com a escassez da população. O

\_Times\_ de resto sabe-o bem, porque nos falla logo d'essa população nas

republicas hespanholas, mas não a acha escassa; o que a acha é torpe!...

A pintura que nos dá do Perú, Bolivia, Equador e consortes é ferina e

negra: «Essa gente vive n'uma indolencia vil, que não é incompativel com

muita arrogancia e muita exagerada vaidade! D'esse torpor só rompe, por

accesso de frenesi politico. Todo o trabalho ai emprehendido para fazer

produzir a natureza é dos estrangeiros: os naturaes limitam-se a

invejal-os, a detestal-os por os verem utilisar opportunidades que elles

mesmo não se quizeram baixar a usar!» Isto é cruel: não sei se é justo:

mas entre estas linhas palpita todo o rancor de um inglez possuidor de

maus titulos peruanos. «E se o nosso correspondente (continua o artigo)

offerece de alto o Brazil á nossa admiração, não é em absoluto, é

relativamente, em contraste com os paizes que quasi o egualam em

vantagens materiaes, como o Perú e o Rio da Prata, mas onde a discordia

intestina devora e destroe todo o progresso nascido da actividade

estrangeira. O Brazil é portuguez e não hespanhol: e isto explica tudo.

O seu sangue europeu vem d'aquella parte da Peninsula Iberica em que a

tradicção é a da liberdade triumphante, e nunca supprimida.» O \_Times\_

aqui abandona-se com excesso ás exigencias rythmicas da phrase: parece

imaginar que desde a batalha de Ourique temos vindo caminhando n'uma

larga e luminosa estrada de ininterrompida democracia!...

Mas, emfim, continúa: «Quando o Brazil quebrou os seus laços coloniaes

não tinha a esquecer feias memorias de tyrannia e rapacidade; nem teve

de supprimir genericamente todos os vestigios de um máu passado.» Com

effeito; pobres de nós! nunca fômos de certo para o Brazil senão amos

amaveis e timoratos.

Estavamos para com elle n'aquella melancolica situação de um velho

fidalgo, solteirão arrasado, desdentado e tropego, que treme e se baba

deante de uma governanta bonita e forte. Nós verdadeiramente é que

eramos a colonia: e era com atrozes sustos do coração que, entre uma

\_Salvè Rainha\_ e um \_Lausperenne\_, estendiamos para lá a mão á esmola...

O \_Times\_ prossegue: «Ainda que independente, o Brazil ficou portuguez

de nacionalidade e semi-europeu de espirito. Pelo simples facto de se

sentir portuguez, o povo brazileiro teve, e conserva, o instincto do

grande dever que lhe incumbe: tirar o partido mais nobre da sua nobre

herança... Sejam quaes tenham sido os erros de Portugal, não se póde

dizer que se tenha jámais contentado com o mero numero das suas

possessões, sem curar de lhes extrahir os proventos...» O \_Times\_ aqui

dormita, como o secular Homero.

E justamente o que nos preoccupa, o que nos agrada, o que nos consola é

contemplar \_simplesmente o numero\_ das nossas possessões: pôr-lhes o

dedo em cima, aqui e além, no mappa; dizer com voz de papo, \_ore

rotundo\_: «Temos oito; temos nove: somos uma nação colonial, somos um

povo maritimo!...» Emquanto a \_extrahir-lhes os proventos\_, na phrase

judiciosa do \_Times\_, d'esses detalhes miseraveis não cura o pretor, nem

os netos de Affonso de Albuquerque!... Mas prossegue o \_Times\_: «O

imperio colonial de Portugal talvez tenha sido outr'ora caracterisado

por desfortuna--quasi nunca por estagnação.» \_Talvez\_ é bom: com o

imperio do Oriente no nosso passado, que é um dos mais feios monumentos

de ignominia de todas as edades... Continuemos.

«Da origem d'onde o Brazil deriva a sua actividade, deriva tambem (o que

não é menos importante) o respeito pela opinião da Europa. O vadio das

ruas de Lima, de Caracas ou de Buenos-Ayres nutre um soberano desprezo

pelos juizos que a Europa possa formar das suas tragi-comedias

politicas... Não tem consciencia de cousa alguma, a não ser do seu

\_sangue castelhano\_... Sente decerto o inconveniente de ser expulso do

credito e das bolsas da Europa... Mas avalia esta circumstancia apenas

pelos embaraços momentaneos que ella lhe traz. O financeiro brazileiro,

porem, esse presta uma tão respeitosa attenção ao \_temperamento\_ das

bolsas de Pariz e Londres, como ao da mesma praça do Rio de Janeiro...»

O \_Times\_ vê n'este symptoma a consideração que o Brazil tem pela

opinião da Europa.

Mas, onde o \_Times\_ se engana é quando pretende que o Brazil deve ao seu

sangue portuguez esta bella qualidade de obedecer aos juizos do mundo

civilisado. Não ha paiz no universo, onde se despreze mais, creio eu, o

julgamento da Europa, que em Portugal: n'esse ponto somos como o vadio

das ruas de Caracas, que o \_Times\_ tão pittorescamente nos apresenta:

porque eu chamo desdenhar a opinião da Europa não fazer nada para lhe

merecer o respeito. Com effeito, o juizo que de Badajoz para cá se faz

de Portugal, não nos é favoravel, nós sabemol-o bem--e não nos

inquietamos! Não fallo aqui de Portugal como Estado politico. Sob esse

aspecto gosamos uma razoavel veneração. Com effeito, nós não trazemos á

Europa complicações importunas; mantemos dentro da fronteira uma ordem

sufficiente: a nossa administração é correctamente liberal; satisfazemos

com honra os nossos compromissos financeiros.

Somos o que se póde dizer um \_povo de bem\_, um \_povo bôa pessoa\_. E a

nação vista de fóra e de longe, tem aquelle ar honesto de uma pacata

casa de provincia, silenciosa e caiada, onde se presente uma familia

commedida, temente a Deus, de bem com o regedor, e com as economias

dentro de uma meia... A Europa reconhece isto: e todavia olha para nós

com um desdem manifesto. Porque? Porque nos considera uma nação de

mediocres: digamos francamente a dura palavra--porque nos considera uma

\_raça de estupidos\_. Este mesmo \_Times\_, este oraculo augusto, já

escreveu que Portugal era, intellectualmente, tão caduco, tão casmurro,

tão fossil, que se tornára um paiz bom para se lhe passar muito ao

largo, e \_atirar-lhe pedras\_ (textual).

O \_Daily Telegraph\_ já discutiu em artigo de fundo este problema: Se

seria possivel sondar a espessura da ignorancia luzitana! Taes

observações, além de descortezes, são decerto perversas. Mas a verdade é

que n'uma epocha tão intellectual, tão critica, tão scientifica como a

nossa, não se ganha a admiração universal, ou se seja nação ou

individuo, só com ter proposito nas ruas, pagar lealmente ao padeiro, e

obedecer, de fronte curva, aos editaes do governo civil. São qualidades

excellentes, mas insufficientes. Requer-se mais: requer-se a forte

cultura, a fecunda elevação de espirito, a fina educação do gosto, a

base scientifica e a ponta de ideal que em França, na Inglaterra, na

Allemanha, inspiram na ordem intellectual a triumphante marcha para a

frente; e nas nações de faculdades menos creadoras, na pequena Hollanda

ou na pequena Suecia, produzem esse conjunto eminente de sabias

instituições que são, na ordem social, a realização das fórmas

superiores do pensamento.

Dir-me-hão que eu sou absurdo ao ponto de querer que haja um Dante em

cada parochia, e de exigir que os Voltaires nasçam com a profusão dos

tortulhos. Bom Deus, não! Eu não reclamo que o paiz escreva livros, ou

que faça arte: contentar-me-ia que lesse os livros que já estão

escriptos, e que se interessasse pelas artes que já estão creadas. A sua

esterilidade assusta-me menos que o seu indifferentismo. O doloroso

espectaculo é vêl-o jazer no marasmo, sem vida intellectual, alheio a

toda a ideia nova, hostil a toda a originalidade, crasso e mazorro,

amuado ao seu canto, com os pés ao sol, o cigarro nos dedos e a bocca ás

moscas... É isto o que punge.

E o curioso é que o paiz tem a consciencia muito nitida d'este torpor

mortal, e do descredito universal que elle lhe attrahe. Para fazer

vibrar a fibra nacional, por occasião do centenario de Camões, o grito

que se utilizou foi este:--Mostremos ao mundo que ainda vivemos! que

ainda temos uma litteratura!

E o paiz sentiu asperamente a necessidade de affirmar alto, á Europa,

que ainda lhe restava um vago clarão dentro do craneo. E o que fez?

Encheu as varandas de bandeirolas, e rebentou de jubilo a pelle dos

tambores. Feito o que--estendeu-se de ventre ao sol, cobriu a face com o

lenço de rapé, e recomeçou a sésta eterna. D'onde eu concluo que

Portugal, recusando-se ao menor passo nas lettras e na sciencia para

merecer o respeito da Europa intelligente, mostra, á maneira do vadio de

Caracas, o despreso mais soberano pelas opiniões da civilização. Se o

Brazil, pois, tem essa qualidade eminente de se interessar pelo que diz

o mundo culto, deve-o ás excellencias da sua natureza, de modo nenhum ao

seu sangue portuguez: como portuguez, o que era logico que fizesse era

voltar as costas á Europa, puxando mais para as orelhas o cabeção do

capote...

Mas, retrocedendo ao artigo do \_Times\_, a conclusão da sua primeira

parte é que «em riqueza e aptidões o Brazil leva gloriosamente a palma

ás outras nacionalidades da America do Sul». Todavia, o \_Times\_ observa

no Brazil circumstancias desconsoladoras: «Doze milhões de homens estão

perdidos n'um estado maior que toda a Europa: a receita publica, que é

de doze milhões de libras esterlinas, é muitos milhões inferior á da

Hollanda e á da Belgica: com uma linha de costa de quatro mil milhas de

comprimento, e com pontos de uma largura de duas mil e seiscentas

milhas, o Brazil exporta em valor de generos a quarta parte menos que o

diminuto reino da Belgica.»

O \_Times\_, todavia, tem a generosidade de admittir que nem a densidade

de população, nem o total das receitas, nem a cifra das exportações

constituem a felicidade de um povo e a sua grandeza moral. A Suissa, que

tem dois milhões de habitantes e justamente os mesmos dois milhões de

libras de receita, vive em condições de prosperidade, de liberdade, de

civilisação, de intellectualidade bem superiores á tenebrosa Russia com

os seus oitenta milhões de libras de receita, e os mesmos oitenta

milhões em homens. «Todavia, continúa o \_Times\_, se a escassez da

população, de rendimento e de commercio, não collocam o Brazil n'um

estado de adversidade, são uma prova que faltam a esse povo algumas das

qualidades que fazem a grandeza das nações. Que os colonisadores

portuguezes, apenas apoiados pelo pequeno throno portuguez, tivessem

feito da metade do novo mundo, que lhes concedeu o papa Alexandre, mais

que os colonisadores hespanhoes que tiravam a sua força da grande nação

de Hespanha, é uma cousa que prova a favor do sangue portuguez comparado

com o sangue castelhano, andaluz ou aragonez. Mas que as conquistas

feitas no Brazil á natureza sejam tão insignificantes, e tão vastos os

espaços que permanecem não só inconquistados mas desamparados--indica

que são analogos os defeitos da colonia hespanhola e da colonia

portugueza...»

O resto do artigo é mais serio; e eu devo transcrevel-o sem interrupção.

«O Brazileiro não é, como o peruano ou boliviano, altivo de mais, ou

preguiçoso de mais para se dignar reparar nos meios de riqueza e de

grandeza tão prodigamente espalhados em torno de si. Não; o brazileiro

tem energia sufficiente para ambicionar e para calcular. A sua attenção

está fixa nas ferteis regiões do interior. Desejaria bem vêr a rede dos

seus rios navegaveis cobertos de barcos e vapores. Succede mesmo que,

nos pontos mais ricos da costa, o habitante queixa-se que uma excessiva

porção dos impostos com que é sobrecarregado vae ser gasta em collossaes

trabalhos emprehendidos em vantagem de remotas e incultas regiões que

nunca ou, ao menos, só d'aqui a longos annos, poderão aproveitar com

elles. Mas, em todo o caso, o Brazil sente em si força sufficiente para

dar ao seu vasto territorio os beneficios de uma sabia administração.»

O \_Times\_ aqui tem um pequeno periodo, alludindo á nobre ambição que têm

os brazileiros de fazer tudo por si mesmos, vendo com aborrecimento as

grandes obras entregues á pericia estrangeira, e preferindo os esforços

da sciencia e do talento nacionaes, ainda mesmo quando elles falham,

custando ao paiz milhões perdidos... Depois prossegue:

«Mas emquanto o brazileiro se mostra assim, em theorias politicas e

administrativas, ancioso por fomentar elle mesmo, por elle mesmo fazer

todas as obras dos seus cinco milhões de milhas quadradas--ás suas mãos

repugna o agarrar o cabo da enxada, ou tomar a rabiça do arado, que é

justamente o serviço que a natureza reclama d'elle. N'um continente, que

depois de tres seculos e meio continúa a ser um torrão novo, a grandeza

das Republicas ou dos Imperios depende exclusivamente do trabalho manual.

«Italianos, allemães, negros, têm sido, estão sendo importados para

fazerem o trabalho duro que repugna aos senhores do solo. Mas,

inaclimatados, em certos districtos, elles nunca poderiam labutar como

os naturaes dos tropicos. Nem mesmo nas provincias mais temperadas do

Imperio jámais os immigrantes trabalharão resolutamente--até que o

exemplo lhes seja dado pela população indigena, senhora da terra. O

brazileiro ou tem de trabalhar por suas mãos, ou então largar a rica

herança que é incompetente para administrar. Á maneira que o tempo se

adianta, vae-se tornando uma positiva certeza que todos os grandes

recursos da America do Sul entrarão no patrimonio da humanidade.»

O \_Times\_ aqui embrulha-se. Prefiro explicar a sua ideia, a traduzir-lhe

a complicada prosa; quer elle dizer que o dia se approxima em que a

civilisação não poderá consentir que tão ricos solos, como os dos

Estados do Sul da America, permaneçam estereis e inuteis, e que, se os

possuidores actuaes são incapazes de os fazer valer e produzir, para

maior felicidade do homem, deverão então entregal-os a mãos mais fortes

e mais habeis. É o systema de expropriação por utilidade de civilização.

Theoria favorita da Inglaterra e de todas as nações de rapina...

Continúa depois o artigo, com ferocidade: «No Perú, na Bolivia, no

Paraguay, no Equador, em Venezuela... em outros mais, os actuaes

occupadores do solo terão gradualmente de desapparecer e descer áquella

condição inferior, que o seu fraco temperamento lhes marca como destino.

(Nunca se escreveu nada tão ferino!) O povo brazileiro, porém, tem

qualidades excellentes e a Inglaterra não chegará promptamente á

conclusão de que elle tem de partilhar a sorte de seus febris ou

casmurros visinhos... Mas, dadas as condições do seu solo, o Brazil

mesmo tem a escolher entre um semelhante futuro ou então o trabalho, o

duro esforço pessoal, contra o qual até agora se tem rebellado. Se o seu

destino tivesse levado os brazileiros a outro canto do continente, nem

tão largo, nem tão bello, poder-se-hia permittir-lhes que passassem a

existencia n'uma grande somnolencia. Mas ao brazileiro está confiada a

decima quinta parte da superficie do globo: essa decima quinta parte é,

toda ella, um thesouro de belleza, riquezas e felicidades possiveis; e

de tal responsavel--o brazileiro tem de subir ou de cahir!»

E com esta palavra, á Gambetta, termino. Já se alonga muito esta carta

para que eu a sobrecarregue de comentarios á prosa do \_Times\_. No seu

conjuncto é um juizo sympathico. O \_Times\_, sendo, por assim dizer, a

consciencia escripta da classe media da Inglaterra, a mais rica, a mais

forte, a mais solida da Europa, tem uma auctoridade formidavel; e

escrevendo para o Brazil, eu não podia deixar de recolher as suas

palavras--que devem ser naturalmente a expressão do que a classe media

da Inglaterra pensa ou vae pensar algum tempo do Brazil. Porque a prosa

do \_Times\_ é a matéria-prima de que se faz em Inglaterra o estofo da

opinião.

E reparando agora que, por vezes n'estas linhas, fui menos reverente com

o \_Times\_--murmuro, baixo e contricto, um \_peccavi\_...

XI

A festa das creanças

A mais engraçada festa das creanças de que me lembro, foi em Inglaterra,

na casa de campo dos meus amigos Birds, no paiz de Cornwall. Era uma

mascarada reproduzindo em miniatura a côrte de el-rei Arthur e dos

cavaleiros da Tavola Redonda. E o que tornava interessante a

ressurreição d'este mundo heroico e gentil, popularizado por Tennyson, é

que nós estavamos alli justamente na região de Cornwall, onde viviam,

entre saráus e batalhas, Arthur, a sua rainha Guinevra e os doze

valentes da Tavola. A pouca distancia do parque dos Birds, n'uma collina

coberta de carvalheiras, a tradição colloca os paços de Arthur e a

maravilhosa e sombria cidade de Caerleon. O rio em que pescavam trutas

era o velho Usk. Nas suas frescas margens erguera-se outr'ora o

mosteiro, onde o irmão de Percival, uma noite, da janella da sua cella,

viu passar n'uma nuvem côr de rosa, entre aromas de junquilhos, o vaso

do Santo Graal cheio de sangue de Nosso Senhor Jesus Christo. E das

varandas da sala de jantar, podiam avistar-se em dias claros, lá ao

longe, na costa, e entre as rochas, as ruinas d'esse castello de

Tintagil, que apparece em todas as balladas do rei Arthur, negro e

triste junto ao mar de Cornwall.

A côrte começou a reunir-se cedo, á hora do lunch, no grande salão

branco, sobre o jardim. Era o filho dos Birds quem esplendidamente

recebia, vestido de rei Arthur. O primeiro personagem da lenda que

chegou, acompanhado pela sua governante, foi o feiticeiro Merlino, um

adoravel bébé, gordo e embezerrado com a corôa de hera, uns cabellos

louros e umas enormes barbas propheticas enchendo-lhe a bochecha côr de

rosa. Depois, seguidos das mamãs, vieram entrando todos os outros

figurões da romantica chronica, cavalleiros de cinco annos armados e

emplumados, mongesinhos nedios, bispos quasi de mama com os seus baculos

nos braços, bardos rabugentos, mesteirais vestidos de seda, e fadas mais

lindas que as fadas. As tres rainhas mysticas do Walhalla chegaram por

ultimo, gravesinhas, todas tres pela mão, cobertas de véos negros,

escoltadas por um grande lacaio empoado.

Pouco a pouco o salão ficou animado como o velho Caerleon n'uma manhã de

torneio. O pequeno Bird, de Rei Arthur, com seu manto bordado d'ouro, os

cabellos frisados sahindo em anneis de sob a corôa carregada de pedras,

passeava magestoso, entre os seus irmãos de armas. Uma senhora,

encantada, quiz dar-lhe um beijo. Elle repeliu-a asperamente, como teria

feito o casto Rei Arthur. Mais orgulhoso do que elle, só o bravo

Lancelote do Lago, a quem tinham pintado um buço, e que revestido de

armas negras, com uma longa pluma escarlate ondeando-lhe desde o elmo

até ás esporas d'ouro, não tirava a mão da espada. E o que parecia

ensoberbece-lo mais era a sua faxa de gaze branca, passada sobre a

couraça, e feita em rigida obediencia á epopéa, d'um véo da rainha

Guinevra. Essa era a grande belleza do saráu, a rainha Guinevra, uma

irlandezasinha com as duas tranças negras e os olhos verdes como os

prados d'Erin. Séria e fria, envolta na pesada capa de setim azul,

conservava-se no meio de um sofá, immovel, com um sorriso que lhe punha

uma covinha no queixo, indifferente aos madrigaes, insensivel ás proezas

dos cavalleiros, e sempre de olhos baixos, ou por ella os bardos firam

as harpas, ou por ella se batam os vassalos junto ao mar de Cornwall.

Um escudeiro annunciou o lunch, tocando uma buzina de prata, tal qual

como no Caerleon. E pelo corredor, aos pares, toda a côrte seguiu á sala

de jantar o rei Arthur, que levava pela mão, com uma graça solemne, a

linda rainha Guinevra. Depois, mas não sem alguma confusão, em que

necessariamente as mamãs tiveram de ser energicas com os cavalleiros,

ficou completa a Tavola Redonda, ornada de baixellas e flôres. E nada

faltava do que mandam as poeticas chronicas.

Ao fundo da mesa, na sua cadeira esculpida pelos Genios, lá se achava o

velho feiticeiro Merlino, a quem a governante, para elle comer com

limpeza a sua sopa, tirára as barbas propheticas. Não havia um javali

assado sobre um prato de ouro. Apenas um modesto \_roast-beef\_. Mas o rei

Arthur levantava o seu copo d'agua, misturada de uma gota de Bordeus,

com a nobreza com que o outro, ha tantos centos de annos e n'aquella

mesma collina, erguia a taça de hydromel em dias de victoria. De resto a

sala, com o seu tecto de carvalho lavrado, tinha o severo apparato

d'outras éras e através da janella lá estavam, como nos versos da \_Morte

d'Arthur\_, as ruinas do Castello de Tintagil, negro e triste junto do

mar de Cornwall.

A Côrte mostrava tanto apetite como á volta de uma batida aos lobos nos

bosques, que avisinham o Usk. Até as fadas devoravam. Sir Galahad, esse

que possuia a força de mil, porque o seu coração era virgem, já por duas

vezes reclamára \_pudding\_ de batatas, batendo furiosamente com o garfo

sobre o seu murrião de prata, posto ao lado da mesa entre os crystaes.

Fôra preciso, por causa da sua magnifica tunica de setim verde, atar um

guardanapo ao pescoço do cavalleiro Bors, essa radiante flôr de bravura

christã. No meio de toda a alegria o forte Percival, incommodado com a

sua armadura, permanecia manso e corado com o ar de estar pensando (como

o outro Percival) em se recolher ao mosteiro de Wik. Depois, de repente

e inexplicavelmente, rolou abaixo da cadeira, entornando todo o molho

nos joelhos do intrigante Modred, o mais violento cavalleiro da Tavola.

Modred despropositou e arrepelou os cabellos d'ouro de Percival. A tia

do heróe acudiu assustada, e então, como o famoso Lancelote do Lago se

estava tornando turbulento, foi arrancado da Tavola Redonda

ignominiosamente, nos braços d'um escudeiro, aos berros.

Depois do lunch, a côrte de el-rei Arthur voltou ao saráu a regozijar-se

com danças. Saráu delicioso! Havia dois monges extraordinarios, de

bureis brancos, tão pequenos e tão tropegos que as senhoras tinham de os

segurar pelos braços nas quadrilhas e que queriam constantemente dançar,

mais joviaes que os cavalleiros, promptos a atirar-se sempre aos

bracinhos das camponezas toucadas de flôres.

O puro Sir Galahad, já sem broquel e sem murrião, galopava doidamente

com uma ligeira fada, chegada n'essa manhã da Bretanha, das florestas de

Broceliande. Um bardo, com a corôa de folhas de carvalho enterrada até

aos olhos, chorava por ter perdido a sua harpa. Havia tambem um principe

do Mar do Norte, um castellão de Erin e o bravo cavalleiro Bors, que se

tinham refugiado a um canto, por detraz d'um sophá, onde sentados no

chão continuavam na sua divertida merenda com bolos, dando gritos,

quando as senhoras queriam pôr cobro áquella gula tão impropria de

paladinos christãos.

No corredor o pae Bird teve de suster um rechonchudo abbade, que

arregaçava as vestes sacerdotaes e ia, furioso, sovar o intrigante

cavalleiro Modred. E não foi possivel realizar a parte mais picante da

lenda, fazendo com que Lancelote do Lago cortejasse Guinevra. O bravo

Lancelote (bem differente do outro) parecia de coração duro e sem gosto

pelo sorrir das damas. Terminou mesmo por ter uma hedionda perrice, e

cahiu nos joelhos da mamã, com duas grossas lagrimas nas pestanas e a

sua bella penna escarlate cahida no chão, como n'uma tarde de derrota.

Cedo os bébés começaram a estar cançados. Eu mesmo, no meio da festa,

tive de levar ao collo o veneravel bispo de Blackburn com a sua mitra e

com o seu rico baculo. Os seus doces olhinhos azues fechavam-se de

somno. Deitei-o no sophá, junto da mais pequenina das rainhas do

Walhalla, que já alli dormia sob o véo negro, com os cabellos d'ouro

soltos e o lyrio do Paraiso entre as mãosinhas cruzadas...

E o santo bispo candidamente adormeceu ao lado da mystica rainha.

XII

Uma partida feita ao «Times»

É ao mesmo tempo lamentavel e piccaresco o caso succedido ao \_Times\_.

Este nobre in-folio diario, que inspira orgulho a todo o inglez

sinceramente patriota, e que aos olhos respeitosos do estrangeiro

apparece como uma das mais fortes columnas da sociedade ingleza, como a

propria consciencia da Inglaterra posta em lettra redonda; este augusto

periodico que nunca, desde a sua fundação, citou o nome d'um collega,

nem jámais se abaixou a uma controversia, pelas mesmas razões de

inflexivel etiqueta que vedariam a Luis XIV argumentar com Colbert; esta

austera gazeta que preferiria despedaçar as suas magnificas machinas a

consentir que ellas imprimissem um \_bon-mot\_, uma pilheria, uma linda

bagatella ou uma jovial anecdota; este papel tão pudico que evita o nome

de Zola, como uma indecencia--o \_Times\_, emfim, o venerando \_Times\_, foi

ultimamente victima de uma d'essas \_partidas\_, como nós dizemos,

\_facecias em acção\_, como dizem os Americanos, que são ao mesmo tempo

nefandas e patuscas, que nos abrazam a face de indignação e nos arrancam

aos labios um sorriso, que nos fazem vituperar publicamente o farçante e

saborear secretamente a farça, como se vissemos um rabo de papel pregado

ao manto d'el-rei, ou sobre os cabellos em caracoes da imagem do Senhor

dos Passos--um chapéu alto.

Todas as pessoas que teem folheado esses vastos lençóes de materia

impressa que constituem um numero do \_Times\_, sabem que a quinta pagina

é ordinariamente destinada á publicação dos discursos pronunciados por

homens eminentes da politica, da litteratura, da sciencia, da arte, em

\_meetings\_, comicios, banquetes, inaugurações, \_conversazioni\_, em todos

esses ajuntamentos de \_ladies and gentlemen\_ onde a Inglaterra dá vazão

ao seu tumultuoso fluxo labial!... O \_Times\_ é famoso por estas

reproducções. Não são resumos, nem extractos: são as arengas, palavra a

palavra, especialmente tachygraphadas para o \_Times\_ por um pessoal

experimentado, com as interrupções correctamente transladadas, os

murmurios religiosamente marcados, sem que lhes falte um \_meus

senhores!\_, sem que ficasse perdido um \_oh!\_ ou um \_ah!\_ e revistas,

esmiuçadas, zeladas como se tivessem cahido dos labios de Socrates ou de

Christo prégando outro Evangelho.

Este simples serviço custa por anno ao \_Times\_ milhares de libras--mas

dá-lhe a vantagem de ser elle a acta official do verbo publico da

Inglaterra. Todos os jornaes da Europa assim o reconhecem: quando se

discute um discurso do Sr. Gladstone, uma conferencia do professor

Huxley ou uma predica do arcebispo de Canterbury, tem-se presente, como

texto sagrado, o texto do \_Times\_. Um orador póde negar a incorrecção de

um adjectivo, a violencia de uma apostrophe, quando a apostrophe ou o

adjectivo tenham apparecido nos resumos rapidos de outro jornal: nunca,

quando hajam apparecido nas columnas infalliveis do \_Times\_. Sabe-se a

despeza, o desvelo, a minuciosidade, empregada para obter a exactidão--e

essa exactidão nunca é contestada.

Quando o Sr. Gladstone, na campanha eleitoral da Escocia, soltou essa

famosa invectiva contra o imperio dos Hapsburgos,--o protesto cortez do

embaixador d'Austria era fundado em citações do \_Times\_. Um orador que,

querendo deixar um monumento solido da sua arte, publique os seus

discursos em volumes--collige-os do texto seguro do \_Times\_. O \_Times\_

tem aqui o valor d'uma reproducção photographica. Insisto n'isto, para

tornar mais vivo o horror da facecia.

Ha semanas Sir William Harcourt, o ministro do interior, fez um discurso

em Manchester, discurso consideravel, muito annunciado, muito esperado,

tocando todas as questões que inquietam agora a Inglaterra, a anarchia

da Irlanda, o tratado de commercio com a França, a intervenção no

Egypto, a criação do Governo Municipal de Londres, outras coisas graves

ainda.

Esta arenga, tachygraphada pelo pessoal do \_Times\_ em Manchester,

telegraphada para os escriptorios do \_Times\_ em Londres, foi composta,

lida pelos revisores, revista pelo secretario de Sir William Harcourt,

verificada, comprovada, relida ainda, e, emfim definitivamente

installada na sua pagina... E aqui se colloca a facecia.

Mas é necessario primeiro, para maior indignação e maior goso, conhecer

Sir William Harcourt. De todos os membros do ministerio Gladstone, Sir

William é o mais austero. Já a sua apparencia intimida: grosso,

membrudo, de hombros compactos, com a face imperiosa, pallida, rapada,

Sir William tem as linhas solemnes e marmoreas do busto de um Cesar.

E dentro d'esta fórma romana habita um espirito rigido de doutrinario:

liberal (em comparação com o marquez de Salisbury, que é quadradamente

feudal), Sir William representa no Governo a tradicção, a formula

\_whig\_. É o contrapeso conservador d'este ministerio radical: está alli

como um bloco de granito constitucional para impedir que os outros

ministros, Chamberlain, Sir Charles Dilke, os discipulos de Stuart Mill,

se adiantem muito pela grande estrada da Revolução: e tem por isso essa

ampla solemnidade de maneiras, essa cadencia pomposa de expressão, de

quem se honra em guardar as coisas supremas--a corôa, a egreja, a

aristocracia territorial, os privilegios, a integridade do imperio... É

um solemne. Mesmo abotoado n'um paletot, parece embrulhado n'uma toga. É

moroso, massudo, incapaz de sorrir, tem essa especie de magestade

official que faz lembrar ao mesmo tempo Guizot e um elephante.

E quando a gente o contempla no parlamento, grave, rispido, vestido de

negro--não o póde conceber nas attitudes triviaes da vida, fumando um

cigarro n'um sophá, com uma perna por cima da outra, muito menos de

joelhos, com uma linda mão de mulher entre as suas, murmurando coisas

ternas e tontas...

E é isto que torna atroz e deliciosa a facecia... O discurso solemne

d'este solemne estadista estava, pois, paginado, pronto para passar ás

machinas, quando aproveitando um momento em que a policia interior dos

escriptorios do \_Times\_ casualmente afrouxára de vigilancia, \_alguem\_,

um monstro, um scelerado, subtilmente, pé ante pé, foi ao discurso,

arrancou-lhe dez ou doze linhas, e substitue-as por outras, compostas de

ante-mão, perfida e habilmente compostas! E que linhas! meu Deus! como

posso eu, conservando-me casto, explical-as aos leitores da \_Gazeta de

Noticias\_?

Essas linhas intercaladas no severo discurso do severo ministro eram

(tremo de dizel-o) eram linhas eroticas! Era um grito convulsivo de

desordenada lubricidade; era o ruido d'uma besta agitada por todas as

furias de Venus; era como esse rouco e secco bramar dos veados, nos

bosques, sob a calma do estio; era a balbuciação ebria dos Faunos da

fabula, do deus Priappo, dos Satyros caprinos que vagueavam pelos

pendores sagrados do monte Olympo, ululando, trincando a brancura dos

lyrios, violando o coração das rosas, arremessando-se com pulos ferozes

de bodes ao entreverem, entre as ramagens dos olmos, as claras nymphas

das aguas... Era tudo isto, e era ainda mais.

E, para requinte de facecia, isto não destoava, não chocava, apparecendo

bruscamente e sem ligação, como um monturo immundo entre roseas flôres

de rhetorica. Não: tinha sido \_encaixado\_ com uma habilidade diabolica.

Sir William Harcourt estava accusando os conservadores de affectarem uma

patriotica melancolia em presença dos suppostos perigos, que sob o

regimen liberal correm os grandes principios da ordem monarchica, a

integridade mesma da Inglaterra. E aqui perguntava-lhes, naturalmente

n'um natural movimento de oratoria: «Porque são esses gemidos? Porque é

essa exageração de tristeza publica? Decerto a questão da Irlanda e a do

Egypto são graves: mas o governo de Sua Magestade sabe que as soluções

proveitosas e gloriosas não tardarão... Nós estamos tranquillos. Eu, por

mim, sinto-me na disposição de quem, depois de cumprir um dever

official, tem para o recompensar o sorriso sereno e approvador da

consciencia, etc., etc.»

E justamente aqui as linhas perversas entravam naturalmente traçadas,

desenvolvendo mais esta affirmação de contentamento intimo, mostrando a

exuberancia de espirito d'um ministro galhofeiro, que, em presença do

glorioso estado da cousa publica, admitte que o regosijo da nação tome a

fórma excentrica mas justificavel, de uma tremenda bambochata, de um

regabofe de estalar tudo... Sir William prosseguia (comprehendem bem que

eu dou só expressões aproximativas e atenuadas; traduzir á lettra o que

appareceu publicado no \_Times\_ seria arruinar para sempre os creditos da

\_Gazeta de Noticias\_) Sir William prosseguia: «Eu, por mim, estou

contente. Acho-me até capaz de uma bella folia! Porque não nos daremos

com effeito a uma rica patuscada, com vinhaça e mulherinhas? Oh, as

mulherinhas! Senhoras que me escutaes, arremessae chapéus e vestidos, e

toca a pandegar e a bater um rico batuque!... \_Evohé!\_ Viva o deboche!

Olé, \_champanhe\_! Abracemo-nos, deliremos!...» Isto é só para dar ideia:

o que se lia no \_Times\_ tinha outra crueza d'expressão, outro arranque

d'orgia!...

Imaginem o effeito ao outro dia, quando milhares de numeros do \_Times\_,

contendo esta abominação, penetraram n'esses recatados interiores

inglezes, onde (segundo aqui dizem) habita o typo superior da familia

christã. O \_Times\_, o mais caro dos jornaes, é a folha querida da

aristocracia, da alta burguezia, da grande finança. Não se comprehende

um \_gentleman\_ inglez, do padrão classico, sem ter logo pela manhã

percorrido conscienciosamente o seu \_Times\_: é como o coração mesmo da

Inglaterra, que elle sente um momento entre as mãos e onde verifica cada

dia, com orgulho, um accrescimo de força, uma pulsação maior de

vitalidade. Ordinariamente é ao almoço que se lê o \_Times\_: e n'essa

manhã, vendo-se na quarta pagina, em lettras grossas, O DISCURSO DE SIR

WILLIAM HARCOURT EM MANCHESTER, corria-se naturalmente a elle com

curiosidade, já pelo interesse nacional, já pela sympathia que inspira

Sir William, o seu nome historico, a solida pureza dos seus principios,

a sua alta posição...

Imaginem-se então as scenas! Aqui é uma velha e devota duqueza, cheia de

enthusiasmo pelas questões sociaes, que se aconchega na sua rica

poltrona de tapeçaria, para melhor saborear a nobre oratoria de Sir

William--e que de repente estaca, encara o \_Times\_, limpa as lunetas,

imaginando ter lido mal, torna a percorrer o periodo, passa a mão

tremula pela face, procura anciosamente o seu frasco de saes, volta

ainda a verificar se a não enleia uma allucinação, e, arremessando emfim

para longe a gazeta immunda, sae da sala a passos offendidos, pensando

comsigo que são esses os resultado de um seculo de democracia, de

materialismo e de libertinagem!

Além é um casal de noivos, que, aninhados no mesmo sophá ao pé do fogão,

com os braços entrelaçados, precorrem o \_Times\_, menos para saber da

questão no Egypto, do que para ler o \_compte-rendu\_ de outros casamentos

elegantes ou as noticias de Paris, onde tencionam ir findar a sua lua de

mel; mas encontram o discurso de Sir William, dão-lhe um olhar

distrahido, quando de repente lhes salta d'entre as linhas o jorro

immundo das apostrophes eroticas!

N'outra casa é uma fresca e loura creaturinha de desoito primaveras,

puro lyrio domestico, que faz a leitura do \_Times\_ a um velho tio

general, tolhido de gotta, reliquia veneranda das guerras peninsulares;

o velho escuta, pouco attento á politica do dia que detesta, mas muito

ao encanto d'aquella voz d'oiro ao seu lado; de repente, porém, o pobre

anjo gagueja, pára, faz-se da côr d'uma rosa, treme, a sua vergonha é

tal que lhe saltam as lagrimas dos olhos, e foge, deixando o immundo

\_Times\_ nas mãos do general assombrado:--ou então, caso peior, a doce

rapariga, na sua candura de flôr d'estufa, não comprehende, imagina que

\_aquillo é politica\_, continua a ler com a sua voz d'oiro,--e o

veneravel tio ouve de repente sahir dos labios de botão de rosa, feitos

só para murmurar o que ha de mais casto na musica de Weber, um enxurro

torpe de babugens lubricas.

É medonho! E uma feição curiosa do incidente é que este negro attentado

só foi descoberto nos escriptorios do \_Times\_ ás onze horas da manhã:

isto é, quando o jornal já estava distribuido em Londres, levado pelos

trens de madrugada para toda a provincia, e pela mala de Dover para toda

a Europa! A administração do \_Times\_ telegraphou logo a todos os seus

agentes no mundo, para suspender a distribuição \_e comprar por todo o

preço\_ os torpes numeros já espalhados.

Só estes telegrammas custaram perto de \_dois contos de reis\_. Mas o

melhor é que apenas se soube a historia da catastrophe, e que o \_Times\_

comprava por todo o preço o numero maldito--esse numero tornou-se logo

um valor, um papel de credito, base de especulação, com cotações no

mercado, eguaes, se não superiores, aos fundos de muita nação

civilisada. Eu sei d'um restaurante que toma regularmente quatro numeros

do \_Times\_--e que vendeu os seus exemplares immundos a duas libras cada um.

Realizaram-se, porém, ganhos maiores. O \_Times\_ não regateia, paga. E

até hoje diz-se que em comprar essa fatal edição tem gasto já perto de

\_quarenta contos\_.

O autor da facecia ainda se não descobriu. É sem duvida, um monstro, e

seriamente merece a tremenda sentença com que decerto os tribunaes

inglezes o demoliriam, se elle apparecesse. Mas, por outro lado,

considerando que quarenta contos são apenas um somma minima para a

fortuna do \_Times\_, e que esta gazeta austera leva o seu pedantismo e a

sua empolada \_pruderie\_ a sustar, como obscena, a menção sequer dos

livros de Zola e de outros realistas,--eu não posso deixar de pensar,

com laivos de regosijo, que a Providencia tem armas obliquas e terriveis!

Nunca, decerto, desde a invenção da imprensa, aconteceu um jornal

publicar, na sua melhor pagina, em letras salientes, doze linhas

immundas de desbragada obscenidade; e ser o \_Times\_, o primeiro que o

fez, o \_Times\_, o mais pesado, mais moroso, mais solemne, mais

pedagogico, mais reverente de todos os jornaes que têm existido desde a

invenção da imprensa--é, digam o que disserem, divertido.

E, terminando, peço ás almas caritativas e justas uma bôa risada á custa

do \_Times\_.

INDICE

Pag.

Afghanistan e Irlanda............. 1

Ácerca de livros.................. 15

O inverno em Londres.............. 33

O Natal........................... 45

Litteratura de Natal.............. 55

Israelismo........................ 63

A Irlanda e a Liga Agraria........ 77

Lord Beaconsfield................. 95

Os inglezes no Egypto............. 125

O Brasil e Portugal............... 207

A festa das creanças.............. 223

Uma partida feita ao \_Times\_...... 231

End of Project Gutenberg's Cartas de Inglaterra, by José Maria Eça de Queirós

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CARTAS DE INGLATERRA \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 25641-8.txt or 25641-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:

http://www.gutenberg.org/2/5/6/4/25641/

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images

of public domain material from Google Book Search)

Updated editions will replace the previous one--the old editions

will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no

one owns a United States copyright in these works, so the Foundation

(and you!) can copy and distribute it in the United States without

permission and without paying copyright royalties. Special rules,

set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to

copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to

protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project

Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you

charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you

do not charge anything for copies of this eBook, complying with the

rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose

such as creation of derivative works, reports, performances and

research. They may be modified and printed and given away--you may do

practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is

subject to the trademark license, especially commercial

redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free

distribution of electronic works, by using or distributing this work

(or any other work associated in any way with the phrase "Project

Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project

Gutenberg-tm License (available with this file or online at

http://gutenberg.net/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm

electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm

electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to

and accept all the terms of this license and intellectual property

(trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all

the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy

all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession.

If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project

Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the

terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or

entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be

used on or associated in any way with an electronic work by people who

agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few

things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works

even without complying with the full terms of this agreement. See

paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project

Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement

and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic

works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project

Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the

collection are in the public domain in the United States. If an

individual work is in the public domain in the United States and you are

located in the United States, we do not claim a right to prevent you from

copying, distributing, performing, displaying or creating derivative

works based on the work as long as all references to Project Gutenberg

are removed. Of course, we hope that you will support the Project

Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by

freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of

this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with

the work. You can easily comply with the terms of this agreement by

keeping this work in the same format with its attached full Project

Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern

what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in

a constant state of change. If you are outside the United States, check

the laws of your country in addition to the terms of this agreement

before downloading, copying, displaying, performing, distributing or

creating derivative works based on this work or any other Project

Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning

the copyright status of any work in any country outside the United

States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate

access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently

whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the

phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project

Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed,

copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with

almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or

re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included

with this eBook or online at www.gutenberg.net

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived

from the public domain (does not contain a notice indicating that it is

posted with permission of the copyright holder), the work can be copied

and distributed to anyone in the United States without paying any fees

or charges. If you are redistributing or providing access to a work

with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the

work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1

through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the

Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or

1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted

with the permission of the copyright holder, your use and distribution

must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional

terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked

to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the

permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm

License terms from this work, or any files containing a part of this

work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this

electronic work, or any part of this electronic work, without

prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with

active links or immediate access to the full terms of the Project

Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary,

compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any

word processing or hypertext form. However, if you provide access to or

distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than

"Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version

posted on the official Project Gutenberg-tm web site (www.gutenberg.net),

you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a

copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon

request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other

form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm

License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying,

performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works

unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing

access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided

that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from

the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method

you already use to calculate your applicable taxes. The fee is

owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he

has agreed to donate royalties under this paragraph to the

Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments

must be paid within 60 days following each date on which you

prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax

returns. Royalty payments should be clearly marked as such and

sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the

address specified in Section 4, "Information about donations to

the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."

- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies

you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he

does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm

License. You must require such a user to return or

destroy all copies of the works possessed in a physical medium

and discontinue all use of and all access to other copies of

Project Gutenberg-tm works.

- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any

money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the

electronic work is discovered and reported to you within 90 days

of receipt of the work.

- You comply with all other terms of this agreement for free

distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm

electronic work or group of works on different terms than are set

forth in this agreement, you must obtain permission in writing from

both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael

Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the

Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable

effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread

public domain works in creating the Project Gutenberg-tm

collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic

works, and the medium on which they may be stored, may contain

"Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or

corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual

property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a

computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by

your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right

of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project

Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project

Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all

liability to you for damages, costs and expenses, including legal

fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT

LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE

PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE

TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE

LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR

INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH

DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a

defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can

receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a

written explanation to the person you received the work from. If you

received the work on a physical medium, you must return the medium with

your written explanation. The person or entity that provided you with

the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a

refund. If you received the work electronically, the person or entity

providing it to you may choose to give you a second opportunity to

receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy

is also defective, you may demand a refund in writing without further

opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth

in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER

WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO

WARRANTIES OF MERCHANTIBILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied

warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages.

If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the

law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be

interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by

the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any

provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the

trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone

providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance

with this agreement, and any volunteers associated with the production,

promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works,

harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees,

that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm

work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any

Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of

electronic works in formats readable by the widest variety of computers

including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists

because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from

people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the

assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's

goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will

remain freely available for generations to come. In 2001, the Project

Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure

and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations.

To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4

and the Foundation web page at http://www.pglaf.org.

Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive

Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit

501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the

state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal

Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification

number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at

http://pglaf.org/fundraising. Contributions to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent

permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S.

Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered

throughout numerous locations. Its business office is located at

809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email

business@pglaf.org. Email contact links and up to date contact

information can be found at the Foundation's web site and official

page at http://pglaf.org

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby

Chief Executive and Director

gbnewby@pglaf.org

Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg

Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide

spread public support and donations to carry out its mission of

increasing the number of public domain and licensed works that can be

freely distributed in machine readable form accessible by the widest

array of equipment including outdated equipment. Many small donations

($1 to $5,000) are particularly important to maintaining tax exempt

status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating

charities and charitable donations in all 50 states of the United

States. Compliance requirements are not uniform and it takes a

considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up

with these requirements. We do not solicit donations in locations

where we have not received written confirmation of compliance. To

SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any

particular state visit http://pglaf.org

While we cannot and do not solicit contributions from states where we

have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition

against accepting unsolicited donations from donors in such states who

approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make

any statements concerning tax treatment of donations received from

outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation

methods and addresses. Donations are accepted in a number of other

ways including including checks, online payments and credit card

donations. To donate, please visit: http://pglaf.org/donate

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic

works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm

concept of a library of electronic works that could be freely shared

with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project

Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed

editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S.

unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily

keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

http://www.gutenberg.net

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm,

including how to make donations to the Project Gutenberg Literary

Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to

subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.